

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

*Projetos de vida labirínticos:*

*Uma opção de vida ou uma vida sem opção?*



**Volume II**

**Apêndices e Anexos**

Cátia Sofia Pereira Matias

LEIRIA

*março de 2016*

Cátia Sofia Pereira Matias

***Projetos de vida labirínticos:***

***Uma opção de vida ou uma vida sem opção?***

**Volume II**

**Apêndices e Anexos**

Dissertação apresentada na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria para obtenção do grau de Mestre em Mediação Intercultural e Intervenção Social sob orientação do Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira

LEIRIA

*março de 2016*

# Índice

<b>Apêndices.....</b>	<b>4</b>
<b>Apêndice A.....</b>	<b>5</b>
<i>Atividade de aproximação ao Photovoice.....</i>	<i>5</i>
<i>Apêndice A.1 Planificação das Sessões .....</i>	<i>6</i>
<i>Apêndice A.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</i>	<i>10</i>
<i>Apêndice A.3 Pelos olhos de .....</i>	<i>12</i>
<i>António, 59 anos, arrumador de carros, (ex) toxicod dependente, alcoólico.....</i>	<i>13</i>
<i>Eliseu, 39 anos, ex sem-abrigo .....</i>	<i>17</i>
<i>Fonseca, 59 anos, portador de VIH, ex-alcoólico .....</i>	<i>21</i>
<i>Imagens apresentadas a Maria, 43 anos, prostituta.....</i>	<i>24</i>
<i>Apêndice A.4 Apresentação de Resultados .....</i>	<i>28</i>
<b>Apêndice B-Entrevistas .....</b>	<b>33</b>
<i>Apêndice B1 -Entrevista Etnobiográfica – Guião .....</i>	<i>34</i>
<i>Apêndice B.2 -Vozes.....</i>	<i>36</i>
<i>Apêndice B.3 Sinopses das entrevistas.....</i>	<i>197</i>
<b>Anexos.....</b>	<b>223</b>
<i>Anexo A -D.L. 400/82 de 23 de setembro.....</i>	<i>225</i>
<i>Anexo B-Declaração de Salamanca.....</i>	<i>226</i>
<i>Anexo C- Constituição da República Portuguesa.....</i>	<i>243</i>
<i>Anexo D - Estatutos da InPulsar-Associação para o Desen. Comunitário .....</i>	<i>262</i>
<i>Anexo E - Regulamento do Exercício da Atividade de Arrumador de Automóveis do Município de Leiria.....</i>	<i>273</i>

## **Apêndices**

---

## **Apêndice A**

---

### **Atividade de aproximação ao *Photovoice***

*Apêndice A.1*  
*Planificação das Sessões*



### Planificação das Sessões Metodologia de aproximação ao *Photovoice*

Tema: **Projetos de Vida Labirínticos: Uma opção de vida ou uma vida sem opção.**

Objetivos gerais: Compreender a perspetiva dos cidadãos em situação de vulnerabilidade e/ou exclusão social sobre o seu trajeto de vida, os seus campos de possibilidade e projetos futuros averiguando as dificuldades de inserção e as pequenas mudanças que poderão ajudar a melhorar a sua condição de vida; Promover a participação dos cidadãos na criação de projetos de vida. Contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, possibilitando aos participantes uma nova perspetiva de vida.

Sessões Individuais	Objetivos	Atividades	Documentos/ Instrumentos de apoio	Duração/ Data
1.ª Sessão	Explicitar os objetivos da metodologia <i>photovoice</i> .	<p>1. Apresentação dos objetivos e introdução à metodologia (assinatura do termo de consentimento);</p> <p>Explicação de algumas regras básicas para fotografar e do funcionamento das máquinas fotográficas;</p> <p>Explicitação do conteúdo da declaração de consentimentos informados;</p> <p>Regras: devolução das máquinas; quantidade de fotografias; salvaguardar identidade de pessoas fotografadas;</p> <p>Questão para a sessão seguinte: <i>A minha recordação mais feliz...</i></p>	<p>Termo de Consentimento</p> <p>Máquinas fotográficas</p> <p>Bloco de apontamentos</p>	1h

<p>2.<sup>a</sup> Sessão</p>	<p>Compreender a forma como o seu passado influenciou a sua situação atual (dificuldades/ pontos fortes).</p>	<p>Questões: 1. Quais foram as maiores dificuldades na realização da tarefa: Definição do objeto conseguir recordar momentos felizes?</p> <p>Questão para a sessão seguinte: <i>O que mais gosto nos meus dias é...</i></p>	<p>Máquinas fotográficas Gravador Bloco de apontamentos</p>	<p>1h</p>
<p>3.<sup>a</sup> Sessão</p>	<p>Perceber o modo como vive o presente e encara a sua situação de exclusão social perante a comunidade.</p>	<p>Questionar: 1. Quais foram as maiores dificuldades: definição do objeto; saber o que mais gosta de fazer; o que sentiu?</p> <p>Questão para a sessão seguinte: <i>O meu maior sonho é...</i></p>	<p>Máquinas fotográficas Gravador Bloco de apontamentos</p>	<p>1h</p>
<p>4.<sup>a</sup> Sessão</p>	<p>Recolha das máquinas fotográficas Compreender de que forma os investigados percecionam o seu futuro</p>	<p>Entrega das máquinas fotográficas; Recolha dos materiais utilizados durante as sessões.</p> <p>Questionar: Quais as maiores dificuldades: Definição do objeto, estabelecimento de campos de possibilidades e perspetivas de futuro?</p>	<p>Máquinas fotográficas Gravador Bloco de apontamentos</p>	<p>1h</p>

5. <sup>a</sup> Sessão	Elaboração da síntese dos resultados	Entrega das máquinas fotográficas;  Recolha dos materiais utilizados durante as sessões.		
6. <sup>a</sup> Sessão	Elaborar síntese dos resultados	Apresentação das fotografias selecionadas pelo participante relacionadas com cada questão; Técnicas de questionamento: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O que é que vê na foto?</li> <li>2. O que é que está a acontecer?</li> <li>3. De que forma é que esta imagem está relacionada com a sua vida?</li> </ol> Conclusões; Discussão dos resultados a apresentar; Selecionar as histórias/ narrativas para acompanhar as fotografias; Avaliação das sessões	Fotografias;  Cartolinas, cola, tesoura;  Folhas Brancas;  Bloco de Apontamentos;  Gravador.	1h para cada participante
Disseminação dos resultados – a definir				

Nota: Na sessão haverá um lanche partilhado.

As sessões poderão ser alteradas dependendo da disponibilidade dos participantes.

*Apêndice A.2*

*Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: *Projetos de vida labirínticos: Uma opção de vida ou uma vida sem opção?*

Responsáveis: Cátia Sofia Pereira Matias - contactos: cxxx@gmail.com

Eu, \_\_\_\_\_ abaixo assinado declaro ter pleno conhecimento do que se segue:

- 1) Fui informado(a), de forma clara e objetiva que as sessões de trabalho se integram numa investigação no âmbito do Mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social lecionado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.
- 2) Tenho conhecimento que o objetivo desta atividade (aproximação à metodologia *Photovoice*) é compreender qual o meu trajeto e meu projeto de vida, nomeadamente em três aspetos: 1)O que contribuiu para a minha situação atual; 2)Como vivo o meu presente e 3)Qual o meu maior sonho ou projeto de vida.
- 3) Tomei conhecimento de que a investigação acima mencionada é denominada “*Projetos de vida labirínticos: Uma opção de vida ou uma vida sem opção?*” na qual irei participar em três sessões presenciais de aproximação à metodologia *Photovoice* e também através de entrevistas etnobiográficas.
- 4) Foi-me esclarecido que os resultados da investigação serão divulgados no âmbito da dissertação a apresentar como trabalho final do mestrado, mantendo-se a minha identidade em sigilo;
- 5) Foi-me esclarecido que os resultados das fotografias serão também divulgados na referida dissertação e possivelmente junto da comunidade, mediante autorização e caso assim se considere pertinente;
- 6) Sei que a responsável pela atividade irá manter a confidencialidade de todas as respostas e dados que comprometam a minha privacidade;
- 7) Tomei conhecimento que a minha participação é voluntária e, poderei recusar-me a participar a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Declaro que concordo em participar na investigação.

Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e foi-me dada a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas.

Nome

Assinatura do Participante

Data

Nome

Assinatura da responsável pela investigação

Data

***Apêndice A.3***  
***Pelos olhos de...***

***António, 59 anos, arrumador de carros, (ex) toxicod dependente, alcoólico***



Foto1

*“Neste castelo tenho uma boa (recordação), com a E. lá, andámos lá a curtir os dois, a passear... Tivemos, passámos lá uma tarde, bem-dispostos. Oh, bem-dispostos, bebemos, fumávamos... ali na conversa, a ver a paisagem.... e aquela coisa toda. Mas também me lembrei de recordações do castelo de S. Jorge porque são recordações mais interessantes. Também de namoros, namoradas...Quando era mais novo...”*



Foto2

*“Esta da avioneta, esta é muito importante, sabes porquê? [...] andei acompanhado aí de uma rapariga uns dez anos, que é a P. Houve um inverno que nós não tínhamos onde dormir, então eu descobri esta avioneta e fui para lá dormir, passamos lá o inverno. Limpámos aquilo tudo... [...] É romântico, é. No chão tínhamos umas esponjas e um saco de cama, não é? Duplo, de casal. De manhã enrolava o saco de cama, fazíamos as mochilas, íamos para o jardim vender artesanato”*



Foto3

*“Esta fonte[...]aquí tem muita história. Recordações. [...]nós aqui fazíamos três coisas. Tomávamos banho no verão, quando o tempo estava macio... A P. lavava a roupa, depois aqui nesta parte de cima fazia uma fogueira, fogo, e assávamos peixe ou carne... e salada e comíamos”.*



Foto4

*“Mas tem a ver com o rio Tejo, porque foi no rio Tejo que eu aprendi a nadar. Foi no rio Tejo que eu tive as minhas namoradas. Foi no Tejo que eu curti a vida, a minha juventude. E aí vivi, a minha juventude foi no rio Tejo, no verão. Está perto, da casa dos meus pais [...]Este rio(Lis), um pouco mais à frente, é onde eu estou a arrumar carros...”*



Foto5

*“Eu estou lá obrigatoriamente. Preciso do dinheiro para sobreviver. [...] Sim, para as despesas, para comer e para os vícios [...] Não é o gostar. Porque o que eu gosto mais dos meus dias, não é de estar ali... Quando consigo vou, quando não consigo vou arrumando os carros. Mas não tem nada a ver... eu não gosto nada disto”.*



Foto 6

*“É o que eu gostava mais de fazer, era ler, eu gosto muito de ler. Foi ela (E.) que me tirou porque eu gosto muito de ler.[...] O que eu gosto mais nos meus dias é ler...”*



Foto 7

*“É o que eu gostava de ter no futuro. Era uma vivenda, tipo esta. Também é muita bonita[...] Não me sai o euromilhões o que queres que eu te faça?? Sonhar é normal do ser humano mas depois falta o resto, sem dinheiro não podemos realizar os sonhos”.*

***Eliseu, 39 anos, ex sem-abrigo***



Foto 8

*“Sim. Gosto. Prontos, estar fechado, não gosto. Muito tempo não. Assim prontos, aí meia hora, ainda vai naquela, agora mais de meia hora, assim mais ou menos, não...”*

Foto 9

*O passado já lá vai... Agora é seguir em frente e está a andar. Só se vive um dia de cadavez”.*





Foto 10

*“Estive, e ainda estive na rua bastante tempo. Ainda estive na rua bastante tempo e cheguei a dormir em autocarros abandonados [...] Ia comer ao Centro de Acolhimento, tomar banho e não sei quê, mas dormir... Às vezes dormia em casas abandonadas... Ainda estive vinte dias aí, e depois houve uma amiga que me deu o quarto, prontos...”*



Foto 11

*” [...]o ar livre, gosto de andar ao ar livre, gosto da natureza, dos animais[...] passear no mato [...] as cascatas, principalmente junto ao rio marcando território à volta do centro (de acolhimento)”.*



Foto 12

*“... Onde estive, tratava dos animais... e era ao ar livre [...] era ao ar livre. Prontos, eu gostava. Gostava e gosto da natureza”.*



Foto 13

*“Passear no mato e... prontos, temos o ribeiro, também tínhamos cascatas. Tínhamos patos, dava de comer aos patos e... tínhamos vários animais [...]”*



Foto 14

*“É este jardim, parque dos mortos. É o que dizem. Acho eu. É o que lhe chamam. É ao ar livre, gosto de andar ao ar livre, gosto da natureza, dos animais...”*



Foto 15

*“ [...] Na família primeiro. Isso depois a casa arranja-se [...] Então um filho, pois. Uma sementezinha... Prontos, mais não digo, porque também está difícil a vida não? E depois trazer as crianças ao mundo para estar nessa vida não vale a pena. Assim, com um filho ainda se tolera e ainda se aguenta e coiso. Depende também de como corre a vida, não é?”*

***Fonseca, 59 anos, portador de VIH, ex-alcoólico***



Foto 16

*“É esta da minha Santinha: Santa Maria Adelaide em Arcozelo. Vou lá todos os anos com companhia ou sozinho”.*



Foto 17

*“... a minha afilhada I. que morreu com paralisia cerebral e também tinha epilepsia como eu. Esse chorão que se vê na foto está ao pé da minha casa e tem treze anos, idade da minha I. que faleceu”.*



Foto 18

*“Sim, dou-me otimamente bem. A minha mãe tem uma saúde de ferro”.*



Foto 19

*“Na altura que soube que tinha VIH ninguém sabia nem ninguém sabe agora para não ser marginalizado. Já me senti marginalizado no posto médico e em cafés. Porque é que uma pessoa é tão discriminada?”*



Foto 20

*“Sou muito económico. Não gosto de gastar dinheiro onde não é preciso e em tudo o que possa usar gratuitamente ou seja dado por associações eu peço”.*

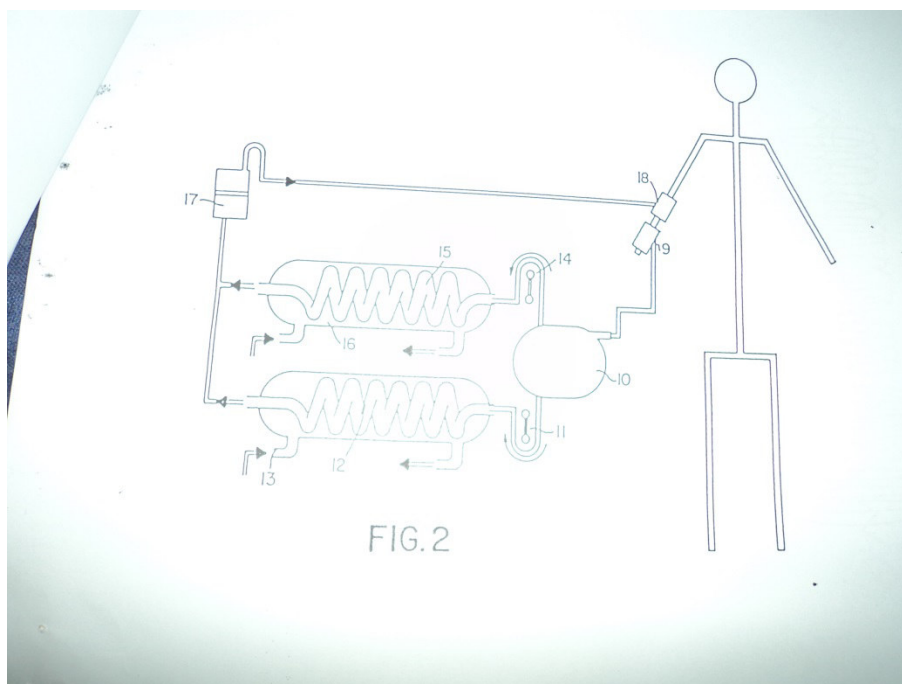


Foto 21

*“O que queria mesmo era pôr a máquina a trabalhar. Faz uma limpeza ao sangue e com os retrovirais (anti-retrovirais) temos de ir de 6 em 6 meses a Coimbra [...] Isto já está tudo pensado, nesta cabeça não escapa nada!”*

***Imagens apresentadas a Maria, 43 anos, prostituta***



Foto 22

*“É a casa das meninas, a casa amarela. Não gosto desse sítio, não gosto nada.”*  
*(local onde se prostitui)*



Foto 23

*“Esta é a tristeza, uma pessoa triste, não gosto. Estou muitas vezes assim”.*



Foto 24

*“Esta é a pedir a Deus, está a abrir os braços... está... contente... está a agradecer...”*



Foto 25

*“É o amor de um homem e uma mulher”*



Foto 26

*“A mãe com o filho ao colo... é muito linda esta...”*



Foto 27

*“Esta não quero ver, faz-me lembrar os meus meninos...”*



Foto 28

*“Nesta estão todos agarrados. É uma família feliz. Gosto desta porque me faz lembrar da altura em que fui feliz com o meu ex-marido e os meus filhos. Éramos uma família”.*

*Apêndice A.4*  
*Apresentação de Resultados*

Resultado final da atividade de aproximação ao *photovoice* realizada com cada um dos investigados:

*António*



*Eliseu*



*Fonseca*



## *Maria*



*“É esta. Gosto desta porque me faz lembrar da altura em que fui feliz com o meu ex-marido e os meus filhos. Éramos uma família.”*

Nota: A Maria não realizou a atividade de aproximação ao *photovoice* por dificuldades de manuseamento da máquina fotográfica.

Para ir de encontro à finalidade da atividade, confrontámo-la com algumas fotografias que retratavam alegria, tristeza, união, família, solidão para auscultar a sua opinião sobre esses temas. A Maria escolheu esta imagem como a sua preferida e levou-a para sua recordação.

## **Apêndice B**

---

### **Entrevistas**

*Apêndice B1*  
*Entrevista Etnobiográfica – Guião*

### *Guião da entrevista Etnobiográfica*

#### **1. Pode falar-me um pouco de si, nomeadamente do seu passado?**

(tópicos orientadores)

- a) Família - *Que recordações têm da sua família?*
- b) Escola - *Frequentou o ensino até que ano de escolaridade?*
- c) Condições de vida (económicas; sociais)

Na altura tinha alguns constrangimentos a nível económico? Sentia-se integrado socialmente?

#### **2. Como ocupa hoje os seus dias? Esta realidade é satisfatória para si?**

(tópicos orientadores)

- a) O que aconteceu para que se alterasse relativamente à realidade que vivia anteriormente? Como se deu a rutura?
- b) Tem um trabalho fixo? O que faz para viver/sobreviver?
- c) Que importância assume para si a escola, a família, o trabalho e os amigos?
- d) Tem alguém a seu cargo? Com quem vive?

#### **3. Como vê a sua vida daqui a 5 anos?**

(tópicos orientadores)

- a) Quais o projeto para o futuro?
- b) Considera mudar de área geográfica?
- c) Constituir família? Ter filhos?
- d) Conseguir um trabalho?

## ***Apêndice B.2***

### ***Vozes***

*António*

*1.ª Entrevista – António – Setembro de 2015<sup>1</sup>*

**Investigadora:**

Boa tarde António, como está?

**Investigado:**

Tudo bem?

**Investigadora:**

Gostaria de lhe apresentar uma atividade...

**Investigado:**

Sim.

**Investigadora:**

Vou apresentar-lhe três questões ou temas e o António, com esta máquina que lhe vou dar vai tirar fotografias relacionadas com isso.

**Investigado:**

Esta bem... e são sobre quê?

**Investigadora:**

Já lhe explico tudo. Vai imaginar qual a resposta que daria às questões e depois vai tirar uma fotografia (pelo menos) para representar cada uma.

Esta atividade tem a ver com a investigação que tenho vindo a fazer, da qual já falámos. Importa-me saber como vê a sua vida, como se sente e o que espera do seu futuro.

**Investigado**

Tá bem...

---

<sup>1</sup> Nesta entrevista não foram solicitados elementos de identificação do investigado e outros de natureza análoga dada a relação pré-existente entre investigador e investigado que permitiram tomar conhecimento desses dados previamente.

**Investigadora:**

Não se preocupe que já lhe explico...

Vou agora explicar o conteúdo e dar-lhe a assinar este acordo em como decide participar na investigação e de que poderá desistir a qualquer altura. (seguiu-se explicação do conteúdo do termo de consentimento livre e esclarecido e do funcionamento da máquina fotográfica).

*2.º Entrevista – António - 23 de novembro de 2015*

**Investigado**

É o que eu gostava de ter no futuro.

**Investigadora**

Sim.

**Investigado**

Era uma vivenda, tipo esta. Também é muita bonita. Sabes onde é que fica? Mais ou menos?

**Investigadora**

Sei, sei, sei.

**Investigado**

Esteve à venda muito tempo. E foi aí mesmo que a gente tirou essa fotografia. Esta...

**Investigadora**

Essa também ficou bonita.

**Investigado**

Esta foi ela que tirou no bairro... naquele snack-bar ao lado do Aldi.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Recordações... É o que eu gostava mais de fazer, era ler, eu gosto muito de ler.

**Investigadora**

Gosta de ler. Pois, eu já percebi.

**Investigado**

Mas eu nem a quarta classe tenho...

**Investigadora**

Está muito bonita, é bom ter cultura...

**Investigado**

É isso mesmo. Foi ela que me tirou porque eu gosto muito de ler. Ah, esta faz parte...

**Investigadora**

Desta?

**Investigado**

Exatamente. Foi a E. também que me tirou.

**Investigadora**

Porque estas têm a ver aqui com o maior sonho, não é?

**Investigado**

Sim. Com o maior sonho. É, exatamente. O meu maior sonho, é isso mesmo. Exatamente. Portanto, estas primeiras fotos têm a ver com a minha...O que eu gosto mais nos meus dias. O que eu gosto mais nos meus dias é ler...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

É ler... Falta aqui uma fotografia que a E. não me tirou. Tirou em casa mas não apanhou...

**Investigadora**

Se calhar não saiu.

**Investigado**

Não. O que eu gosto mais nos meus dias é ler, é estar assentado a ver um filme, ou um programa de televisão...Gosto de ver filmes, gosto de ler, gosto de ver os programas... Algumas coisas, não vejo todas...Gosto de ver o canal 2 porque dão coisas bonitas e, portanto, cultura.

**Investigadora**

Sim, sim.

**Investigado**

Estou a ver televisão. Eu gosto de ver televisão, cultura. Programas de cultura, se não tiver cultura, novelas ou falar de política ou isso assim, não gosto.

Mas se estiverem a falar, por exemplo, da natureza, não é?

**Investigadora**

Aqueles programas...

**Investigado**

A vida animal...

**Investigadora**

... da vida selvagem...

**Investigado**

... essas coisas assim, eu gosto.

**Investigadora**

Sim, sim. Gosta?

**Investigado**

Vejo até acabar. Aos domingos. Dá sempre essas coisas. E é ler, enfim... Esta é o que mais gosto nos meus dias. E descansar também, não é? É também o que eu gosto mais nos meus dias. O que é que eu estava aqui a fazer? Isto foi no parque.

**Investigadora**

Foi no parque, sim. Naquele parque onde costuma estar a arrumar, não é?

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

Pois, pareceu-me que era lá.

**Investigado**

É. Mas já não sei porque ele estava ali. Já foi há muito tempo, uma pessoa também se esquece. O que eu gosto mais nos meus dias é ler... Esta aqui, não me estou a recordar de nada. Quem me tirou essa fotografia foi aquele rapaz que está internado. Não sei como é que ele se chama... É, mas tem a ver com isso.

**Investigadora**

Com os seus dias também.

**Investigado**

Com o que eu gosto mais... nos meus dias. Essa tem a ver, não é?

**Investigadora**

Essa também tem a ver com isso?

**Investigado**

Tem. Esta também tem a ver.

**Investigadora**

Pois, porque este é o local onde passa também a maior parte do seu tempo.

**Investigado**

É, é.

**Investigadora**

É aí nesse sítio.

**Investigado**

Mas eu não estou a ver bem...

**Investigadora**

O que é que queria...

**Investigado**

... o significado desta fotografia...

**Investigadora**

Exatamente. O que é que queria demonstrar?

**Investigado**

No momento, quando ma tiraram, que a mandei tirar...

**Investigadora**

Sabia?

**Investigado**

Sabia. Mas já foi há muito tempo. Já passou quanto tempo? Já um mês?

**Investigadora**

É provável.

**Investigado**

Já não me lembro, sinceramente, não me lembro. Mas tem a ver qualquer coisa.

**Investigadora**

Talvez o local...

**Investigado**

Não. O local não,

**Investigadora**

Não?

**Investigado**

O local não. O local não é porque eu não gosto de arrumar carros.

**Investigadora**

Não gosta?

**Investigado**

Eu estou lá obrigatoriamente.

**Investigadora**

Por obrigação.

**Investigado**

Preciso do dinheiro para sobreviver. Não é o gostar. Porque eu gosto mais dos meus dias, não é de estar ali...

**Investigadora**

Houve uma altura que o A. até conseguiu outro emprego e até andava mais entusiasmado.

**Investigado**

Quando consigo vou, quando não consigo vou arrumando os carros. Mas não tem nada a ver com... eu não gosto nada disto. Tem a ver... Não me lembro. Esta foto, não me lembro, sinceramente... Mas tenho qualquer coisa na mão. O que é que eu tenho aqui na mão?

**Investigadora**

Parece uma carteirinha ou...

**Investigado**

Ah, é dinheiro, se calhar.

**Investigadora**

Ah, se calhar, é.

**Investigado**

O que eu gosto mais... Ah, é exatamente, o que eu gosto mais na vida é ter dinheiro.

**Investigadora**

Ter dinheiro, claro.

**Investigado**

Para sobreviver.

**Investigadora**

Conseguir arranjar dinheiro.

**Investigado**

Dinheiro para sobreviver.

**Investigadora**

Dinheiro para sobreviver.

**Investigado**

É, é. É isso tudo. Tinha um porta-moedas, que se calhar é isto que estava aqui...

**Investigadora**

Parece-me uma carteirinha pequenina. Acho que é. Ah e tinha... Estava assim aberto...

**Investigado**

Estava aberto, que é o que eu gosto mais...

**Investigadora**

Era...

**Investigado**

... de ter nos dias é ter dinheiro. Para ir ao café comprar tabaco e comer. Se não for assim, também uma pessoa se não tiver nada, também não gosta de viver. Se acordar e não tem dinheiro para tomar um café...E para fumarem um cigarro, se calhar o dia não é bom. Agora se tiveres dinheiro já... A vida já é diferente. Quando eu estou por aí com os copos a primeira coisa que faço é ver os bolsos do blusão.

**Investigadora**

Para ver se tem moedas?

**Investigado**

Sim. À procura da carteira. Às vezes acontece: *“Epá tenho aqui cinco euros escondidos.”* Outra vez vou ao porta-moedas: *“Pronto, já tenho dinheiro para o pequeno-almoço, tenho tabaco, já me governo”*. Saio à rua...já mais alegre. Estou mais alegre. Com a cara...Que já tenho qualquer coisa, já é... Agora quando não tenho nada, aí já é mais complicado porque tenho de me fazer à vida para um café.

**Investigadora**

Pois.

**Investigado**

Eu ontem tinha dez euros, gastei os dez euros nos copos, hoje quero beber um café e não tenho.

**Investigadora**

E não tem.

**Investigado**

É o que eu gosto mais também diariamente...

**Investigadora**

É ter dinheiro para conseguir...

**Investigado**

... é ter para sobreviver.

**Investigadora**

Para os seus gastos diários.

**Investigado**

É. Esta pertence aqui.

**Investigadora**

É daqui também. Exatamente.

**Investigado**

Esta é que é... Qual é o tema?

**Investigadora**

É da recordação mais...

**Investigado**

Ah, pois, a recordação. A recordação, porque eu tiro uma fotografia ao castelo porque eu tenho grandes recordações do castelo de S. Jorge em Lisboa.

**Investigadora**

Já viveu lá?

**Investigado**

Onde?

**Investigadora**

Em Lisboa?

**Investigado**

Eu estudei no Barreiro, em rapaz...

**Investigadora**

Ah, não é de cá?

**Investigado**

Passa o Rio Tejo, margem sul...

**Investigadora**

Sim, sim.

**Investigado**

A minha família é toda dali.

**Investigadora**

Ah, o A. não é daqui?

**Investigado**

Eu vim para Leiria. Não. A minha família vive em Lisboa, vive em Almada, vive no Barreiro... O meu filho vive no Laranjeiro. O meu filho depois acabou no Laranjeiro, mas nasceu em Lisboa, na Maternidade A.. Mas eu gosto do Barreiro, os meus pais... A família toda.

**Investigadora**

E toda dali?

**Investigado**

Os meus tios, os meus primos, é tudo. A minha família é toda ali daquela zona. Setúbal, Barreiro, Almada, Lisboa... Ali aquela zona toda. Eu tenho recordações do castelo... Neste castelo tenho uma boa, com a Elsa lá, andámos lá a curtir os dois, a passear... Tivemos, passámos lá uma tarde, bem-dispostos. Oh, bem-dispostos, bebemos, fumávamos... ali na conversa, a ver a paisagem.... e aquela coisa toda. Mas também me lembrei de recordações do

castelo de S. Jorge porque são recordações mais interessantes. Também de namoros, namoradas...Quando era mais novo...

**Investigadora**

Passou lá a sua juventude...

**Investigado**

Pois. Passei lá...É, exatamente. Então quando eu era novo no castelo de S. Jorge, o castelo é muito bonito. Já foste alguma vez?

**Investigadora**

Não.

**Investigado**

Aquilo é enorme. Aquele castelo é enorme. Tem restaurantes, tem animais de qualquer qualidade, tem pavões, tem diversas qualidades de animais.

Nada a ver com este. O castelo de S. Jorge é muito bonito, aquilo é um mundo lá dentro.

Agora já se paga entrada. Agora já se paga entrada. Tem uns canhões montados assim em direção para o rio Tejo do tempo da guerra ...quando Portugal estava em guerra o inimigo entrava pelo rio Tejo.

Por Cascais no mar em direção a Lisboa. E ali o castelo, com os canhões apontados, eliminavam os inimigos...Continua lá. Aquilo continua lá.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Os canhões estão lá. Aqueles pequenos em cima da muralha. Tem uma altitude cá para baixo, cuidado com eles. É bonito. Eu tinha recordações porque ia lá várias vezes. E aqui tenho lá recordação porque também passei lá uma tarde, e tenho outra recordação... Houve uma vez e mais dois amigos, aqui no castelo, a parte de trás do castelo...

**Investigadora**

Sim...

**Investigado**

... estava, o estádio está ali, mas é o estádio antigo de Leiria...que era mais em baixo, eu e mais dois subimos a muralha aqui da parte de trás e vimos o futebol daqui... Eu tinha trinta e tal anos, levámos garrafas de vinho e fomos os dois, enfim... Vimos, não vimos o jogo todo. Porque o outro rapaz vive ali de frente, da parte de baixo do castelo, frente à polícia. E eu estava lá a viver na casa dele. Então: “Vamos ver o futebol, eu conheço isto, damos ali a volta ao castelo, subimos ali uma muralha que está ali, não sei quê, não sei que mais...” Arriscado, um bocadito arriscado...

**Investigadora**

Pois foi...

**Investigado**

Enfim, e foi assim. É essa recordação que eu tenho aqui do castelo de Leiria e mais propriamente, lembrei-me do castelo de S. Jorge. É isto. Esta da avioneta, esta é muito importante, sabes porquê?

**Investigadora**

Esta é muito linda.

**Investigado**

Porquê, eu, este parque...da avioneta, trabalhei de jardineiro por conta da Junta de Freguesia de Leiria e trabalhei de pedreiro por conta de uma firma de Lisboa, na construção do parque da avioneta. Esta avioneta nova que estava a entrar no parque onde estão a estátua dos pastorinhos...

**Investigadora**

Sim...

**Investigado**

... nós, com uma grua dessas gigantes, eu e mais dois ou três é que tivemos que amarrar a corrente por baixo e mudá-la de sítio para onde ela está agora.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Essa é uma recordação dela. E a segunda, quando ela andava, andei acompanhado aí de uma rapariga uns dez anos, que é a Patrícia, que vive no Alqueidão da Serra, quando, houve um inverno que nós não tínhamos onde dormir, então eu descobri esta avioneta e fui para lá dormir, passamos lá o inverno. Limpámos aquilo tudo...

**Investigadora**

Na avioneta?

**Investigado**

E dorme-se bem. Aquilo é tudo tapado. Limpámos tudo, fizemos ali a nossa cama...

**Investigadora**

Até era romântico...

**Investigado**

É romântico, é. No chão tínhamos umas esponjas e um saco de cama, não é? Duplo, de casal. De manhã enrolava o saco de cama, fazíamos as mochilas, íamos para o jardim vender artesanato. Quando queríamos tomar banho, um pouco mais à frente tínhamos uns balneários, que agora já não existem, tomávamos banho...

**Investigadora**

Isso já foi há quanto tempo?

**Investigado**

Já há uns doze anos, ou treze anos. Havia uns balneários públicos...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

... ali logo à entrada. Tomávamos banho ali ou íamos a casa de alguém tomar banho, depois íamos tomar o pequeno-almoço e depois íamos para o jardim Camões, metia ali a manta no chão e o artesanato.

**Investigadora**

Mas vendia artesanato?

**Investigado**

Vendia artesanato. Nessa altura em que eu dormia aqui na avioneta estava a vender o artesanato no Luís de Camões. Pulseiras, carteiras...

**Investigadora**

Ah era? Então e onde é que vocês iam buscar isso?

**Investigado**

Buscar não, fazia eu.

**Investigadora**

Ah, você fazia?

**Investigado**

É preciso é ter pele e dinheiro e paciência. Um monte dela. Há pouco tempo fui para ir comprar...

Mas recebi, acho que foi quinhentos ou seiscentos euros, fui com um amigo meu de cá de Alcanena à fábrica das peles, que é pele de vitela, levava cento e quarenta euros, já a pensar que ia comprar uma pele ou duas, mas já ia tão bêbedo, tão bêbedo, fui à fábrica, perguntei o preço das peles, a maior custava oitenta, a mais pequena, é ao quilo. Uns maiores e mais pequenos. Uma custava oitenta, outra custava cinquenta. Nem comprei a de cinquenta, nem

comprei a de oitenta. Enfim, depois mais tarde quando foi a feira de maio queria fazer, inventei uns moldes e tinha lá um molde a recortar lá ao pé do hospital velho, novo, que era fazer um emblema, leva pele por baixo, leva o emblema do Benfica, ou do Porto ou do Sporting ao centro, depois leva o vidro e depois leva a outra parte por cima...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

E depois é toda cosida. Depois íamos vender. Ficava muito caro. Depois ao vender, íamos vender por vinte euros para ganhar mais algum dinheiro...

**Investigadora**

Pois...

**Investigado**

Não é fácil de vender. Para ganhar três euros, com o trabalho todo ganhava três ou quatro euros. E depois as pessoas também não estão dispostas a dar vinte euros. Depois vou gastar vinte euros, oh, vinte euros, cem euros e depois acabo por não vender nada. Ainda vendi na praia. Essas coisas, não é para vender no parque. Acabei por não... Não comprei porque estava já com os copos, se não tinha comprado... Depois também fazia outras coisas, aproveitava a pele e fazia... Portanto, as partes maiores fazia aquilo e mais pequenas, outras coisas. Muitas coisas para fazer. É a recordação que eu tenho, é esta, da avioneta.

**Investigadora**

Que engraçado.

**Investigado**

É muito bonita. Esta aqui. Esta, quando foi com a tal rapariga... Sabe onde é que esta fonte? Sabe, sabe. Esta é a estrada que vai para o Fundo Desemprego.

**Investigadora**

Ah.

**Investigado**

Esta aqui por trás.

**Investigadora**

Pois é.

**Investigado**

O fundo desemprego é ali.

**Investigadora**

Pois é, pois é. Sim, sim.

**Investigado**

A do meio do lado de cá.

**Investigadora**

Sim, sim. Exatamente.

**Investigado**

É o prédio que está mesmo frente ao Fundo Desemprego. O Fundo Desemprego é do lado direito. Esta é aquela fonte.

**Investigadora**

A fotografia ficou mesmo bem tirada.

**Investigado**

Porquê? Porque eu ali, aqui tem muita história. Tem história, quer dizer, não é histórias...

**Investigadora**

Recordações?

**Investigado**

Recordações. Eu ali, eu e a Patrícia, nós aqui fazíamos três coisas. Tomávamos banho no verão, quando o tempo estava macio...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Tomávamos banho. A Patrícia lavava a roupa, depois aqui nesta parte de cima fazia uma fogueira, eu, fogo, e assávamos peixe ou carne..... e salada e comíamos, lavava a roupa...

**Investigadora**

Era como se fosse a vossa casa.

**Investigado**

Era. Era assim. A recordação é esta. E foi por várias vezes, porque eu depois vendia o artesanato na praia da Vieira ou na Nazaré. Depois fui para Espanha, só vinha aqui passar a primavera e o verão.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

O resto do ano estava em Espanha. Por isso é que...

**Investigadora**

E ela ia consigo?

**Investigado**

Pois. Andámos juntos dez anos. Por isso é que uma vez dormi na avioneta porque ficámos lá... Não fomos para Espanha...

**Investigadora**

Ah, foi nesse...

**Investigado**

... e ficou esse inverno todo...

**Investigadora**

... inverno.

**Investigado**

... vi aquilo e pensei, olha é ali mesmo que vamos dormir.

**Investigadora**

Pois, porque era perto do sítio onde vocês iam comer.

**Investigado**

Era. Exatamente. Então dormíamos aí, cozinhávamos aqui... Na primavera, tomávamos banho e lavávamos a roupa. Essa é uma recordação minha. Todos os anos fazia a mesma jogada, só vinha cá de ano a ano. Fazia o que tinha a fazer, ia para a Nazaré e vendia, ia para a praia da Vieira, depois ia para Espanha. Depois Leiria, outra vez aqui, para ali não. Depois para ali passávamos lá, já não dormíamos, só lá dormimos uma vez, várias noites, quinze dias ou qualquer coisa assim. Agora aí era certinho, lavava a roupa, comia e tal... Muito bem. E era assim que eu fazia as coisas.

**Investigadora**

Esta foto também é das recordações?

**Investigado**

Também é recordação. E esta é a recordação do rio.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Tem a ver. Este rio é o Rio Lis. Mas tem a ver, para mim tem a ver com o rio Tejo, porque foi no rio Tejo que eu aprendi a nadar. Foi no rio Tejo que eu tive as minhas namoradas. Foi no Tejo que eu curtia a vida, a minha juventude. Estás a perceber? Conheci muita gente... Sou

do Barreiro, mas vou conhecendo as pessoas todas. Na praia nós conhecíamos mais pessoas, não é? E aí vivi, a minha juventude foi no rio Tejo, no verão. Está perto, da casa dos meus pais está perto, aquilo é quinze minutos, pronto, é quinze minutos. Então tenho a recordação do rio Tejo, porque eu tive o rio Lis, gosto do rio, foi onde eu aprendi a nadar, não foi no mar. Sabes como é que eu aprendi a nadar no rio Tejo? E depois mais tarde eu tinha de fazer aos outros. Estávamos assim sentados em cima do muro, vinha outro por trás, pumba, para dentro do rio, e aí tínhamos de aprender a nadar.

**Investigadora**

Era à força!?

**Investigado**

À força. Depois mais tarde eu fazia aquilo: “Não sei nadar”, “Cala-te pá.”. Bumba, vai para dentro do rio, tau.

**Investigadora**

Tinham que se desenrascar.

**Investigado**

“Dá aos braços”, uns para os outros: “Dá aos braços”. Hoje os garotos aprendem a nadar com boias.

**Investigadora**

Pois, pois é.

**Investigado**

E a gente não aprendeu a nadar com boias.

**Investigadora**

E aprendem a nadar nas piscinas. Não é no rio, nem no mar.

**Investigado**

Na piscina. E foi assim mesmo...

**Investigadora**

Que aprendeu.

**Investigado**

... que tenho essa recordação do rio Lis. E foi uma recordação muito importante. Este rio, um pouco mais à frente, é onde eu estou a arrumar carros...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

... aquela ponte de madeira...

**Investigadora**

Sim.

**Investigado**

Quer dizer, foi tirada para ali. Lá...para baixo.

E o que é que eu ia a dizer? Foi lá para baixo. E a recordação deste do rio Lis. Foi uma recordação do rio Lis porque... Olha, não me lembro. Mas também gosto do rio Lis. Gosto do rio.

**Investigadora**

Gosta da natureza?

**Investigado**

Gosto da natureza. Mesmo quando está frio gosto, quando não está também gosto do rio. Gosto de ver o rio, estás a ver? Fui criado no rio, praticamente no rio. E eu quando tinha aí uns sete anos, na casa dos meus pais, não era casa, era barracas, não eram casas...Eu fui criado em barracas.

**Investigadora**

Ah, foi? Os seus pais não tinham grandes...

**Investigado**

Nada. Eram barracas. O rio Tejo é aqui e as barracas é ali, mais ou menos...

**Investigadora**

Eram perto.

**Investigado**

À beira da Nacional. É perto. E por isso é que eu tenho recordações do rio. Porque o rio Lis é o rio Lis.

**Investigadora**

Foi criado sempre com os seus pais?

**Investigado**

Fui criado com os meus pais até aos catorze, quinze anos. Depois fugi.

**Investigadora**

Mas não foi para aqui?

**Investigado**

Foi para Espanha.

**Investigadora**

Foi para Espanha?

**Investigado**

Sevilha.

**Investigadora**

Com essa idade?

**Investigado**

Com esta idade.

**Investigadora**

Sozinho?

**Investigado**

Com outro amigo.

**Investigadora**

Ah, com outro amigo. Desse grupo? Porque vocês, segundo percebi, ainda eram alguns...

**Investigado**

Fomos, tivemos lá o quê, um mês. Mas já trabalhava, eu. E o outro também.

**Investigadora**

Trabalhava já cá em Portugal?

**Investigado**

Trabalhava em Cascais.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Ajudante de electricista. O outro trabalhava na construção civil, mas os pais dele chateavam-no a ele e os meus pais chateavam a mim. No final do mês de novembro vamos embora para Espanha com o saco às costas, com o ordenado. Apanhámos o comboio do Barreiro para Beja, até se fazer de noite, a beber em cafés, e não sei que mais. E depois onde é que vamos dormir? No meio de um olival.

**Investigadora**

Ah. Sozinhos ali?

**Investigado**

Sozinhos. Quando entrámos no olival estava um homem enforcado numa oliveira. Olha um homem pendurado numa oliveira. Fugi logo com medo. Vamos para outro lado dessa vez.

Depois apanhámos o expresso para perto de Beja, que já faz fronteira com Espanha, perguntámos ao taxista: “Então, para irmos para Espanha como é que a gente faz?” “Epá vocês não tenham problema eu deixo-os aí a quinhentos metros da fronteira, viram à esquerda, sobem aquela montanha e no final da montanha há lá dois marcos, um é de Portugal, outro é da Espanha. O lado de lá já é espanhol, depois vais e já está em Espanha”. Foi o que nós fizemos, já bêbedos.

**Investigadora**

Hum, hum. Com catorze anos já bebia?

**Investigado**

Já bebia. A beber, as pessoas a olhar para nós, uns garotos, já começa a anoitecer, e nós à boleia. O Joaquim...

**Investigadora**

Nunca tiveram medo?

**Investigado**

Não. O Joaquim era um bocadito assim acanhado, e eu mais esperto, mais esperto, mais mafioso. “*Vamos dormir.*”, “*Não vamos nada dormir, vamos continuar à boleia, podemos ter sorte.*”. Nisto pára uma mulher com um Fiat ,600 parou, com matrícula espanhola. Fomos para Madrid, para Sevilha. Eu fui à frente e ele foi cá para trás, num Fiat 600, eu fui à frente ele foi atrás. Começou a falar para mim e para ela...um cigarro. Depois a dizer-me a mim e ao Joaquim, ela ia para Madrid, se a gente queria ir para Madrid? Não, a gente não quer ir para Madrid, vamos para Sevilha. Eu não conhecia Madrid, nem Sevilha, o objetivo era Sevilha, era Sevilha. Não, eu vou para Madrid, se quiserem eu levo-os a Madrid. Não, então pronto levo-vos a Sevilha e depois vocês desenrascam-se. E assim foi. Eu dormi no Parque D.<sup>a</sup> Maria Luísa, que é um parque muito grande, tem aquelas árvores que são os chorões...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

... que fazem assim. Caem assim para baixo. E dormia muita gente no parque. Não tinha bilhete de identidade, só tinha a cédula, e o meu colega também só tinha a cédula.

**Investigadora**

Nunca tiveram problemas lá?

**Investigado**

Nunca tivemos problemas.

**Investigadora**

Não?

**Investigado**

Éramos garotos, mas garotos já com uma certa escola. Estás a perceber? A gente íamos para aquele lado para ganharmos dinheiro.

**Investigadora**

Então depois como é que vocês lá se desenrascaram?

**Investigado**

Nós tínhamos dinheiro.

**Investigadora**

Vocês tinham levado dinheiro...

**Investigado**

Quando se acabou o dinheiro... .. então já começou a ver a coisa... Depois foi quando a gente regressámos outra vez à boleia. Para cá viemos à boleia.

**Investigadora**

Pois. Porque enquanto tinham dinheiro ficaram lá...

**Investigado**

Enquanto havia dinheiro, íamos à boleia, comprar comida, à procura de trabalho.

**Investigadora**

Mas eles se calhar não vos davam por causa da língua?

**Investigado**

Não, não. Era da idade, éramos novos. Depois começou a ficar sem dinheiro, regressámos à boleia, outra vez.

**Investigadora**

Voltaram para cá?

**Investigado**

De Sevilha até Lisboa, ainda é um grande esticão, não é? O meu pai andava todo triste e tal, não faças isto. O meu pai gostava muito de mim. Ele de vez em quando dizia, o filho que eu gosto mais é o António, gostava de todos, mas o que gostava mais era de mim.

**Investigadora**

Mas o António é o mais novo?

**Investigado**

Não, não. O mais novo é o meu irmão Ricardo. É mais novo, eu tenho cinquenta e nove e ele tem cinquenta e cinco.

**Investigadora**

Tem quantos irmãos?

**Investigado**

Três. É a Manuela, o Ricardo e eu. E era um que morreu, que é o Clemente, que era o mais velho. E assim que chegámos a casa, o meu pai: “*Não faças mais essas coisas*”. Não sei quê, não sei que mais... A chorar, a minha mãe a chorar, não sei quê, não sei que mais. Depois passou. Também nunca mais saí de casa. Dos catorze até aos dezanove anos, depois fui viver com a mãe do meu filho, saí outra vez...

**Investigadora**

Mas saiu para ir viver com ela? Nesse caso.

**Investigado**

Para casa dela.

**Investigadora**

Para casa dela?

**Investigado**

Exatamente. Para um apartamento dela mesmo.

**Investigadora**

Hum, hum. Tinha melhores condições do que em casa dos seus pais?

**Investigado**

Pois. A casa era do pai dela.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Depois morreu a mãe, depois ficou ela, eu, e o pai dela e o garoto. Depois nasceu o garoto, separei-me dela, já conhecia Espanha, fui para o Algarve.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

No Algarve trabalhei aí uns seis ou oito meses, no parque de campismo em Lagos. Depois parti um pé. Depois andei no seguro. Depois curei-me do pé, aleijei-me, curei-me, depois vou para pegar ao trabalho o encarregado diz-me: *“Olha, agora não precisamos de ti”*. E eu tive que roubar. Comecei por ali a fazer das minhas, a roubar. Nunca fui apanhado. Depois, Espanha, depois eu e outro, Sevilha, sempre Sevilha.

**Investigadora**

Você tinha aquela ideia...

**Investigado**

Já conhecia um bocadinho. Depois dessa vez estive lá dois anos e tal. Depois comecei a conhecer já a Espanha toda pumba, pumba, pumba.

**Investigadora**

Então esteve lá já muitos anos?

**Investigado**

Hum? Estive lá quinze anos sem vir a Portugal. Foi quinze anos sem vir a Portugal. Estive quinze anos sem vir a Portugal. Os anos foram-se passando, com vinte e cinco anos, já vim com quarenta e tal, a primeira vez, para Leiria.

**Investigadora**

Depois veio para Leiria?

**Investigado**

Vim cá parar..... porque eu tinha gente... Depois comecei a trabalhar no artesanato. Meti-me com os hippies...

**Investigadora**

Lá em Espanha?

**Investigado**

Em Espanha. E depois aprendi a trabalhar no artesanato. E já tinha aquela ideia quando era novo, que eu lembro-me, já andava novo, de andar lá no Barreiro de cabelo comprido, calças de ganga, todas coisas...

**Investigadora**

Já era diferente dos outros.

**Investigado**

Já era diferente dos outros. Já era totalmente diferente. Não sei. Depois foi isso, comecei-me a misturar com os hippies, para as comunidades dos hippies... Comecei a trabalhar no artesanato também, começaram-me a ensinar a mim os moldes, que aquilo é moldes.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Estás a ver? Para fazer as coisas, tens que aprender a fazer os moldes. Isto é um molde de uma carteira, depois desenhás aqui o molde, seja quadrado ou redondo, perfuras, e depois fazes o cordão e depois coses..... não é? E depois as pulseiras, todo o tipo... E depois a própria pessoa vai imaginando o artesanato.

**Investigadora**

Pois...

**Investigado**

Já não é preciso os outros... Andar com a ajuda de ninguém. Estar deitado, já estás a imaginar. Cheguei a fazer isso muitas vezes, levantava-me, estou a imaginar este molde e fazia o molde. Quando tivesse mais tempo já fazia o molde, depois fazia uma peça, fazia duas, fazia três... Depois ia vender, as pessoas gostam, continuava a fazer. Se não se vendesse não...

**Investigadora**

Não fazia mais.

**Investigado**

Estava aqui em Leiria, e já imaginava os moldes...

**Investigadora**

E é preciso ter jeito. Há pessoas que não têm jeito nenhum para isso.

**Investigado**

Não. Já nasce com a pessoa. E foi assim, eu comecei a fazer o artesanato. Depois de quinze anos pensei: “Vou para Portugal”. Mas eu já trabalho em artesanato, depois deixei as comunidades dos hippies. Já andei sozinho, já governava o meu mundo.

**Investigadora**

Mas lá?

**Investigado**

Em Espanha.

**Investigadora**

Ainda. Sim, sim.

**Investigado**

Mas também vendia à porta das igrejas. Fazia, vendia nos jardins, mas há muita gente a vender nos jardins e não se ganha muito, dava para sobreviver. Mas de vez em quando, depois também vendia à porta das igrejas. Em Espanha dá-se mais valor ao artesanato. Uma vez à porta da igreja...foi perto da fronteira. Estava a pedir à porta da igreja, foi quando ao intervalo da missa... Ao intervalo, quando estava a decorrer a missa debaixo das escadas estava a fazer tempo até acabar a missa. E vejo um gajo de cabelo comprido a mexer no contentor com uma mochila às costas. E perguntei-lhe: “*O que é que estás aí a fazer?*” “*Eu estou à procura de comida, comida. Comida? Epá, isto aqui não há comida isto é tudo lixo*”. Era francês.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

“*Anda comigo ao bar*”, paguei uma imperial e mandei vir uma bifana para ele. “*Fazes artesanato, nunca vi*”. “*Ah nunca viste? Então vais aprender como é que é que se faz.*” Depois andou durante dois anos comigo nesta vida. Eu a ajudá-lo. Comecei a conhecer pessoas, comecei a conhecer e conhecia aquilo tudo, até que fiz a saída, eu já tinha feito a entrada: dez euros. Agora à saída foi mais cinco, são quinze. Não tinha nada que fazer, só

agarrar no saco de plástico com a roupa. Era assim, eu de um lado e ele de outro. Depois para dormir, e dormir? A gente estava a dormir numa obra, numa vivenda abandonada: “*Eu não dormi nada de nada*”, uma habitação grande. Não dormia nada com o saco cama, não dormia nada. Ele com o saco cama dele, de manhã levanta-se, levantamo-nos, comer qualquer coisa, sento-me na praça lá na fronteira, começo a colocar as coisas do artesanato e comecei a vender as carteirinhas. “*Ah eu trabalho no artesanato há muito tempo*”. Estive-lhe a ensinar a fazer o artesanato. Ei, mais um problema na minha vida aprendeu e tem cabeça para isso, tem mais cabeça do que eu. Imagina, mais esperto... Não é mais esperto, sei lá, é diferente. Então andámos ali dois, três anos juntos. “*Eu vou para Portugal, já há dez, doze anos que não vou para Portugal*”, “*Ah eu também vou contigo*”, “*Então vá, queres vir para Portugal... Não conhecia Portugal, queres ir para Portugal vamos lá*”. E eu comecei a pensar para o Barreiro não vou, tenho lá a minha família já há dez ou doze anos e podia dar na bronca... Não é na bronca, é aquelas coisas dos pais coisa o filho e aquela coisa toda. “*Olha, eu vou para Leiria*”. Viemos de camionete para aqui. Estávamos em Huelva, depois Badajoz, Badajoz ali ao Alentejo, como é que se chama aquela parte ali? Elvas...

### **Investigadora**

Hum, hum.

### **Investigado**

Elvas, Leiria. Chegámos aqui a Leiria também, eu não conhecia Leiria, vendi o artesanato todo logo. Pronto, e vendia muito, eu acho que nunca tinham visto ninguém a vender artesanato assim. Eu faço pulseiras finas e faço pulseiras mais grossas. Faço grossas e finitas. Sempre a vender. Depois Nazaré, depois da Nazaré, outra vez para Espanha. No inverno, Leiria. Depois quando uma vez estava apareceu lá essa tal Patrícia, que andava fugida de casa, que é de Porto de Mós. E perguntou-me preço: “*Quanto é que custa esta pulseira? Quanto é que custa aquela bolsa?*” E eu vi logo ela não tem dinheiro. Eu via logo na pinta das pessoas quando não têm dinheiro, porque ela já tinha... Eu parece que estava a adivinhar que ela ia ser minha namorada. “*Tu és de onde?*”, “*Ah, sou do Alqueidão da Serra*”, “*Não conheces aqui Leiria?*”, “*Conheço*”. Agarrei em quinhentos escudos: “*Olha toma, vai lá buscar duas cervejas de litro.*” Foi ao Rei dos Frangos, eu também não conhecia, trouxe duas garrafas de cerveja para mim, para ela. Alcoolizada estava ela na altura, e nova...

**Investigadora**

Ela nesse dia estava alcoolizada?

**Investigado**

Já estava alcoolizada...

**Investigadora**

Sim, sim.

**Investigado**

Depois essa noite dormimos os três, ela no saco de cama comigo, e o Francis dormiu no saco cama dele, na relva lá do parque. No dia seguinte, Nazaré.

**Investigadora**

Ela já foi convosco também?

**Investigado**

Já foi. *“Agora já arranjei uma namorada, vamos dividir o artesanato.” “Está bem, está bem.”* Tudo o que vendia, metade para ele, metade para mim, ele estava aqui a vender, eu aqui mais a Patrícia. Então dormíamos sempre no mesmo sítio os três. Depois o Francis foi-se embora sozinho, fiquei eu, mais a Patrícia.

E depois combinámos assim, andámos oito, nove anos assim. Quando viemos à Nazaré vender já lá estava o Francis a vender. Porque ele foi lá para vender. Quando íamos para Espanha já ele estava a pedir à porta da igreja à sexta-feira, sacávamos ali dez mil pesetas para sermos os primeiros. Já lá está o Francis a ocupar o nosso lugar. *“Então, foste vender o artesanato e já estás aqui primeiro que eu à porta da igreja?”*. *“Ah pá vendi muito pouco na Nazaré”*. *“Epá não vendeste pouco, vendeste foi muito.”* E ele também. Estávamos nós ali, eu mais a Patrícia também, apareceu ele com uma mochila e eu disse assim à Patrícia: *“Eu agora vou beber aguardente com ele, a mochila dele vai ficar aqui junto às nossas. Tu ficas aqui de guarda”*. Eu disse a ela: *“Tu, agora vou mais o Francis para a taberna, vou beber, vou embebedá-lo a ele, e vou-me embebedar a mim, e tu abres a mochila, metes o braço até ao final da mochila grande...”* que tens o braço pequenino, não chegava ao final da mochila.

“...metes o braço até ao final, que ele tem lá um saco cheio de dinheiro”, que ele vendeu o artesanato todo na Nazaré. Então tinha que ter dinheiro junto.

**Investigadora**

Mas ele também bebia e também consumia, não era?

**Investigado**

Não, não.

**Investigadora**

Ele não consumia?

**Investigado**

Só fumava. Não consumia nada. Só bebia, mas pouco. Fumava tabaco e gansas. Nem drogas... “Ele deve ter o dinheiro todo escondido na mochila do ano passado ou deste ano”, “Está bem, está bem, está bem.” Andámos ali uma hora a beber aguardente, quando chegámos ao local, a mochila rota cá em baixo. E ele: “A minha mochila está rota?” A Patrícia a dizer para ela: “Ciganos roubaram-me.” O gajo foi a ver, já não estava lá o saco com o dinheiro, já ela tinha o saco com o dinheiro guardado. Ele chamou a polícia, veio a Polícia Municipal. Eu depois ele meteu-me na confusão mais a Patrícia “O dinheiro?” “Nós não temos dinheiro nenhum, o dinheiro que temos é nosso”. “Eu vendo artesanato”, “Então, mas ele diz que lhe roubaram”, “Não. Eu andei a tomar copos com ele. A Paula, a minha companheira esteve a tomar conta da mochila e ela disse que foram ciganos que passaram aí e que lhe roubaram não sei o quê da mochila, o dinheiro que nós temos é nosso.” Depois o processo foi para a frente, para Tribunal. Passado uns meses fomos chamados ao Tribunal de Badajoz, eu mais a Patrícia. Fomos para o Tribunal de dia, de um dia para o outro, dormimos perto do Tribunal no jardim, que era para não nos esquecermos da hora, dentro do saco cama. Estamos perto, apresentámo-nos ao Tribunal os dois, ele não se apresentou. O Juiz arquivou pronto. Passado outro ano encontrei-o outra vez: “Então, não foste ao tribunal a Badajoz?” “Ah então estás a ver a mentir, não foi a Paula que sacou o dinheiro?”, “Porque é que estavas a dizer que tinha sido ela?” Eu não, porque tinha estado com ele na taberna...

**Investigadora**

Mas ele fez depois queixa contra vocês ou era contra os tais ciganos?

**Investigado**

Não. Contra a gente, fez queixa contra a gente.

**Investigado**

Mas nós, não havia provas nenhuma. Ele tinha a mochila dele, nós tínhamos duas mochilas, que era a da Patrícia e a minha, cheias de artesanato, que ele vendia e tinha dinheiro aquilo tem que ser já com as cenas, não é? O nosso dinheiro era de vender artesanato, não era nada de roubar. Um dia fomos, só fomos passear à Nazaré e eu disse à Patrícia: “*Vamos passear à Nazaré a ver se lá está o Francis.*” O Francis tinha uma banca grande, ele nem cumprimentou a Patrícia, nem nada, porque ele sabe que foi ela. Porque ela sabe que foi ele, e ele sabe que foi ela que lhe roubou o dinheiro. Eu ajudei-o quando ele estava a tirar comida do contentor, lá naquela coisa. À porta da igreja, depois ensinei-o a fazer o artesanato e tal. Tinha lá uma banca grande, já tinha a carta, já tinha uma carrinha, já tinha tudo. Por isso é que eu digo que foi mais esperto do que eu agora... Dedicou-se ao artesanato com unhas e dentes, estás a ver? Como há muitos.

**Investigadora**

E você?

**Investigado**

Eu nunca... pronto...

**Investigadora**

São opções?

**Investigado**

Sou diferente. Ele não sabia nada. Agora a última vez que tive com ele, já há uns três ou quatro meses, não, cinco ou seis, estive com ele na Nazaré. Já tinha carrinha...

**Investigadora**

E uma banca grande.

**Investigado**

Tinha uma banca grande com toldo. Tem tudo. E eu... O artesanato está lá...

**Investigadora**

Sim.

**Investigado**

...algumas coisas que ele imaginou, mais ou menos, mas o mais é tudo igual ao que eu faço. Eu perguntei-lhe: “*E tens namorada?*”, “*Não, não. Não tenho namorada*”, “*Tens que arranjar uma namorada pá*”. Não sei se ele gosta de mulheres, se não gosta. “*Eu sozinho, sozinho, carrinha*”, ele fala assim tipo português e tipo espanhol. E tu? Ele perguntou-me onde é que eu estava a vender o artesanato. “*Não, eu já estou finalizado... Já estou...*” Fiquei contente por o ver assim. Olha, vês, orientou-se, estava no contentor à procura de comida e agora tem uma tenda...

**Investigadora**

Porque também o ajudou...

**Investigado**

Pois. Pois ajudei. E foi assim mesmo. Eu enfim, fiquei contente por o ver. Agora, se ele continua o artesanato, é a vida dele.

É a vida Porque ele dava-me ideias para fazer assim. Depois não sabia coser, não sabia perfurar, não sabia fazer o cordão. E eu chateava-me, chatee-me muita vez. Às vezes uma coisa que é fácil era preciso estar a explicar a coisa dez vezes, ou cinquenta vezes. Tu fazes assim ou assim. Com a Patrícia era a mesma coisa, ela também não sabia, também me enervava...

**Investigadora**

Também a ensinou a fazer alguma coisa?

**Investigado**

Não. Ensinei-a a fazer muitas coisas. Pulseira finas ela é que fazia todas.

**Investigadora**

Ah era?

**Investigado**

Eu não tinha paciência.

**Investigadora**

Não tinha? Pois devem ser coisas mais minuciosas.

**Investigado**

Ela é que tinha paciência para isso...

**Investigadora**

E devia ter uns deditos mais pequenos...

**Investigado**

É. Exatamente. Coser...Eu perfurava e ela é que cosia.

As pulseiras finas ela também gostava de fazer e as coisas que eu não gostava ela é que fazia. As peças maiores fazia eu e as coisas mais pequeninas fazia ela. Pronto, mas aprendeu. Depois deixei essa cena, depois eu estava a viver na pensão e foi quando fomos tirar o curso de jardinagem. Eu mais ela, como é natural fomos tirar o curso de jardinagem os dois. Estávamos a dormir na pensão do Gato Preto, do Gato Preto, junto à fonte das três bicas.

Da parte de cima, que agora é um Advogado. Venderam aquilo e é de um Advogado. E tinha as duas mochilas cheias de artesanato já tudo feito e uma ou duas peles por inserir.

Foi lá que andámos a tirar o curso. E quando saímos às cinco horas abro a porta do meu quarto noutra porta. Quando vou a entrar não vi logo as mochilas, olho assim para cima, não vi logo as mochilas, olho para cima um ajudou o outro saltou e roubaram-me as mochilas com o artesanato todo. Eu sei quem foi, andei à procura deles, mas não os encontrei. Mais tarde um Preto que estava preso, um grande amigo meu que já morreu também com a droga, eles já

morreram todos, esses que me roubaram já morreram também. Era o que tinha a alcunha O, encontrou-me ali no jardim e disse-me *“Ei mano, espanhol estas bom?”*.

### **Investigadora**

Ah eles tratam-no por espanhol?

### **Investigado**

É. Veio-me cumprimentar e não sei quê, não sei que mais. *“Fazes-me o favor de levantar ali o cheque ao banco que eu não tenho documentos? Ainda agora vim para cá e não sei quê...”*, *“Ah vou.”* E ele tinha duas pulseiras fininhas minhas. E eu disse *“Ó meu onde é que foste buscar essas pulseiras?”*, *“É o Z. que está a vender lá na prisão.”*, *“Ah então foi ele que me roubou aquilo. Foi ele que me roubou as mochilas.”* Depois esse tal Z. foi preso e levou o artesanato para a prisão para o vender lá...

Não sei quê não sei que mais. *“É ele que está lá a vender tudo”*. *“Ele vendeu lá tudo e rápido.”* Então mais tarde eu encontrei o tal amigo meu. Eles eram amigos, amigos. *“Então foste tu que foste lá à pensão mais o Z., no jardim do Camões a fumar ganzas e a beber vinho mais o tal Z?”*. Mas eu já com aquela iniciativa de puxar por a conversa do roubo que tinha sido feito há um ano e tal atrás. *“Ah pá fui eu. Mas não fui eu que entrei lá, foi o Z.. Eu ajudei só ele a partir vidro, ajudei ele...”*, o gajo a dizer-me *“Meti as mãos assim de pé, entrou lá para dentro, mandou as mochilas cá para fora e agente arrancámos”*. *“Epá ele não sei quê convenceu-nos, não sei quê.”* Esse tal ... Acabou por morrer com uma *overdose*, o tal Z. estava preso, saiu passado, saiu em liberdade passado o quê? Quatro ou cinco meses morreu com a droga também. Chegou-se ao pé de mim para me cumprimentar *“Opá tu não me digas nada. Nem me venhas cumprimentar.”*, *“Ah...”*, *“Não. Eu não quero saber de nada, não quero saber de nada”*. Já sabia que tinha sido ele a roubar-me o artesanato. Apareceu lá para cumprimentar nem nada. E assim foi, assim que soube que tinha sido essa gente que me tinha roubado. E a partir daí e agora quando eu recebi esse dinheiro comprei ferramentas, outra vez, quando recebi o rendimento mínimo comprei um perfurador e tal, o alicate de meter...

E mais ferramentas. Vou pondo o dinheiro do rendimento mínimo, os três meses e vou lá comprar uma pele ou duas. Mas acabei por não comprar nada e gastei o dinheiro igual. Fiquei com a ferramenta toda e com umas peçazitas que tinha lá num saco. Agora pela feira de maio, saio de onde estou a viver, entro no Gato Preto começo a beber, depois dali vou em direção à

feira de maio não sei o que é que se passou comigo andei para lá à porrada, quando apareci no outro dia já não tinha ferramentas nem moldes nem nada. Agora este ano, perdi tudo outra vez. O melhor é desistir.

**Investigadora**

Porque isso pode ser uma... Ou já não tem vontade de fazer isso? Isso pode ser um projeto interessante para a sua...

**Investigado**

Já comecei.

**Investigadora**

...já que não gosta de...

**Investigado**

Já comecei. Eu tenho o projeto, é preciso é ter força de vontade.

**Investigadora**

Porque depois quando bebe mais ou assim, já não lhe apetece fazer nada disso, não é?

**Investigado**

Não, não é a questão. Quando trabalhava no algarve sempre bebia e sempre fumei haxixe, fumava e bebia e não havia problema nenhum.

**Investigadora**

E conseguia trabalhar na mesma?

**Investigado**

Sim, conseguia. Tens os moldes, tens que fazer os moldes, depois tens que marcar na pele, depois tens que o cortar, depois tens que perfurar, tens que fazer o cordão fininho aqui e grosso ali. Porque tem de ser todo por igual a coser. Depois também comecei a meter aquilo na cabeça, depois também não vejo bem. Quando ia comprar a pele, eu não vejo agora quero estar... Depois vou investir o dinheiro também não vejo, tenho que ver bem para trabalhar, também não vejo bem. Olha não comprei nada. “Então não compras?”, “Vamos embora.”,

“Como?”, “Opá vamos embora, vamos, mas é beber, olha aí um café.” E foi, comecei a meter aquilo tudo na cabeça...

**Investigadora**

E as ferramentas são muito caras? Essas...

**Investigado**

Não.

**Investigadora**

...para trabalhar?

**Investigado**

Não.

**Investigadora**

E arranja-se facilmente?

**Investigado**

Arranja-se aqui em Leiria. Aquilo é cinco euros ou o que é. Na loja trezentos é... É tudo cinco euros, seis euros, sete euros. X-atos aquilo também é barato. O que é mais caro é a pele.

**Investigadora**

É a pele. Não acha que se podia arranjar aí uma maneira de tentar ver se existem algumas empresas que mandem nem que seja restos de *stock* que não usem ou...

**Investigado**

Não.

**Investigadora**

Eles não dão?

**Investigado**

Eu ia para Espanha porquê? É uma vila que deve ter aí umas dez fábricas de sapatos lá, fazem botas e sapatos. E eu ia lá pedir recortes, recortes dá para fazer pulseiras grátis. Carteirinhas pequenas e coisinhas pequeninas.

**Investigadora**

Sim. Não era assim coisas muito grandes...

**Investigado**

Aí era o que eu quisesse. Enchia um saco cheio. Escolhia a maior e a melhor porque há aquela parte da pele que parece elástico. Para trabalhar. Leva. Leva, leva. Enchia aquilo era recortes que eu fazia no trabalho. Depois comprava uma pele lá em Espanha para fazer as coisas maiores. Agora as coisas pequeninas, pulseiras não gastava dinheiro em material. Ajudava-me. Aqui há muito espanhol, lá havia muito português. Outras vezes trazia a mochila cheia, mais o saco cama, mais a roupa, mais o artesanato, muitas vezes ao ombro...

**Investigadora**

Pois. Andava sempre com a casa às costas.

**Investigado**

Pois. Exatamente.

**Investigadora**

É que andou sempre com a casa às costas...

**Investigado**

Toda...

**Investigadora**

...Praticamente uma vida inteira com a casa às costas.

**Investigado**

Sim. Sempre com a casa às costas como o caracol.

**Investigadora**

Como o caracol.

**Investigado**

Pois. Não havia mais nada. Era assim.

**Investigadora**

Mas no fundo se calhar foi a sua opção de vida, não é? Sempre foi à luta por aquilo que achava que queria.

**Investigado**

As coisas às vezes correm mal. Uma pessoa pensa numa coisa e depois sai sempre outra. Depois a pessoa vai... Desiste.

**Investigadora**

Porque a sua intenção em ir para Espanha? Era encontrar lá um trabalho fixo? E ficar lá a viver não era?

**Investigado**

Não. Eu trabalhava, fazia as temporadas da fruta.

**Investigadora**

Em Espanha?

**Investigado**

Em Espanha. Fazia as temporadas da fruta. Quando estávamos na comunidade hippie também trabalhava...

**Investigadora**

Também faziam lá.

**Investigado**

Íamos numa carrinha, íamos cinco ou seis raparigas e rapazes. Ou duas carrinhas, uma carrinha e um carro e íamos trabalhar. Depois aos fins-de-semana trabalhava no verão, porque saíamos às seis do acampamento, um fazia uma coisa artesanato, outro fazia outra, outro fazia outra, outro fazia outra... Depois é o dinheiro, o meu dinheiro... dava qualquer coisa para a comunidade, o outro também, o outro também... Para o gasóleo. No meu caso ele já tinha deles.

**Investigadora**

Sim.

**Investigado**

Eu dormia numa caravana. Um alemão disse-me “*Tu dormes na minha caravana.*” Era a minha casa, uma caravana.

**Investigadora**

E sentia-se bem lá naquela comunidade? Pessoas assim diferentes?

**Investigado**

Então não?

**Investigadora**

E...

**Investigado**

Depois comia em casa de um casal amigo, alemão também já com filhos.

**Investigadora**

Compreendia...

**Investigado**

Falava espanhol. Eles já falavam espanhol. Estava lá um casal português também noutra barraca em madeira. Aquilo estava bem montado Havia oliveiras, apanhávamos oliveiras, as azeitonas, não é? Era o nosso trabalho lá que era mesmo próprio da comunidade, vínhamos depois na temporada da fruta. Ali vivia-se bem.

**Investigadora**

Mas nunca... Enquanto estive lá nunca senti falta da sua família?

**Investigado**

Não bebia bebidas alcoólicas.

**Investigadora**

Não?

**Investigado**

Era só fumar erva. Era tudo à balda. Era só erva.

**Investigadora**

Enquanto lá estava não sentia falta da sua família nem saudades, nem nada disso?

**Investigado**

Ah, uma pessoa pensa sempre na família, mas está longe e já está a viver aquele mundo, não é? Claro, quando eu lá estava longe dos meus irmãos, os meus pais o que é que ia fazer? Às vezes escrevia uma carta para eles. Mas não recebia porque não tinha direção fixa.

**Investigadora**

Pois. Eles nunca sabiam onde é que o António estava?

**Investigado**

Não sabiam onde estava... Mesmo na prisão, que estive lá várias vezes preso também escrevia a dizer que estava preso. Mas nunca recebia a carta porque não dizia o nome da prisão nem nada. Só metia Barreiro, Portugal, Quinta da A., número 1, o nome da minha mãe. Já está. Não recebia carta nenhuma deles, eles é que recebiam de mim.

**Investigadora**

E agora já não tem notícias do seu filho?

**Investigado**

Não. Tive poucas notícias dele, ou nenhuma. Na altura que eu estive lá em Espanha nunca o conhecia, nunca o conhecia... Eu quase que não o conheço. Quando eu me separei da mãe dele ele tinha aí uns quatro anos, depois estive quinze anos sem o ver. Depois passados quinze anos é que já ele tinha vinte e tal quando o vi, foi lá a cima a Leiria à minha procura. Depois fui lá duas vezes ao Barreiro...

**Investigadora**

Ah já foi lá para o ver?

**Investigado**

Já. Ele vem cá a casa do meu irmão. Não sei de nada. Ele é como eu. Eu não sei de nada.

**Investigadora**

Mas dá-se bem... Dá-se bem, quer dizer, não existe problema nenhum entre vocês?

**Investigado**

Não. Tudo bem, só que estamos muito longe.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Se ele vivesse aqui em Leiria...

**Investigadora**

Claro, estariam mais próximos.

**Investigado**

Ele também é um drogado do caraças, é pior que eu.

**Investigadora**

Ah sim?

**Investigado**

Pois. Ele injeta-se.

Eu meti-me, duas vezes que fui visitar lá ao Barreiro, em casa do meu irmão ele mais o meu irmão, ele injetava-se nos braços, o meu irmão no pé e eu a fumar. Ele injeta-se pois. Está a ver como é que é? É a vida, a vida já é assim. Mas antes dele nascer injetei algumas vezes e a mãe dele também.

**Investigadora**

A mãe dele também?

**Investigado**

Pois. E a mãe dele era uma garota, quando teve o filho tinha dezasseis anos. E eu tinha vinte anos. Já se injetava com dezasseis e eu injetava com vinte. Pois é. Depois o ambiente...

**Investigadora**

Mas depois o António deixou de se injetar?

**Investigado**

Já há muitos anos. Nunca mais continuei. Depois tenho o mal da bebida, não é? Se não já estava morto há muito tempo, se me injetasse com sessenta anos. Em Espanha ofereciam-me e cheguei a comprar uma vez ou duas. Só. É mais barato. É fácil. Conheces as ramblas de Barcelona? Também eu conheço! Agarraram-me e levaram-me a pensar que eu tinha droga. Tinham mandato de captura. Dormi lá no calabouço, no outro dia fui ao Juiz e o Juiz mandou-me a mim para casa. São os palhaços do caraças, não gosto de Barcelona, não gosto. Por esse motivo.

É mesmo só por esse motivo mesmo. As Ramblas, mesmo... A estação dos comboios de Barcelona. Eu conheço bem Barcelona.

**Investigadora**

Tem um grande movimento...

**Investigado**

Não gosto muito de Barcelona, gosto mais de Madrid...Madrid é uma loucura. Mas da maneira que eu vivia são mais bem-dispostas...As pessoas são mais dadas. Estás a ver?

...a Catalunha, Leida, aquilo é Leida. E há muito trabalho. Há pera, maçã, pêssego, havia muito trabalho. A sério estava lá uma semana, duas por ali. Eu tinha que me orientar.

**Investigadora**

Sempre se orientou?

**Investigado**

Sempre me orientei. Barcelona às vezes aquilo o catalão é pôssara...

**Investigadora**

Conhece mesmo bem Espanha...

**Investigado**

Ah conheço bem Espanha... Então também quantas cidades tem a Catalunha? São quatro da Catalunha, capital é Barcelona. É Gerona que está lá perto, faz fronteira com França, Gerona, está para lá de Barcelona..... Gerona, Barcelona, Leida. Pronto já está, são sete, são quatro. E Andaluzia? Da Andaluzia são sete, sete não são seis. A capital é Sevilha, não é? Então tens Sevilha capital, depois tens Málaga, Cádiz, Huelva, Granada, Almeria, e Córdoba. Não há mais nada, pertence a Andaluzia. E o Aragon, Aragonês, Aragon...

Eu conheço o País Basco e dali já não conheço tanto porque não ia muito para lá. O País Basco e a Galiza porque faz muito frio. Naquele tempo ia mais para o sul trabalhar no verão para a Catalunha faz lá muito calor, depois no inverno Andaluzia...

**Investigadora**

Andaluzia.

**Investigado**

...que faz calor também. O frio, não ia para o frio. E Saragoça, extremadura é Saragoça é a capital, depois é Huesca, são três cidades, não quatro. É Saragoça, Huesca, Teruel. Saragoça, Huesca, Teruel. São quatro cidades de Aragon.

**Investigadora**

Está a ver? Já dá aí umas lições...

**Investigado**

Eu conheço aquilo tudo. Conheço aquelas cidades todas. Conheço todas as cidades. Todas as que estou a falar conheço todas.

Estive mais que uma vez nessas cidades. Cada vez que levava era dinheiro para me orientar. Com a mochila às costas depois assim “Buenos dias. Por favor.” Tumba. “Buenos dias...” E vinha outro atrás, seguíamos em grupo um vai para um lado outro vai para o outro, para a bebida. Isso é fácil, todas as cidades. Há cidades onde tinha quando era a temporada da fruta juntava algum dinheiro. O que é que eu fazia para Madrid? Gastava o dinheiro. Acabava o dinheiro, era inverno, o que é que eu ia fazer? Tinha que arranjar dinheiro para sobreviver, começava a pedir.

**Investigadora**

A pedir?

**Investigado**

Estava bom. Não é fácil.

**Investigadora**

Pois não. Nunca mais pensou em voltar à escola? Só andou na escola até quê? Até aos dezasseis anos?

**Investigado**

Hãhã?

**Investigadora**

Andou na escola até mais ou menos que idade?

**Investigado**

Na escola?

**Investigadora**

Sim.

**Investigado**

Catorze anos.

**Investigadora**

Até aos catorze?

**Investigado**

Sim.

**Investigadora**

Sempre lá no Barreiro?

**Investigado**

Sempre no Barreiro.

**Investigadora**

A partir do momento que saiu de lá...

**Investigado**

Nunca mais.

**Investigadora**

Nunca mais?

**Investigado**

Não. E foi lá chamado o meu pai e a minha irmã porque o diretor, a professora foi fazer queixa ao diretor e a diretor expulsou-me.

**Investigadora**

Mas era...

**Investigado**

Andava na quarta classe, Não tirei a quarta classe, ficou incompleta. A quarta classe tirei-a aqui em Leiria numa hora.

É porque eu ao intervalo era muito agressivo, batia aos outros garotos e os pais foram fazer queixa à professora, a professora foi fazer queixa ao diretor, o diretor chamou os meus pais à atenção e expulsaram-me.

**Investigadora**

Era pelo comportamento?

**Investigado**

Era muito mau.

**Investigadora**

Mas era... irritava-se com facilidade?

**Investigado**

Também não me lembro. Era garoto.

**Investigadora**

Pois.

**Investigado**

Era garoto, era garoto. Eu lembro-me que ao intervalo andava sempre à porrada com um ou com outro. Agora porquê eu não sei.

**Investigadora**

Porque o António agora não é uma pessoa muito...

**Investigado**

Não. Agora não.

**Investigadora**

Durante a sua vida foi assim pessoa de...

**Investigado**

Não, nunca matei ninguém...

**Investigadora**

Não. Nunca agrediu ninguém nem...

**Investigado**

Nunca agredi ninguém com navalhas nem nada. Não.

Era porrada...

**Investigadora**

Era coisas de crianças provavelmente...

**Investigado**

Coisas de crianças.

**Investigadora**

Era coisas de criança. Sim.

**Investigado**

Não era nada... Um empurrão, um estalo, um murro. Pois. Aquelas coisas de crianças. Foi assim.

**Investigadora**

Mas continua a gostar muito de ler, por isso...

**Investigado**

É. Continuo, não posso ler mais porque não tenho tempo. Não é tempo, agora é a visão. Mas gosto de ler.

**Investigadora**

E não está a ser acompanhado? Com esse problema de visão? Não tem nenhum médico que o ande a acompanhar?

**Investigado**

Está.

**Investigadora**

Está?

**Investigado**

Fui à consulta, agora estou à espera de ser operado.

**Investigadora**

Vai ser operado?

**Investigado**

É. A médica disse...É para ser operado. Esta já não vejo. Vejo-te, mas não é assim muito bem. As letras não vejo.

Aquelas letras grandes não consigo... Vejo o formato. Assim não. Não consigo ver. Não consigo. Não é? É duas semanas, três semanas é chamado para ser operado. Mas já passou duas semanas. Se calhar...Depois mais tarde a ver se consigo comprar uns óculos e depois já vejo. Entretanto já passou um ano, já passo o tempo melhor.

Agora nem o jornal posso ler.

**Investigadora**

Pois. Custa-lhe.

**Investigado**

Vou ao café tomar uma bica ou o que der, quero ver o jornal. Não tem gosto nenhum, não é?

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Óculos também não posso comprar, só depois de ser operado é que posso comprar os óculos.

**Investigadora**

Por isso agora é aguardar pela operação, não é?

**Investigado**

É exatamente. Agora é aguardar. Vou no dia vinte e cinco ao médico, pumba para a hepatite.

**Investigadora**

Porque também sofre de hepatite quê?

**Investigado**

É hepatite C. Vou às nove horas, mas a minha consulta é só às nove e meia. O pessoal tem consultas mais cedo...

**Investigadora**

Exatamente.

**Investigado**

Também não ando a tomar medicação nenhuma. Depois de os exames estarem todos feitos. Que tem de fazer depois é que me vai receitar então a medicação.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Vai ver. Se é seis, se é oito se é quinze comprimidos por dia, se é durante dois meses ou três meses está curado.

**Investigadora**

Exatamente.

**Investigado**

E é a cena das cataratas.

**Investigadora**

De resto sente-se bem? É? Então e agora está a viver com a Emília?

**Investigado**

Agora estou a viver com ela.

**Investigadora**

É? E está tudo bem com ela?

**Investigado**

Está. Eu não estou a viver com ela. Ela...

**Investigadora**

Ela é que está a viver consigo? Foi para sua casa agora?

**Investigado**

Ela é que está a viver comigo.

**Investigadora**

Ah ela foi ter consigo?

**Investigado**

Ter não. Ela não tinha para onde ir, foi expulsa de onde estava a viver. Não pagou a renda, nem a água, nem a luz e eles meteram-na na rua de um momento para o outro.

**Investigadora**

E lá está o António a ajudar?

**Investigado**

Telefonou para uma pessoa que tinha um Jeep, não apareceram. Eu arranjei um atrelado de duas rodas, que ela vivia ao pé do Bowling, desde as sete até às cinco da manhã a acarretar coisas para cá. Eu mais ela. Foi a noite toda. Encheu o meu quarto com tralha dela e um colchão. Estou a ajudá-la, mas ela não me ajudou a mim. Vendeu a casa e nunca me pagou. Quando vendeu a casa e eu tive que ir para a rua estás a perceber? Eu ajudo a ela porque gosto de ajudar as pessoas. Se não fosse eu quem é que a ajudava? Ninguém. Se não fosse eu a

ajudá-la quem é que a ajudava? Onde é uma mulher se ia desenrascar com a roupa toda e... Não tinha hipótese nenhuma. Ela não tinha hipótese, não é? Eu é que...

**Investigadora**

Pois. Você é que não é capaz de ver ninguém a passar necessidade?

**Investigado**

Não consigo. Exatamente.

**Investigadora**

Então mas vocês agora têm condições? Não?

**Investigado**

Temos. Mas temos fogão. Dá para fazer o jantar.

**Investigadora**

Pois.

**Investigado**

Eu estou na minha cama. Ela está com um colchão... Olha daqui a um bocadinho vou buscar um divã que é para ela. É, disse às sete, sete e tal vai lá buscar o divã. Em vez de estar no chão o divã é melhor, ela está no divã. Opá tenho que ter paciência...

**António - 3<sup>a</sup> Entrevista – Janeiro de 2016**

**Investigadora:**

Como acha que os arrumadores de carros são olhados em leiria? Alguma vez sentou desprezo? Se sentiu olhado de lado...

**Investigado:**

Raramente... Há uma ou outra pessoa que olha para nós de lado. Dois ou três por dia, mas não é muito normal... Há um velhote que nunca quer nada comigo, manda-me sempre pró ... Mas eu continuo a chamar mesmo que nunca vá para onde eu digo.

Mas não... só uma ou duas pessoas por dia é que tratam assim, não é muita gente. Há até alguns que só me dão porque é a mim e dizem-me isso. *“olhe, só lhe dou porque é a si, quando vou para outros parques não dou nada a ninguém”*

**Investigadora:**

Mas não acontece com todos os arrumadores...

**Investigado:**

Não! Há alguns que começam a mandar bocas porque as pessoas dão pouco ou não dão e as pessoas tratam mal. Eu não. Primeiro porque a pessoa pode não ter e depois porque um dia pode dar vinte cêntimos e outro dia dar cinquenta ou um euro...

Mas as pessoas sabem reconhecer os bons e os maus. Há uns que, com aquele espírito mau, zás, riscam os carros por vingança.

**Investigadora:**

Alguma vez lhe aconteceu ou teve vontade de o fazer?

**Investigado:**

A mim não! Eu nunca risquei carro nenhum! Mas já levei com um chicote na cabeça por ter riscado... Um gajo, saiu de um carro com um chicote daqueles com fitas pretas e disse-me: *“Riscaste-me o carro!”* e bateu-me e não foi mais porque me desviei. Apanhou-me só a orelha. Mas eu respondi: *“Ouve lá viste-me aqui no dia que te riscaram o carro? Não fui eu pá... a que horas foi?”* *“Foi por volta das quatro” às quatro horas nem estava no parque...”*

**Investigadora:**

Então e quanto aos lugares onde arrumam? Estão desde logo designados ou quem primeiro chega fica com o lugar?

**Investigado:**

Não! Está tudo marcado! Aquele espaço onde estou é para mim. Quando saio chamam alguém para ir para o meu lugar mas assim que chego, retira-se e vai para outro lugar.

**Investigadora:**

Há respeito por quem está há mais tempo, portanto...

**Investigado:**

Pois claro que tem a ver com isso. Então se eu estou naquele parque há 12, 13 ou 14 anos, já nem sei bem, não chega lá um que arruma há dois anos e me tira o lugar, isso dava logo porrada. Seja como for não tenho medo. No outro dia apareceu lá um novo muito maior que eu e estava a meter-se comigo e eu avisei-o logo que não tinha medo dele e que era nervoso e ele acabou por ir embora. Nunca bati a ninguém mas... Sou assim nervoso e sei do que sou capaz...

Também o parque é tão grande, porque querem ir para o sítio que é meu e sabem que é meu?! É porque as pessoas conhecem-se e sabem que aquele lugar é para mim.

**Investigadora:**

No caso de haver problemas no parque, acha que teria alguém que o protegesse ou tem alguém a quem deva proteção?

**Investigado:**

Não! Ali ninguém protege ninguém! É cada um por si. Se der porrada, cada qual tem de se proteger a si próprio. E se houver porrada ninguém se mete. Muito menos comigo, não quero que ninguém me defenda, eu defendo-me não sou nenhum bebé...

**Investigadora**

Encara este trabalho como um trabalho normal, cumpre um horário de trabalho?

**Investigado:**

Sim, todos os dias das 9H às 16h. No verão fico até mais tarde, até às 18horas agora não compensa. No fim de ter 20 euros ou 25 euros vou para casa.

**Investigadora:**

É o dinheiro que necessita para as despesas?

**Investigado:**

Sim, para as despesas, para comer e para os vícios. Olha ainda à bocado uma rapariga a quem arrumei um carro em vez de me dar dinheiro deu-me um bocado de haxixe para eu fumar. Ela diz que eu sou fixe. Vinha com a filha de uns sete ou oito anos... Olha, ela é que é fixe. (seguiu-se uma breve explicação de como fazia para fumar a droga) Mas isto não vicia, por isso não faz mal...

**Investigadora:**

Então mas continua a consumir?

**Investigado:**

Só de vez em quando, quando recebo o rendimento mínimo, compro 10 euros ou 5 euros disto, de resto não. Agora andar a arrumar carros para a droga ou quê?!

**Investigadora:**

E quanto ao acompanhamento médico, tem tido, tem ido com regularidade ao médico?

**Investigado:**

Sim, dia 18 de fevereiro tenho uma consulta onde fomos da outra vez (ver qual o nome do centro e em que dia fui com ele) e depois no dia 1 de fevereiro e 6 e maio em Coimbra.

**Investigadora:**

Relativamente à partilha de casa com a Emília, como estão a correr as coisas?

**Investigado:**

Ela ficou lá no meu lugar a arrumar agora. Mas ontem, portou-se mal. Chegou eram onze da noite e já com os copos. Não respeita ninguém. Barulho, era só barulho. Há lá mais pessoas perto e ela só fazia barulho. Não respeita ninguém. Pensa que é tudo dela, mas aquilo é o sítio onde eu vivo, não é tudo dela! (silêncio e semblante triste)

**Investigadora:**

Então e o sonho de ter uma casa? Ainda não desistiu, certo?

**Investigado:**

Não me sai o euromilhões o que queres que eu te faça?? Sonhar é normal do ser humano mas depois falta o resto, sem dinheiro não podemos realizar os sonhos.

**Investigadora:**

Tem de começar a fazer alguma coisa por isso. Já pensou em começar de novo, a fazer outra coisa, num outro lugar?

**Investigado:**

Como? Não me chamam para fazer nada... E também com esta idade... também só ia se fosse para jardineiro que o resto já não tenho corpo para isso. Antes eram só contatos de 1 ou dois meses, mesmo assim eu aproveito, nem que seja um dia ou dois. Quando aparece aproveito tudo. Mas se houvesse eu ia de qualquer maneira, isso queria eu para deixar aquilo.

Mas... mudar de vida, nunca vou mudar. Com 60 anos? Vou ficar a arrumar carros até já não poder com as pernas. Mesmo que tenha uma reforma já viste de quanto vai ser? Vou ter de continuar a arrumar até não conseguir mais.

Mas tenho a noção de que até nem estou muito mal para quem tem 60 anos, há pessoas com 60 anos bem piores que eu, todos acabados. Mas bem, eu também andei no boxe, no atletismo, no hóquei...sou ágil. Tenho é falta de visão...

**Investigadora:**

Provavelmente é genético o seu pai também era uma pessoa forte?

**Investigado:**

Hã? Sim é verdade... era forte.

**Investigadora:**

Ainda é vivo?

Não, morreu por causa do álcool, era pedreiro na Câmara Municipal mas morreu derivado ao álcool e a minha mãe por causa da idade, com 86 anos.

**Investigadora**

E a sua mãe o que fazia?

**Investigado:**

A minha mãe fazia limpezas nas casas das pessoas.

*Eliseu*

*1.ª Entrevista – Eliseu Setembro de 2015<sup>2</sup>*

**Investigadora:**

Olá Eliseu

**Investigado:**

Olá, Boa tarde

**Investigadora:**

Gostava de lhe propor uma atividade para fazer no âmbito da minha investigação de que já falámos

**Investigado:**

Sim...

**Investigadora:**

Tem a ver com fotografia, gosta?

**Investigado:**

Não sei, estou aí a ver a máquina... não deve ser difícil, mas nunca mexi em nenhuma dessas...

**Investigadora:**

É muito fácil. Eu vou dar-lhe três temas e o Eliseu vai retratar cada um deles numa ou mais fotografias que via tirar.

**Investigado:**

Vamos lá ver como corre.

---

<sup>2</sup> Nesta entrevista não foram solicitados elementos de identificação do investigado e outros de natureza análoga dada a relação pré-existente entre investigador e investigado que permitiram tomar conhecimento desses dados previamente.

**Investigadora:**

Corre bem. É importante para mim, perceber como vê as coisas... e assim é uma forma de o conseguir...

**Investigado**

Tudo bem

**Investigadora:**

Já lhe explico como trabalha a máquina.

Pretendo explicar-lhe o conteúdo e dar-lhe a assinar termo de consentimento livre e esclarecido para que saiba que a sua participação na investigação é voluntária e pode desistir se assim entender. (seguiu-se explicação do termo de consentimento livre e esclarecido e do funcionamento da máquina fotográfica).

*2.º Entrevista – Eliseu - 09 de novembro de 2015*

**Investigadora**

Então destas fotografias todas, não sei se ainda se recorda de as ter tirado todas, quando é que tirou...

**Investigado**

Sim, sim. Então isso... tirei-as praticamente.... Ora, esta é no Parque dos Mortos...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Esta é o bocadinho atrás daqui da ponte...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

... que tem aqui um café, um bar...

**Investigadora**

Por cima? Também me pareceu que era nesse sítio...

**Investigado**

Sim, sim, sim. Foi quando eu tirei esta, esta e esta.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Pronto...

**Investigadora**

Isto foi noutra dia?

**Investigado**

Isto foi... Não. Isto foi, primeiro foi nos patinhos...

E depois foi esta, esta e acho que foi esta. E depois foi aí, foram as três, as últimas.

**Investigadora**

Hum, hum. E, mas...

**Investigado**

Pronto, a última...

**Investigadora**

A última foi essa?

**Investigado**

Foi essas duas.

**Investigadora**

Exatamente. Mas teve, não teve dificuldade em fazer isto?

**Investigado**

Não. Não. Aquilo não custa nada. Cheguei ali e tau.

**Investigadora**

Pois. Não tem muita dificuldade, mas...

**Investigado**

Mas ficaram...

**Investigadora**

Ficaram bonitas, não ficaram?

**Investigado**

Ficaram.

**Investigadora**

Eu também gostei muito.

**Investigado**

Por acaso ficaram.

**Investigadora**

É uma coisa que tem de pensar porque tem jeito para isso. Já sabia que gostava de fotografia ou nunca tinha experimentado assim...? Já sabia...

**Investigado**

Pronto, sabia que gostava de fotografia, só que nunca tive oportunidade de andar aí...

**Investigadora**

A fotografar, não é? Pois. Mas olhe, está a ver? Tem jeito para isto.

**Investigado**

Se houver um acontecimento para fotografar é no momento.

**Investigadora**

E destas todas, lembra-se.... Lembra-se que tínhamos de responder aqui a algumas questões. Qual era a recordação mais feliz, o que é que gostava mais nos seus dias, e o seu sonho. O seu sonho está aqui, era este.

**Investigado**

Pois. Era isso.

**Investigadora**

Pronto. Agora, destas todas, qual é que fazem lembrar a recordação mais feliz?

**Investigado**

Eu, a recordação mais feliz, é esta, prontos, era uma destas, mas... Prontos, isso é, a recordação mais feliz era onde eu estive, tratava dos animais... E era ao ar livre...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

E era ao ar livre. Prontos, e eu gostava...

**Investigadora**

Pois. Já me tinha dito que gostava era da natureza, o contacto com os animais...

**Investigado**

Gostava e gosto da natureza.

**Investigadora**

Pois. Esta também simboliza a natureza. E o que mais gosta nos seus dias?

**Investigado**

Dos meus dias, prontos, é... Agora estou a tirar o curso, não é? Mas antigamente passeava, pronto, passeava era por estes sítios...

**Investigadora**

Sim, sim.

**Investigado**

Os sítios mais perto onde eu passeava, porque eu não conheço, vim para cá há pouco tempo.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

E não conhecia muita gente. E fui conhecendo depois, marcando território à volta do centro. Prontos.

**Investigadora**

Pois. E este é um sítio bonito.

**Investigado**

Pois.

**Investigadora**

Este sítio...

**Investigado**

Isto, como eu gosto da natureza...

**Investigadora**

Também gosta desse jardim? Gosta de estar nesse jardim?

**Investigado**

Sim.

**Investigadora**

Sente-se bem aí?

**Investigado**

É este jardim, parque dos mortos. É o que dizem. Acho eu. É o que lhe chamam.

**Investigadora**

Pois é. Mas este sítio é muito bonito. Estas fotografias que tirou. Então isto simbolizaria aqui os seus dias, não é?

**Investigado**

Sim, sim, sim.

**Investigadora**

Agora anda mais ocupado com outras coisas...

**Investigado**

Pois. Agora estou mais ocupado, agora é só...

... as estufas e carrinhos de mão e coisa...

**Investigadora**

E tirou as fotografias...

**Investigado**

Tirei as fotografias e andava lá aquelas, que eu antes de ver o relatório lembro-me da situação.

**Investigadora**

Sim.

**Investigado**

Prontos, foi quando eu tirei.

**Investigadora**

Antes de saber isso?

**Investigado**

E as últimas foi noutro ponto, mas já foi depois de...

**Investigadora**

Ah foram estas?

**Investigado**

Sim. De eu saber já o resultado e tudo...

**Investigadora**

Ah já sabia?

**Investigado**

Sim. Soube o resultado e depois fui tirar...

**Investigadora**

Inspirou-se? Porque essas estão mesmo bonitas. Pois é.

**Investigado**

Pois.

**Investigadora**

Pronto, eu vejo é que... Nota-se que tirou muito à natureza...

**Investigado**

À natureza.

**Investigadora**

... é lá que se sente bem e se calhar foi por causa disso até que escolheu...

**Investigado**

Que escolhi...

**Investigadora**

... o curso relacionado com isso.

**Investigado**

Jardineiro. Pois foi. Por acaso foi.

**Investigadora**

Talvez porque goste de se sentir livre...

**Investigado**

É ao ar livre, gosto de andar ao ar livre, gosto da natureza, dos animais...

**Investigadora**

Tem isso tudo aqui nas suas fotografias...

**Investigado**

Tenho.

**Investigadora**

É isto que gosta?

**Investigado**

É, fazer isto. Passear no mato e... prontos, temos o ribeiro, também tínhamos cascatas.

Tínhamos patos, dava de comer aos patos e... tínhamos vários animais. Mas prontos.

**Investigadora**

E então isto fá-lo lembrar dessa altura?

**Investigado**

Da recordação, eu escolhi isso.

**Investigadora**

Que era isso que fazia?

**Investigado**

Era isto...

**Investigadora**

Que era mais...

**Investigado**

... que fazia.

**Investigadora**

Então e dessas todas, qual é a fotografia que gosta mais?

**Investigado**

A que eu gosto mais?

**Investigadora**

Sim.

**Investigado**

Então, é a minha recordação, mas eu gosto mais desta.

**Investigadora**

Desta? Então agora vou-lhe pedir ajuda e vou preencher o poema dos sentidos. Faz de conta que está neste sítio. Está agora a olhar para isto e eu vou-lhe dizer o início da frase e vai-me responder, vai continuar a frase. Por exemplo, poema dos sentidos é: Eu oiço... E agora vai-me dizer, como se estivesse naquele sítio, o que é que está a sentir, o que é que está a ouvir... Vou-lhe dizendo várias coisas...

Olhando para a fotografia...

**Investigado**

Ouvindo o barulho da água a bater...

**Investigadora**

O barulho da água a bater. Eu cheiro....

**Investigado**

O cheiro da natureza.

**Investigadora**

Eu vejo...

**Investigado**

A natureza. Ah, isso é um dos sítios que eu gosto mais...

**Investigadora**

Eu saboreio... Saboreio, pode ser o momento, pode ser...

**Investigado**

A calma.

**Investigadora**

A calma. Muito bem. Eu toco...

**Investigado**

A felicidade.

**Investigadora**

Eu sinto...

**Investigado**

O que é que eu sinto? Sinto-me bem.

**Investigadora**

Eu vou só pôr aqui que foi esta que escolheu. E gostou de fazer isto E.?

**Investigado**

Não. Por acaso até gostei, digo-te já. Eu gostei de fazer.

**Investigadora**

Eu fiquei muito contente quando vi as fotografias...

**Investigado**

Também eu. E se tivesse mais tempo eu tirava... olha, acho que gastava o rolo.

**Investigadora**

Pois. Porque as fotografias estão muito bonitas e nota-se que teve... Pensou...

**Investigado**

Muita concentração e...

**Investigadora**

Calma para as tirar...

**Investigado**

Pois. É preciso, é ter calma.

**Investigadora**

E escolher o sítio e tudo... Está bem. Aqui, a que eu fiquei mais surpreendida foi, nós também ainda não tínhamos falado disto, mas foi aqui do seu maior sonho, ter uma família.

**Investigado**

Pois. Ter uma família.

**Investigadora**

Ter uma família?

**Investigado**

Sim.

**Investigadora**

Está já a trabalhar para isso?

**Investigado**

Claro.

**Investigadora**

Está já a fazer o curso, já está...

**Investigado**

Sim, sim, sim.

**Investigadora**

Porque tem estado a ter uma vida diferente do que a que tinha antes?

**Investigado**

Diferente do que o que tinha.

**Investigadora**

Completamente diferente, não é?

**Investigado**

Pois.

**Investigadora**

E acha que esta atividade fez sentido? Fê-lo pensar em alguma coisa? Ao tirar as fotografias? Ou foi só tirar as fotografias e trazer? Ou fez pensar no seu passado, naquilo que queria para o seu futuro...?

**Investigado**

Então fez-me recordar. Porque eu, prontos, estava meio-dia que só tirava aos patos mas depois comecei a pensar, vou tirar à natureza. Pensei logo no curso também, vou escolher jardinagem. Foi logo, escolhi jardinagem, e prontos, e veio-me à ideia de tirar as fotos. E aqui, prontos, aqui já se sabe, olhe, foi um dia de festa. Foi no dia do relatório. Foi um dia de festa.

**Investigadora**

Um dia especial. Pronto, então fica com essa recordação desse dia especial.

**Investigado**

Isto foi um dia especial, pois.

**Investigadora**

É verdade.

**Investigado**

Foi o dia de receber o relatório, saber que entrei para o curso.

**Investigadora**

Também se tinha esforçado muito...

**Investigado**

Esforcei o máximo. Nos quatro, mas pronto, só podia escolher um...

**Investigadora**

Pois.

**Investigado**

Se pudéssemos escolher os quatro, também não me importava nada.

**Investigadora**

Está mesmo motivado.

**Investigado**

Pois. E depois é um passatempo também, escusava de andar aí na rua de um lado para o outro, assim...

**Investigadora**

Pelo menos está ocupado e está a fazer uma coisa boa.

**Investigado**

São três anos.

**Investigadora**

Pois. Porque agora escolheu esse percurso, não é?

**Investigado**

Escolhi a escola para tirar o nono ano.

**Investigadora**

Pois, mas ainda bem que o fez. Eu acho que lhe vai fazer bem, acho que vai ser uma coisa...

**Investigado**

Também acho que sim.

**Investigadora**

... muito positiva para o si. Gostava que me falasse um bocadinho de si e do seu passado, já falámos que gostava, em criança aquilo que se lembra era de brincar na natureza, de dar a comida aos...

**Investigado**

Pois...

**Investigadora**

Não é de cá de Leiria, já me disse que não era de cá de Leiria...

**Investigado**

Sim. Não sou de cá de Leiria e também onde eu estava e com a idade que eu tive e o que se passou, não tinha muitas possibilidades. E prontos, gosto da natureza. E prontos, estava a brincar, ou a jogar à bola e prontos, ou passear, ou ler...

**Investigadora**

E estava muito tempo... Fazia isso com alguns amigos ou estava muito tempo sozinho?

**Investigado**

Às vezes sozinho...

**Investigadora**

Sozinho...

**Investigado**

Outras vezes com amigos, mas era raro. Era mais sozinho.

**Investigadora**

Era mais sozinho.

**Investigado**

Depois aparecia de manhã, depois só aparecia à tardinha...

**Investigadora**

Mas isto ainda enquanto estava no Entroncamento? Ou já quando estava lá... Porque teve algum tempo que não esteve lá, estava no norte, não foi? Segundo o que me...

**Investigado**

Sim, estive no norte.

**Investigadora**

... segundo o que me tinha dito.

**Investigado**

Estive no norte, prontos. Isto é, onde eu sou mais feliz é do norte antes de ir para o Entroncamento.

**Investigadora**

Ah era de lá? Isto fazia lá?

**Investigado**

Sim. Fazia lá.

**Investigadora**

Porque vocês podiam sair da Casa do Gaiato?

**Investigado**

Podíamos sair mas só aos dezoito. E eu vim-me embora com catorze anos.

Comecei a pensar e a ver as coisas, prontos. Estava lá, era novo. Não podia... como diz o português, estrebuchar.

**Investigadora**

Mas sentia-se... Também se veio embora é porque não se sentia lá bem?

**Investigado**

Sim. Isso fiz catorze anos, passado uma semana...

... fui-me embora.

**Investigadora**

Mas estudava lá? Lá chegou a estudar?

**Investigado**

Sim, sim. Eu estudava. Fiz a quarta classe e comecei a fazer o quinto. Fiz lá a quarta classe e depois comecei a fazer o quinto ano, que era tipo telescola.

**Investigadora**

Sim.

**Investigado**

E pronto... Não acabei, não acabei de fazer aquilo tudo.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Foi quando eu fui-me embora de lá. Fugi.

**Investigadora**

Não sentia, não se sentia...

**Investigado**

Não.

**Investigadora**

Sentia que não era ali o seu...

**Investigado**

Não era. Não era, não era.

**Investigadora**

Não era ali o seu lugar?

**Investigado**

Não era ali o meu lugar. Prontos, e além de lá ter estado lá dez anos, não é? Porque pronto, fui mesmo obrigado a ir para lá.

**Investigado**

Fui mesmo obrigado. Ficou só a minha mãe, o meu pai faleceu e não tinha possibilidades e fui mandado para lá com quatro anos.

**Investigadora**

Hum, hum. Com quatro anos. Esteve lá dez anos.

**Investigado**

Dez anos. Aos catorze, aí vai ele, para o Entroncamento.

**Investigadora**

Porque queria vir ter com a sua família outra vez?

**Investigado**

Sim, sim. Com a minha avó e a minha mãe.

**Investigadora**

Ela viviam as duas juntas? Ou não?

**Investigado**

Não.

**Investigadora**

Não? Então e depois chegou ao Entroncamento, foi ter com a sua mãe?

**Investigado**

Não. Fui ter com a minha avó.

**Investigadora**

Foi ter com a sua avó. Gostava mais da sua avó?

**Investigado**

Sim.

**Investigadora**

Era mais próximo da sua avó?

**Investigado**

E era a única que me ia lá ver...

**Investigadora**

À instituição...

**Investigado**

... onde eu estive.

**Investigadora**

Sim, sim.

**Investigado**

A minha mãe nunca lá foi. Se foi uma vez, não me lembro.

**Investigadora**

Pois, a sua avó é que tinha mais contacto com...

**Investigado**

Sim, sim, sim.

**Investigadora**

E depois veio ter com ela...

**Investigado**

Depois vim ter com ela, e cá fiquei. Depois arranjou esse coiso de ir para Torres Novas, para tirar o curso, e também tinha escola...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

E prontos, estive lá, comecei a tirar o curso e... Depois andei quase três anos, depois tive que ir embora porque já não tinha idade para lá estar. Já era mais velho.

**Investigadora**

Sim, sim. Havia uma idade limite?

**Investigado**

Sim, sim. Um limite.

**Investigadora**

Também era em regime de internato, ou não? Era só escola?

**Investigado**

Não, não.

**Investigadora**

Ia e vinha?

**Investigado**

Sim, sim, sim. Ia de manhã... Ou ia trabalhar de manhã e depois tinha escola à tarde...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

... ou era ao contrário. Mas ia e vinha todos os dias.

**Investigadora**

Todos os dias.

**Investigado**

Vinham-me buscar e...

**Investigadora**

Ah ok, ok. Mas a sua avó tinha condições para o ter lá a viver com ela?

**Investigado**

Sim, tinha. Não eram muitas, mas...

**Investigadora**

Não eram muitas, mas tinha, tinha algumas. Pronto, e gostava muito de estar com ela?

**Investigado**

Gostava.

**Investigadora**

Só que depois quando acabou a escola, depois o que é que aconteceu? Esse tempo em que...

**Investigado**

Acabou a escola, pronto, o curso e depois fui para o ciclo, mesmo do Entroncamento.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Tentar tirar o quinto ano.

**Investigadora**

Hum, sim.

**Investigado**

Acabei lá o quinto ano.

**Investigadora**

Sim. Acabou no ciclo ou... Acabou no ciclo?

**Investigado**

No ciclo, acabei o quinto ano no ciclo.

**Investigadora**

Em Torres Novas?

**Investigado**

Não. No Entroncamento.

**Investigadora**

E depois no fim de fazer o quinto ano o que é que sentia? Gostava da escola? Queria continuar?

**Investigado**

Sim, gostava da escola...

**Investigadora**

Não continuou porque...

**Investigado**

... mas pronto, já tinha repetido várias vezes... Tinha sido repetente e depois, prontos, naquela altura: “Ah, vou ‘cagar’ para a escola.” “Ah trabalhar”. Mas não fui trabalhar. A minha avó arranjou os papéis para eu ser pensionista, incapacitado.

**Investigadora**

Incapacitado. Mas não é?

**Investigado**

Não. Não, porque... Eu não sou incapacitado, mas prontos, na altura...

**Investigadora**

Na altura...

**Investigado**

Sim. E prontos, e depois, passado um tempozito é que vieram a saber o meu problema na cabeça, que foi... tinha uma coisa na cabeça, um tumor ou...

**Investigadora**

Ah tinha uma doença?

**Investigado**

Sim, sim. Foi quando fui fazer um TAC assim de rotina é que deram com o problema. Pronto, fiquei aqui com um buraco...

**Investigadora**

Mas retirou-o?

**Investigado**

Sim, sim. Era benigno. Não era maligno, era benigno.

**Investigadora**

Ah. Mas quase não se nota.

**Investigadora**

Pois. Por causa do cabelo.

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

Fiquei aqui com um buraco... Se rapar o cabelo vê-se as cicatrizes todas...

**Investigado**

Hum, hum. E fiquei aqui com... tipo com uma marca de bebê.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Prontos, aqui nesta parte.

**Investigadora**

Sim, sim. Isso foi com que idade?

**Investigado**

Então, foi em 2007 que eu fui operado, já sabiam antes. Veja lá quanto tempo é que eu não estive à espera. Mas prontos, e fui operado porque me deu uma cena má.

**Investigadora**

Sentiu-se mal?

**Investigado**

É, prontos, foi assim, no dia anterior e tal tudo bem, no café e tal a beber umas cervejinhas e tal, pronto. Estive lá: “Ah vou para casa, vou descansar.” Fui para casa dormir, descansar, no outro dia não acordei, teve que ir lá a ambulância, depois fui para Tomar e depois de Tomar tive de ir de helicóptero para Santa Maria. Ainda lá estive quase dois meses.

**Investigadora**

Mas acha que foi o álcool? Não?

**Investigado**

Não, não.

**Investigadora**

Sentiu que...

**Investigado**

O problema foi só da cabeça. Não tem nada a ver com o álcool. Não tem nada a ver com nada.

**Investigadora**

Mas a minha pergunta era se foi o álcool que fez isso, fez qualquer coisa...

**Investigado**

Não, não. Isso dia mais tarde tinha que fazer.

**Investigadora**

Tinha... Ia acontecer de qualquer forma.

**Investigado**

Ia acontecer.

**Investigadora**

Sim.

**Investigado**

Assim prontos, foi naquela altura, graças a Deus está tudo bem...

**Investigadora**

Pois. Mas sofreu um bocado ainda com isso?

**Investigado**

Sofri, quer dizer, até nem sofri. Só sofri depois de ser operado e...

**Investigadora**

Pois.

**Investigado**

... prontos, e estive lá quase dois meses no Hospital de Santa Maria e depois... Estive lá depois ser operado e não sei quê, até tirarem os pontos, ainda demorou um bocado, e depois fui para Torres Novas para o hospital, mais dois meses de repouso. Pumba.

**Investigadora**

Mas sempre no hospital?

**Investigado**

Sempre no hospital. Não podia sair nem nada. Em Lisboa não podia ter visitas.

**Investigadora**

Então isso foi uma coisa muito grave.

**Investigado**

Pois foi. Por acaso... Mas prontos, graças a Deus estou aqui... Depois andei mais de um ano ou dois, todos os meses ia fazer o TAC...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

... à cabeça. Prontos. Depois o médico lá seguiu-me, e depois disse que estava... Graças a Deus correu bem.

**Investigadora**

Pois. E depois voltou para casa?

**Investigado**

E depois voltei para casa, e depois mais uns tempos chatices e depois saí de casa para a rua...

**Investigadora**

Mas chateou-se, foi com a sua avó?

**Investigado**

Não, com a minha mãe.

**Investigadora**

Com a sua mãe?

**Investigado**

Sim. Pronto, a minha avó depois faleceu.

**Investigadora**

Ah. Mas foi aí enquanto lhe aconteceu esses problemas de saúde?

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

Ah. Quando aconteceu isso ela ainda era viva ou não?

**Investigado**

Era, era.

**Investigadora**

Ainda era viva.

**Investigado**

Ainda era viva. Esteve mais um anito ou dois mais, depois.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Prontos, e olhe...

**Investigadora**

Depois sentia que... O que é que sentiu da parte da sua mãe?

**Investigado**

Prontos, eu tenho mais irmãos...

**Investigadora**

Não é o filho único...

**Investigado**

E ser o filho mais velho é sempre posto à parte.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Pois é. O filho é filho único, e depois vem mais. E vem outra, já tinha que dividir o carinho e a amizade pelos outros.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Depois vem mais um...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Já são três. Dá um bocadinho a cada um. Prontos, como eu era o mais velho...

**Investigadora**

Claro. E tem muita diferença deles? Tem muita diferença de idades?

**Investigado**

Um bocadito, um bocadito.

**Investigadora**

O Eliseu tem que idade?

**Investigado**

A minha irmã tem vinte... Não, não tem vinte, tem dezanove ou vinte.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

O meu irmão deve ter vinte e sete ou vinte e oito, e eu tenho trinta e nove.

Pois. E prontos...

**Investigadora**

Mas estes eram filhos também...

**Investigado**

Do mesmo pai, não.

**Investigadora**

Não eram filhos do mesmo pai?

**Investigado**

Não. Eu só sou o filho único dos meus pais. Ele morreu, eu tinha quatro anos de idade.

**Investigadora**

Pois, quase nem se lembra dele. Não se lembra muito bem.

**Investigado**

Pois. Não me lembro muito bem. Enfim, fui para a casa do Gaiato e foi fô desgostos. Eu nem tenho fotografias, nem nada. A minha mãe também não me mostrava fotografias...

**Investigadora**

Não lhe mostrava fotografias dele?

**Investigado**

Não.

**Investigadora**

Mas falava dele ou nem sequer falava muito dele?

**Investigado**

Prontos, naquela altura não falava, mas depois, quando vim para casa do Gaiato claro, que falava.

**Investigadora**

Sim, sim.

**Investigado**

Mas depois não dizia, não perguntava muito, não repetia.

**Investigadora**

Pois.

**Investigado**

Não quer dizer, não quer.

**Investigadora**

Essa, a casa do Gaiato era onde? Era em que...

**Investigado**

Paço de Sousa...

**Investigadora**

Paço de Sousa.

**Investigado**

Penafiel. Era a aldeia de Paço de Sousa, mas fica...

**Investigadora**

Pertence a Penafiel.

**Investigado**

... no distrito de Penafiel.

**Investigadora**

Sim, sim. Então depois a sua avó faleceu. Ficou a viver com a sua mãe.

**Investigado**

Sim.

**Investigadora**

E com os seus irmãos?

**Investigado**

Sim, sim, sim. Ainda fiquei uns tempitos, mas depois saí.

**Investigadora**

Saiu mesmo de casa?

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

Mas não foi para outra casa?

**Investigado**

Não, não. Não tinha condições para isso.

**Investigadora**

Pois. E tem mais alguém na família? Tinha mais alguns familiares? Ou algum tio, algum...

**Investigado**

Sim. Mas moram na Amadora.

**Investigadora**

Ah, não viviam lá?

**Investigado**

Não. Ali era só... E era a minha avó. Prontos, mas como a minha avó já tinha falecido eu...

**Investigadora**

Pois. Ficou...

**Investigado**

Só ficou ali aquilo, mais nada.

**Investigadora**

Então e depois tomou essa decisão de sair assim de casa... Foi um risco?

**Investigado**

Foi. Na altura pensei que fosse boa ideia. Mas prontos, não me arrependo de nada, não é?

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Não me arrependo de nada. Olhe, então, já está, já está.

O passado já lá vai... Agora é seguir em frente e está a andar. Só se vive um dia de cada vez.

**Investigadora**

E depois lá é que não passou muito bem? Depois dessa altura?

**Investigado**

Não passei muito bem, mas também não passava muito mal. Prontos, mal no aspeto de... Prontos, roubar e essas coisas assim, não.

**Investigadora**

Sim, sim.

**Investigado**

Isso não, porque eu também nunca fui... Não sei, não é a minha religião, mas é tipo o meu signo que não me deixa fazer isso. E prontos, eu não sou de roubar... Pedir, eu sou um bocado tímido para pedir...

**Investigadora**

Então tenta sempre trabalhar? Porque, quando eu o vi a primeira vez foi aqui em Leiria, estava ali no parque da... que agora também já é pago.

**Investigado**

Pois.

**Investigadora**

Estava aí nesse parque quando eu o vi a primeira vez.

**Investigado**

Pois. Foi, fazia só uns dinheiritos para, prontos, era só para desenrascar, para ter o meu tabaquito...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Mas para comer ia ao Centro.

**Investigadora**

Hum, hum. Pois, porque tem esse apoio do Centro.

**Investigado**

Pois. O que fazia punha para o tabaco e tal, para beber um cafezito e coiso.

**Investigadora**

Para as suas despesas...

**Investigado**

Passei muito, mas isso, para mim já me esqueceu. Agora estou bem, quero estar bem, e prontos, continuar a minha vida...

**Investigadora**

Claro que sim... Tem que se focar é nisso. Porque naquela altura teve algum tempo que viveu até... Não sei se vou dizer alguma besteira mas na altura até me disse que tinha vivido na rua, lá no Entroncamento?

**Investigado**

Sim, sim. Estive, e ainda estive na rua bastante tempo. Ainda estive na rua bastante tempo e cheguei a dormir em autocarros abandonados...

**Investigadora**

E não tinha medo de estar assim?

**Investigado**

Não. Medo, prontos, porque eu já conhecia, também já conhecia a zona onde eu ia.

**Investigadora**

Pois.

**Investigado**

Porque eu não ia para sítios que não conhecia. Só ia para sítios onde conhecia.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Pronto, e estive lá, e prontos, tinha poucas ajudas, aí tinha poucas. Mas prontos, ia sobrevivendo com aquilo que conseguia arranjar.

**Investigadora**

Também ia trabalhando? Fazendo...

**Investigado**

De vez em quando ia fazendo uns biscatezitos, umas pinturazitas e tal...

**Investigadora**

Umhas pinturas de casas?

**Investigado**

Sim, sim, sim. Casas...

**Investigadora**

Também percebe...

**Investigado**

Prontos, era cair... Sim, sim.

**Investigadora**

Sim.

**Investigado**

Cair, e prontos, pintura, também percebo...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

É um pouco de tudo. Eu, prontos, não sou técnico de eletricitista...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

... mas prontos, desenrasco-me.

**Investigadora**

E sempre se foi desenrascando para arranjar esse seu dinheirito? Mesmo nessa altura. Porque nessa altura, continuava a receber a sua pensão nessa altura?

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

Recebia na mesma?

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

Só que queria ter o seu dinheirinho...

**Investigado**

Mas só isso não chegava para nada. Isso, na altura então... Então... Ah pois, isso não chegava para nada.

Mas prontos, até hoje não chega, mas prontos, vai dando.

**Investigadora**

Depois é que decidi que aquilo não era vida para si, tinha que se vir embora de lá...

**Investigado**

Sim.

Deixei mesmo aquela terra e vim para aqui. Vim de paraquedas, caí aqui de paraquedas. Prontos, fui à net ver quartos em Leiria e tau, assim que eu recebi a pensão, tau, vim para cá, assim, tau.

**Investigadora**

Como é que se lembrou de Leiria? Foi assim ao calha? Ou já gostava da cidade?

**Investigado**

Não, não. Prontos, Leiria foi, prontos, o único sítio, prontos... Também nunca cá tinha vindo. Eu nunca... Leiria. Prontos, foi só apanhar o autocarro e tau, cheguei à GARE, também não conhecia nada.

**Investigadora**

Chegou aqui sozinho?

**Investigado**

Ia perguntando às pessoas, prontos, perguntar vai a Roma... É assim no mundo inteiro. Ia perguntando e depois... Prontos, mas como eu ia dizer, tenho um colega que veio para aqui morar e esse colega, prontos, disse que cá morava mas só soube quando cá cheguei, é que o vi, quando cá cheguei vi-o depois associei, epá vou chamar aquele gajo, porque aquele gajo, acho que é a tal pessoa e não sei quê. Olhe, por acaso era. E quando ele se vira: “E... És mesmo tu...” E a partir daí pronto, e depois foi-me dizendo as cenas...

**Investigadora**

Pois.

**Investigado**

Centros de Acolhimentos e...

**Investigadora**

Ah, ele tem sido a pessoa que o tem aqui...

**Investigado**

Sim. Mas isso foi só...

**Investigadora**

Foi só no início?

**Investigado**

... no primeiro mês para eu me desenrascar.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

E andou comigo no primeiro mês para arranjar quarto. Depois não arranjei quarto, depois só passados vinte dias é que arranjei.

**Investigadora**

Então e esteve na rua esse tempo?

**Investigado**

Estive. Pois.

**Investigadora**

Já esteve aqui...

**Investigado**

Ia comer ao Centro de Acolhimento, tomar banho e não sei quê, mas dormir... Às vezes dormia em casas abandonadas... Ainda estive vinte dias aí, e depois houve uma amiga que me deu o quarto, prontos, e estive lá três meses, mas depois, prontos, aquilo não é vida para mim, aquele bairro não é vida para mim e vim-me embora.

**Investigadora**

Não gostava do sítio? Ou eram as pessoas que viviam consigo?

**Investigado**

Prontos, e era o sítio.

**Investigadora**

Era o sítio.

**Investigado**

Era o sítio e as pessoas.

**Investigadora**

Era tudo. Não se identificava...

**Investigado**

Era tudo. Pois.

**Investigadora**

... com nada daquilo?

**Investigado**

Mas prontos, não tinha dinheiro para ir para lado nenhum, para onde é que eu ia? Depois assim que um rapaz me falou: “Ah, vais para a Guimarota e não sei quê, não sei quê.” Prontos, foi logo. Deixei ali e fui logo para a Guimarota, nem olhei para trás.

**Investigadora**

Nem olhou para trás. Porque não se identificava nada com daquilo. Mas era em que Bairro, é que estava antes? Antes de mudar para a Guimarota?

**Investigado**

Na Quinta de Santo António.

**Investigadora**

Quinta de Santo António...

**Investigado**

É lá em cima.

**Investigadora**

Sim.

**Investigado**

E prontos, ainda lá estive três meses, porque pronto, não tinha para onde ir e prontos, e...

**Investigadora**

E lá não tinha que pagar, ou tinha? Tinha que pagar o quarto?

**Investigado**

Tinha. Pagávamos a meias, dividíamos as despesas a meias.

**Investigadora**

As despesas, sim. Mas era pessoas que não conhecia também?

**Investigado**

Conhecia do Centro.

**Investigadora**

Ah, conhecia do Centro.

**Investigado**

Conhecia do Centro, mas prontos, não era indicada.

**Investigadora**

Não?

**Investigado**

Não.

**Investigadora**

Mas tinham alguns problemas?

**Investigado**

Metia-se nas drogas pesadas.

**Investigadora**

Mas você nunca foi disso?

**Investigado**

Não.

**Investigadora**

Por isso é que não se identificava com aquelas pessoas?

**Investigado**

Pois. Prontos, eu não saía de lá porque...

**Investigadora**

Porque não tinha...

**Investigado**

...ia para a rua outra vez. E assim, quando me falaram do quarto na Guimarota eu fui logo para lá.

**Investigadora**

Na Guimarota. Então e agora este divide com alguém a casa?

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

Mas é tudo pacífico? É tudo...

**Investigado**

É tudo, tudo. É um apartamento, só que tem quatro quartos...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

... e prontos...

**Investigadora**

Então são quatro lá a viver?

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

Vocês são todos rapazes?

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

Todos rapazes. E dá-se bem com toda a gente?

**Investigado**

Eu dou-me bem com toda a gente.

Naquela casa é tudo... Prontos... Só têm diferenças... As diferenças que eles têm é dos clubes, de resto...

**Investigadora**

Ah é?

**Investigado**

É.

**Investigadora**

É as diferenças dos clubes, mas essas são mais fáceis de gerir.

**Investigado**

Três do Benfica e um do Sporting.

**Investigadora**

Também não há muita diferença.

**Investigado**

Pois. Não há diferença. Para mim, é assim, eu sou benfiquista, prontos. Não é daquelas pessoas ferrenhas, mas tenho orgulho em ser benfiquista. Já desde pequeno, é benfiquista e até morrer serei benfiquista. Mas é, simpatizo com o Sporting, mas sou anti Porto.

Porque faz-me lembrar o tempo que eu estive lá em baixo...

... e eu conheci muito a equipa do Porto, na altura que eu estava lá em baixo na Casa do Gaiato.

**Investigadora**

E não gosta nada dessa ideia?

**Investigado**

Não, não.

E quando estava lá, ia lá o Porto e dava camisolas e eu nunca fui do Porto. Sempre Benfica.

**Investigadora**

Então quem é que lhe passou essa... Se esteve lá tão pequenino, alguém teve que lhe passar essa ideia de ser do Benfica.

**Investigado**

O Benfica...

**Investigadora**

Foi sozinho, foi sozinho?

**Investigado**

Na televisão. Foi sozinho.

**Investigadora**

Que decidiu...

**Investigado**

Foi sozinho. O Luisão...

**Investigadora**

... que queria ser do Benfica.

**Investigado**

... via o Eusébio e não sei quê, não sei quê e tal... Pronto. Sempre do Benfica.

**Investigadora**

E decidiu que era o Benfica.

**Investigado**

Sempre do Benfica, sempre, sempre.

**Investigadora**

E ainda hoje...

**Investigado**

Ainda hoje sou e serei...E hei-de ser. Até morrer hei-de ser. Sempre.

**Investigadora**

E gosta de ir ver os jogos e isso tudo?

Não?

**Investigado**

Não porque é assim, não porque eu gosto de estar na paz. Não gosto de confusões e... não sei o que é que eles vão fazer para o estádio.

Pois. É para andar à porrada, ou para isto vou mandar bocas para o outro... Prontos.

**Investigadora**

Você gosta de estar mais sossegado?

**Investigado**

Prefiro estar no meu cantinho. Prontos, se der na televisão, tudo bem, se der na Sport TV, às vezes vejo, outras vezes oiço o relato, meto os fones no meu cantinho. Estou ali, tau, tau a ouvir, e prontos, não chateio ninguém. Se ninguém me chatear...

**Investigadora**

Também não chateia, não é?

**Investigado**

Está-se ali que é um espetáculo, está-se na paz...

**Investigadora**

Então mas eles agora são no fundo a sua família, não é? Vive com eles, não é bem, mas...

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

... no fundo. Então e para além desses seus colegas, tem mais amigos? Agora vai conhecer mais gente na escola...

**Investigado**

Sim, sim. Eu agora, prontos estou a começar a conhecer as pessoas que, prontos, estão no meu curso, são aquelas que eu conheço melhor. Depois tem os outros, também dos outros cursos, que costumo vê-los aos intervalos...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

E prontos, e na escola e tudo. Vou conhecendo, tenho muito tempo, três anos.

**Investigadora**

Tem muito tempo, não é?

**Investigado**

Pois. Três anos é muito tempo.

**Investigadora**

Então e os outros amigos, para além daqueles que vivem consigo, são, conheceu-os onde?

**Investigado**

No Centro...

**Investigadora**

No Centro?

**Investigado**

... de Acolhimento.

**Investigadora**

Sim, sim.

**Investigado**

São todos de lá.

**Investigadora**

E dá-se bem com eles?

**Investigado**

Dou. Prontos, não é com todos. É só com para aí uns três ou quatro...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

E, e, e... Mesmo assim é escolhê-los a dedo e coiso. Além das quatro pessoas, e também não é muita gente. Não é muita gente porque também ...

**Investigadora**

E também...

**Investigado**

... estou cá há pouco tempo...

**Investigadora**

Está cá há quanto tempo?

**Investigado**

Prontos...

**Investigadora**

Mais ou menos.

**Investigado**

Deve ser para aí há uns cinco ou seis meses.

**Investigadora**

Está aqui há pouco tempo, está.

**Investigado**

Pois.

**Investigadora**

E já fez estas mudanças todas?

**Investigado**

Então, mudanças para melhor.

**Investigadora**

E para melhor, é verdade.

**Investigado**

Muito melhor. E Deus queira que...

**Investigadora**

E agora...

**Investigado**

Eu estou melhor mas também gostava de estar...

**Investigadora**

E está a trabalhar para isso.

**Investigado**

Pois. E estou a trabalhar para isso.

**Investigadora**

Está a trabalhar para isso. Sim senhor.

**Investigado**

E eu estou a trabalhar para isso.

**Investigadora**

E portanto, agora, hoje em dia não tem... É só, no fundo trabalha ou recebe os seus rendimentos, só para si. Não tem ninguém a seu cargo? Não tem cá, nem nenhum familiar, nem ninguém?

**Investigado**

Não, não, não.

**Investigadora**

Está sozinho.

**Investigado**

É só para mim, só para mim.

**Investigadora**

Pois.

**Investigado**

No meu ver é, pronto, antigamente era... Recebia e era para pagar a renda na própria casa da minha mãe. Estava a pagar cento e cinquenta euros.

**Investigadora**

No Entroncamento?

**Investigado**

Na casa da minha mãe estava a pagar renda. Já viu? A própria família, filho.

**Investigadora**

Mas ela tinha dificuldades económicas? Era por causa disso?

**Investigado**

Prontos. Sim, tinha, mas prontos, não eram muitas, mas tinha.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Todos temos. Poucas ou muitas, todos temos. Mas prontos, não era para exigir quase a reforma toda... Quase toda, eu recebo duzentos e trinta... Duzentos e dezanove, dava cento e cinquenta, com quanto é que ficava para o mês todo? Pouco ou nada.

**Investigadora**

Pois. Isso é que também o fez tomar essa decisão?

**Investigado**

Foi.

**Investigadora**

Querer...

**Investigado**

Ser independente e tal...

**Investigadora**

Independente, um sítio diferente, não é?

**Investigado**

Pois.

**Investigadora**

Começar de novo...

**Investigado**

Mudar de ambiente. Assim ao menos olha...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

E mudei logo de número de telefone, mudei logo tudo. Tudo.

**Investigadora**

Então ela agora não sabe...

**Investigado**

É vida nova, é coiso...

**Investigadora**

Então ela agora não sabe de si neste momento?

**Investigado**

Nadinha. Nem quero. Para quê? Chatices, não vale a pena. Assim olha, vou ao meu cursozinho e tal, e fazendo a minha vida e prontos.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Vou-me orientando...

**Investigadora**

Está focado no curso?

**Investigado**

Estou. Por acaso estou.

**Investigadora**

Isso está-lhe a...

**Investigado**

Estou focado no curso, estou.

**Investigadora**

Está-lhe a dar prazer fazer o curso?

**Investigado**

Estou, por acaso estou a gostar.

**Investigadora**

E tem uma parte que é, em que vocês aprendem em sala de aula, não é? Estava-me a dizer.

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

E depois?

**Investigado**

Temos umas disciplinas, que é Língua Portuguesa e não sei quê de Portugal, temos, como é que é... Epá, cidadania e...

**Investigadora**

Hum.

**Investigado**

... mais não sei o quê... Prontos, é matemática para a vida...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Prontos, é...

**Investigadora**

São essas.

**Investigado**

... coisas que eu nunca vi. Prontos. Matemática para a vida, matemática sei o que é, a Língua Portuguesa, sei o que é. Depois é Língua Portuguesa e comunicação, essa não sei o quê. Mas o resto, cidadania, é mais não sei o quê... Eu não sei o que é, porque prontos, na altura que eu andei na escola não havia nada disso. Eu pensei: “Isto é novo”. Mas prontos, estou lá é para aprender.

**Investigadora**

Agora vai aprender essas competências...

**Investigado**

Estou lá é para aprender.

**Investigadora**

Vai aprender... Essas disciplinas são no fundo para vos dar um bocadinho a ideia de quais são os direitos que vocês têm, como é que é a convivência em sociedade. Por isso aproveite agora essas disciplinas porque vão ser muito benéficas para o seu desenvolvimento. Pronto, e agora é fazer o cursozinho. E como é que acha que vai ser a sua vida daqui a cinco anos?

**Investigado**

Logo se verá. Mas espero para melhor, sempre para melhor. Não é para pior, é para melhor.

**Investigadora**

É para melhor. Mas já se vê a trabalhar naquela área, não é? Olhe, três anos vai ser o curso, não é?

**Investigado**

Sim.

**Investigadora**

Três anos que demora o curso?

**Investigado**

Sim, sim. Três anos mas é, prontos, vai demorar esse tempo porque é na escola, porque se fosse só o curso...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

... era um ano e meio só.

**Investigadora**

Pois.

**Investigado**

Prontos. E estou a dividir as horas...

**Investigadora**

Hum, hum. Portanto, a escolha que fez, teve em atenção que a escolaridade também é muito importante?

**Investigado**

Sim, sim, sim. Muito importante.

**Investigadora**

E vai concluir... Depois dá-lhe equivalência ao nono ano?

**Investigado**

Ao nono ano.

**Investigadora**

Ao nono ano. E depois tem uma especialização nessa área...

**Investigado**

Sim, sim.

**Investigadora**

... que está a fazer. Nesse caso é a jardinagem, não é?

**Investigado**

Jardinagem. É.

**Investigadora**

E depois pretende, no fim do curso feito pretende começar a tentar arranjar emprego nessa área?

**Investigado**

Pois. Prontos eu não sei se... Prontos, depois pensionista, não sei. Porque é vitalícia, até morrer, não é?

**Investigadora**

Mas possivelmente pode conciliar as duas coisas.

**Investigado**

Pois. Posso fazer.

**Investigadora**

Pode conciliar as duas coisas. Pensa ter a sua casa?

**Investigado**

Eu, na família primeiro.

**Investigadora**

É?

**Investigado**

Isso depois, a casa arranja-se.

**Investigadora**

Depois logo se vê. Primeiro queria arranjar uma namorada?

**Investigado**

Pois.

**Investigadora**

Uma mulher... Um filho pensa ter um filho?

**Investigado**

Ah pois. Então um filho, pois. Uma sementezinha...

**Investigadora**

Uma sementezinha...

**Investigado**

Pois. É. Prontos, mais não digo, porque também está difícil a vida, não é? E depois para trazer as crianças ao mundo para estar nessa vida não vale a pena. Assim, com um filho ainda se tolera e ainda se aguenta e coiso. Depende também de como corre a vida, não é?

**Investigadora**

Claro que sim. Mas está motivado e está...

**Investigado**

Estou motivado e...

**Investigadora**

Tem os seus objetivos bem definidos. Que é isso, tem um projeto. Não sei se alguma vez sentiu isso durante este percurso todo, sem.... É um dia de cada vez, não trabalham para nada para amanhã, e neste momento não se encontra assim. Encontra-se motivado...

**Investigado**

Motivado.

**Investigadora**

... e com aquele objetivo.

**Investigado**

O meu objetivo, pois...

**Investigadora**

E tem que o conseguir...

**Investigado**

E consigo, vou fazer por isso.

**Investigadora**

Portanto, isso está a fazer este esforço, que também não deve estar a ser fácil para si. Agora voltar à escola, tantos anos depois...

**Investigado**

Pois. Mas prontos, eu já tive várias, já tive várias tentativas para voltar à escola, mas a minha idade não era assim...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Mas prontos, foi uma oportunidade boa. E é que agarrar e não a largar.

**Investigadora**

Não a largar. É verdade. Pode ser o início de uma vida nova. Pode ser não, vai ser.

**Investigado**

Pois. Vai ser.

**Investigadora**

Há de ser.

**Investigado**

Não pode ser, vai ser.

**Investigadora**

Hum, hum. Vai ser.

**Investigado**

Pois. Esta oportunidade não se pode deixar fugir. Tem que se agarrar com força.

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Para ela não fugir.

**Investigadora**

Pois. Ainda começou esta semana, não foi?

**Investigado**

Foi.

**Investigadora**

Começou esta semana.

**Investigado**

E também prontos, os primeiros dias, apresentações, e prontos, tem uma ficha ou outras mas... Às vezes não tenho cabeça, mas lá tenho que ter um bocadinho para fazer. Mas pronto.

**Investigadora**

Pois. Porque não gosta muito de estar fechado assim...

**Investigado**

Não.

**Investigadora**

... em sítios...

**Investigado**

Não gosto, não gosto.

**Investigadora**

Gosta de se sentir à vontade?

**Investigado**

Sim. Gosto. Prontos, estar fechado, não gosto. Muito tempo não. Assim prontos, aí meia hora, ainda vai naquela, agora mais de meia hora, assim mais ou menos, não...

**Investigadora**

Já começa a ficar inquieto?

**Investigado**

Já, já.

**Investigadora**

Já, porque conhece muito bem como é que é estar lá fora, não é? Por isso...

**Investigado**

Mas prontos, isso agora é levar para a frente e prontos.

**Investigadora**

Claro que sim. Vai correr bem.

**Investigado**

E ter motivação... É que por exemplo, disse hoje para um colega lá meu amigo, prontos, que entrou lá também: “O meu dicionário só tem três coisas...” O que é que eu lhe disse... Ora, falei-lhe em pontualidade, falei-lhe em pontualidade... Ah, alegria... e era outra coisa qualquer. Mas prontos, também era com a pontualidade, alegria... Mas prontos, tinha tudo a ver com o resumo do contexto da... prontos, agarrar. Agarrar-se àquilo porque aquilo foi uma oportunidade que ele teve. Mas prontos, estava eu a explicar a ele.

**Investigadora**

Porque ele não estava muito motivado? Acha que ele...

**Investigado**

Não. Porque prontos, ele está motivado e não está. Eu já reparei porque eu sei ver das pessoas, sei ver, prontos, e já o conheço há um tempo. Mas não há muito tempo, que também eu quando vim para cá, já ele cá estava. Mas prontos, às vezes ele está bem, outras vezes está mal. Prontos, chateia-se ou vareia, ou prontos... E eu estava a dizer-lhe as coisas, é assim, assim, assim... Agora se quiseres, segues o meu conselho, se não quiseres, o problema é teu. Foi logo o que eu lhe disse. Mas prontos...

**Investigadora**

Ele também não era de cá? Também não era de cá? Veio para cá também?

**Investigado**

Pois. Mas ele veio muito primeiro que eu. Ele também não é de cá. Ele disse-me que era de não sei de onde... Póvoa Do Varzim, ou sei lá de onde é que ele é...

Sei que era...

**Investigadora**

Os utentes lá do Centro são... Qual é a sua ideia? São mais pessoas de cá ou são mais pessoas que vêm de fora?

**Investigado**

Epá, as que conheço, prontos... prontos, algumas moram aqui nos arredores, ou moravam nos arredores, não é? Mas há outras que eu conheço, que eram do Funchal... prontos. E outros do Brasil e mais não sei o quê...

**Investigadora**

E acha que foi, vinham à procura de alguma oportunidade e depois aconteceu alguma coisa que não correu bem?

**Investigado**

Pois. Para estarem ali... Mas prontos. Isso acontece a todos.

**Investigadora**

Pois é. Mas não faz parte... Não é sua intenção andar por ali muito tempo? Quer ver se consegue sozinho?

**Investigado**

Sim, sim, sim.

**Investigadora**

Ou pretende continuar...

**Investigado**

Especialmente bem arranjando uma família...

**Investigadora**

Hum, hum.

**Investigado**

Que eu não vou andar com a família, a levá-la para um Centro de Acolhimento, não é? Isso também não. É por isso que eu quero ver se sigo para a frente. Isso é o meu objetivo, o meu primeiro objetivo é seguir para a frente.

Seguir para o alto, de resto... Tem prioridade máxima. Depois vem o tal da família, vem o coiso, tal...

Está tudo incluído, mas a minha prioridade máxima é subir quanto mais alto melhor, não é?

**Investigadora**

Claro.

*3.ª Entrevista – Eliseu – Janeiro de 2016*

**Entrevistadora:**

Como está a correr o curso? Está a ser fácil conjugar a parte prática com a parte teórica?

**Entrevistado:**

Está a correr bem. Durante a semana, há um dia em que é o dia todo de aulas.

**Entrevistadora:**

Hum... tem a ver com o facto de ter optado por realizar também as unidades de formação que lhe irão dar equivalência ao 9.º ano?

**Entrevistado:**

Sim. É por isso. Ainda vou estar lá 3 anos.

**Entrevistadora:**

E então? Como está a lidar com isso? Já se arrependeu da decisão que tomou?

**Entrevistado:**

Não. Até não me arrependo. Até estou a aprender coisas que não estava a fazer conta. Aquilo que é os TIC, ou como se diz...

**Entrevistadora:**

Tecnologias de Informação e Comunicação, informática portanto...

**Entrevistado:**

Sim, é isso. Até estou a gostar muito. Aprendemos a fazer muitas coisas. A escrever a desenhar... estou a gostar.

**Entrevistadora:**

Quando iniciou o curso, recorda-se?

**Entrevistado:**

Sim, foi no dia 9 de novembro de 2015. Já me mudou a vida e vai mudar mais. Agora é sempre a subir.

**Entrevistadora:**

Recordo-me de me ter dito que os seus companheiros de casa lhe emprestavam um PC, assim, pode treinar em casa as suas habilidades informáticas...

**Entrevistado:**

É, eles emprestam-me quando não precisam.

**Entrevistadora:**

E lá em casa, corre tudo bem?

**Entrevistado:**

Sim, está tudo bem.

**Entrevistadora:**

Decerto que preferia estar com a sua família...

**Entrevistado:**

...

**Entrevistadora:**

Não ficou com uma relação cordial com a sua mãe?

Recordo-me que quando mencionou que havia fugido da instituição teria sido para ir ter com a sua avó... preferia estar na Companhia da sua avó?

**Entrevistado:**

Sim, gostava muito da minha avó, mas ela já morreu. E a minha mãe... É assim, tive de sair para dar lugar aos mais novos.

**Entrevistadora:**

Mas, segundo percebi, quando saiu de casa, ainda no Entroncamento, foi para viver na rua...

**Entrevistado:**

Sim, foi. Não tinha para onde ir...

**Entrevistadora:**

Como se toma uma decisão de abandonar a família e ir viver para a rua?

Não sentiu medo?

**Entrevistado:**

Medo? Não! (risos)

Eu gosto de conhecer coisas novas

**Entrevistadora:**

Sim...mas, não tinha para onde ir... como foi gerir essa situação?

**Entrevistado:**

Então para comer tinha de haver sempre... para o resto... olha...

**Entrevistadora:**

Depois decidiu deixar o Entroncamento...

**Entrevistado:**

Foi... Vi na internet “quartos para alugar em Leiria” e pensei “Vou para Leiria” e caí aqui de paraquedas.

**Entrevistadora:**

Viu os quartos para arrendar mas quando veio para Leiria voltou a passar pela experiência de ser sem-abrigo...

**Entrevistado:**

Sim, não tinha onde ficar, mas aqui sabia que era provisório, era só até arranjar um sítio. Encontrei um sítio onde comer (centro de acolhimento) e depois mais tarde fui viver com alguns rapazes que lá conheci.

**Entrevistadora:**

Essas companhias que foi conhecendo ao longo os períodos que passou na rua, muitas vezes eram pessoas com vícios, certo?

**Entrevistado:**

Sim...

**Entrevistadora:**

Segundo me referiu, não tem nenhum vício para além do tabaco. Como se consegue conviver, conhecer e partilhar casa com essas pessoas sem nunca ter cedido à tentação?

**Entrevistado:**

Eles são assim, viciados porque têm a cabeça fraca. Eu tenho a cabeça forte. Prontos, eu quando era novo tive catequese e tudo e sei que há coisas que não é para fazer...

**Entrevistadora:**

São os seus princípios e valores, é isso?

**Entrevistado:**

Sim, é isso... sei que não é bom fazer essas coisas e como tenho cabeça forte não faço.

**Entrevistadora:**

E quanto ao seu futuro? Agora com o curso, prevê que lhe surjam mais oportunidades?

**Entrevistado:**

Sim, espero que sim. Também com o curso recebo subsídio de transporte e alimentação o que é uma ajuda. Este dinheiro e a minha reforma já vai dando para comprar alguma coisinhas melhores.

**Entrevistadora:**

Sente-se melhor, portanto?

**Entrevistado:**

Sim, melhor. “Algum dia tinha de me levantar não é só cair!”

*Fonseca*

*Fonseca - 1.ª Entrevista – 25 de setembro de 2015*

**Investigadora:**

Boa tarde

**Investigado:**

Boa tarde

**Investigadora:**

Está bem-disposto? Gostaria de lhe apresentar uma atividade...

**Investigado:**

Sim, sim, estou sempre bem-disposto. Diga lá.

**Investigadora:**

Esta atividade consiste em apresentar-lhe apenas três questões ou temas, melhor dizendo, e o Fonseca tirar fotografias relacionadas com isso.

**Investigado:**

Eu é que tiro as fotografias?

**Investigadora:**

Sim, você vai imaginar qual a resposta que daria às questões e depois vai tirar uma fotografia (pelo menos) para retratar cada uma.

**Investigado:**

Eu?

**Investigadora:**

Esta atividade tem a ver com a investigação que me encontro a fazer, da qual já falámos. Importa-me saber como vê a sua vida. Nada melhor que ser o Fonseca a captar as imagens para que eu perceba.

**Investigado**

Tá bem... mas eu não sei mexer na máquina

**Investigadora:**

Não se preocupe que já lhe explico...

Pretendo explicar-lhe o conteúdo e dar-lhe a assinar este termo de consentimento livre e esclarecido acerca da voluntariedade da sua participação. (seguiu-se explicação do conteúdo do termo de consentimento livre e esclarecido e do funcionamento da máquina fotográfica).

**Investigado:**

Está bem.

**Investigadora:**

Vou apenas dar-lhe o primeiro tema. Se for mais fácil para si dou-lhe um tema por semana...

**Investigado:**

Sim, é melhor.

**Investigadora:**

Então esta semana irá captar imagens que o façam recordar da sua recordação mais feliz.

**Investigado:**

Então, isso digo-lhe já, e pode escrever: a minha recordação mais feliz é estar vivo!

Depois de ter sido considerado morto quatro vezes, a minha melhor recordação é estar vivo.

**Fonseca - 2.<sup>a</sup> Entrevista - outubro de 2015**

**Investigadora:**

Boa tarde Fonseca

**Investigado:**

Boa tarde Dra.

**Investigadora:**

Então, como correu a experiência com a máquina fotográfica?

**Investigado:**

Olhe, não correu muito bem... não conseguia tirar...

**Investigadora:**

Tem de carregar com mais força no botão. Experimente lá.

**Investigado:**

Ah, assim já dá...

**Investigadora:**

Então hoje pode levar as restantes duas perguntas de tiver dúvidas olha para os cartõezinhos.

**Investigado:**

Está bem.

**Investigadora:**

Então as próximas duas são: o que gosto mais nos meus dias e qual o meu maior sonho.

**Investigado:**

Hum... está bem...

**Investigadora:**

Tema alguma dúvida? Quer alguma ajuda?

**Investigado:**

Como vou pôr o sonho numa fotografia?

**Investigadora:**

Não vai pôr o sonho, vai colocar algo, uma imagem, mais concretamente, que o faça lembrar, ou que o remeta para o seu sonho, aquilo que mais quer na vida.

**Investigado:**

Aquilo que mais quero é acabar com a SIDA.

**Investigadora:**

Então tente captar uma imagem que transmita isso, está bem?

**Investigado:**

Está bem.

***Fonseca - 3.ª Entrevista – novembro de 2015***

**Investigadora:**

Olá Fonseca vejo que conseguiu tirar as fotografias.

**Investigado:**

Sim, até era fácil, foi só apanhar o jeito, como nunca tinha tirado não sabia trabalhar com estas máquinas modernas.

**Investigadora:**

Então não foi difícil?

**Investigado:**

Não, não foi nada difícil.

**Investigadora:**

Então mostre-me que fotografia representa a sua recordação mais feliz

**Investigado:**

Oh Dra. Diz-se Fótografia ou fotografia?

**Investigadora:**

Fotografia

**Investigado:**

Olhe que eu pensava que era Fótografia...

**Investigadora:**

Então mas diga-me qual delas representa a sua recordação mais feliz

**Investigado:**

É esta da minha Santinha. Santa Maria Adelaide em Arcozelo. Vou lá todos os anos com companhia ou sozinho. Vou de Expresso até Miramar e de Miramar até Arcozelo a pé, ainda é um bocado. Chego lá ponho 10 velas, uma por cada pessoa da minha família, com um canivete marco a letra do nome da pessoa e depois venho embora.

Ponho uma pela minha afilhada Irene que morreu com paralisia cerebral e também tinha epilepsia como eu. Esse chorão que se vê na foto está ao pé da minha casa e tem treze anos, idade da minha Irene que faleceu. Quando ela faleceu a mãe dela quis cortar o chorão. Mais dia menos dia acaba por cair o muro como se vê na foto...

**Investigadora:**

O Fonseca tem muitas doenças diagnosticadas não é...

**Investigado:**

Sim, são 22. Epilepsia, VIH, Toxoplasmose, cegueira parcial, surdez parcial... A minha família também é só pessoas doentes. O meu avô materno tinha epilepsia, o meu pai faleceu tinha eu três meses.

**Investigadora:**

Também foi de doença?

**Investigado:**

Foi de doença mas foi de outra. De acidente. Iam 6 todos bêbedos dentro de um mini, tiveram um acidente e ele morreu, era o que ia a conduzir.

**Investigadora:**

Então quase não se lembra do seu pai...

**Investigado:**

Era um animal! Chegava bêbedo a casa, fechava-me num quarto e dava porrada à minha mãe.

**Investigadora:**

E a sua mãe? Dá-se bem com ela?

**Investigado:**

Sim, dou-me otimamente bem. A minha mãe tem uma saúde de ferro.

**Investigadora:**

E irmãos tem irmãos?

**Investigado:**

Tenho seis ao todo, mas dois já são de outro casamento da minha mãe. Do primeiro casamento são 4 (e eu). Eles são uns bons índios, só fazem mal, saíram à besta do pai, nem falam para mim, nem para a minha tromba olham!

**Investigadora:**

Está a dizer isso, mas alguns deles mantêm contacto consigo, o seu irmão, por exemplo, recordo-me da situação que tratámos...

**Investigado:**

Não viu para que é que falam para mim? Para se aproveitarem! Se é assim mais vale não falar.

**Investigadora:**

Disse que a sua mãe teve outro casamento, como era a sua relação com o marido da sua mãe?

**Investigado:**

Muito boa. Ele era uma excelente pessoa. Olhe, ele é que foi muitas vezes procurar os meus irmãos quando eles se lembravam de fugir.

A minha irmã é tocodependente, o outro vive no Telheiro e a outra na Ponte da Pedra...

**Investigadora:**

E o seu Padrasto...

**Investigado:**

Chamava-se Romeu. Já faleceu. O segundo marido da minha mãe morreu a trabalhar. Na STL, no lixo. Este marido dava-se muito bem comigo (os olhos encheram-se de lágrimas). Caiu, não tinha capacete... eles não davam condições nenhuma...eu avisei-o tanta vez... Rui, tem cuidado, equipa-te bem, olha o capacete... Naquele dia a sapatilha ficou presa e... aconteceu...

**Investigadora:**

Custou-lhe muito esta perda?

**Investigado:**

Muito mesmo.

**Investigadora:**

Então, a sua recordação mais feliz era a Santinha...

**Investigado:**

Sim, Santa Maria Adelaide

**Investigadora:**

E do seu passado o que tem de mais importante?

**Investigado:**

Então como já disse, fiquei sem pai com três meses, andei na escola do Arrabal da Ponte até à 4.<sup>a</sup> classe, comecei a trabalhar nos móveis Cadimas (Vale Sepal) tinha 10 anos e fui para Lisboa com 16 anos procurar trabalho. Fui sozinho à procura de um trabalho melhor, estava farto de tudo, da família, do trabalho...

**Investigadora:**

Como surgiu assim a ideia de ir para Lisboa? Tinha alguém conhecido lá?

**Investigado:**

Quer dizer, eu tive aqui um problemazito com um processo em tribunal, depois contactei uma pessoa conhecida em Lisboa que me emprestou dinheiro para pagar a multa porque eu não tinha. Até acabou por não ser preciso porque o advogado tratou das coisas para eu ter um atestado de pobreza e não pagar. Acabei por ir ter com o meu amigo que era médico a Lisboa e fiquei lá 18 anos.

**Investigadora:**

Quando chegou lá já tinha trabalho?

**Investigado:**

Não. Fui para casa dele e fui estudar para o Colégio Z, uma barafunda, eram uns em cima dos outros. Todos tinham relações com todos e mesmo que um tivesse SIDA ninguém usava preservativo.

**Investigadora:**

E você protegeu-se sempre?

**Investigado:**

Eu só tive sexo com a mesma pessoa.

Eu sou homossexual. E sou ativo. Há o ativo e o passivo, eu sou ativo. Não ando praí a dizer isso, a minha mãe já se apercebeu, mas agora tenho sempre muito muito cuidado.

**Investigadora:**

Consegue ter a noção de como contraiu o vírus?

**Investigado:**

No verão antes de ir para Lisboa, fui passar as férias à Costa da Caparica e numa noite estava num bar e quem me aparece. Um senhor todo bem apresentado e pôs conversa comigo a perguntar se eu estava sozinho. Eu respondi-lhe logo “*antes sozinho que mal acompanhado*”.

A conversa continuou e ele perguntou se me podia dar boleia. Já no carro começou a colocar a mão na minha perna... e eu disse. “*Olha que comigo só com capacete*” e ele respondeu-me que não havia problema, para eu confiar nele que ele era médico.

**Investigadora:**

E confiou?

**Investigado:**

Sim.

**Investigadora:**

Então já o conhecia daí, por essa razão foi ter com ele a Lisboa?

**Investigado:**

Sim, mas ele tinha três filhas e elas não gostavam muito de mim nem eu delas. Nós discutíamos muito porque cada vez que elas iam lá a casa ele mandava-me sair para as receber e eu não gostava. E mais... estavam sempre a pedir-lhe dinheiro!

Eu depois fui trabalhar para os móveis, para Loures, como já tinha experiência...

Quando trabalhava em Leiria, nos móveis Cadimas ia trabalhar sem comer nada. O meu patrão dava-me dinheiro para ir comer. Eu ia à D. Almira e comprava 4 ou 5 sandes que comia no caminho. A minha mãe coitada não tinha dinheiro para fazer nem para me dar comida.

**Investigadora:**

E trabalhou muito tempo nessa área (mobiliário) em Lisboa?

**Investigado:**

Não trabalhei lá muito tempo porque entretanto o J. falou lá com a minha antiga patroa porque eram muito amigos e fui trabalhar para a Clínica X.

**Investigadora:**

Que funções tinha lá na clínica?

**Investigado:**

Tive uma carteira profissional emitida pelo Ministério da Energia (eletricista), trabalhei em Lisboa a fazer biscates e lá na Clínica fazia de tudo, até vestia mortos!

Trabalhei lá 18 anos! Depois deste tempo todo tive um desentendimento com o dito médico onde eu fui fazer o teste do VIH e deu positivo. Fui logo falar com ele e ele respondeu: *“É a vida, calha a todos que são gays”*

Eu gostava muito desta pessoa e ele fez-me isto, não me avisou. Agora, depois do António Variações que morreu lá na clínica onde eu trabalhava, a doença já é vista de outra forma. Antes éramos só nós gays, depois os toxicod dependentes e agora os heterossexuais.

**Investigadora:**

Mas surgiu algum sintoma estranho para ter decidido fazer o teste?

**Investigado:**

Foram só dores de cabeça, não sei explicar, dava-me a impressão de que tinha algum problema de saúde... diarreia, dores no estômago...

**Investigadora:**

Mas não esperava o resultado...

**Investigado:**

Não esperava isto de uma pessoa que gostei tanto. Ainda por cima pedi-lhe para fazer o teste e ele disse que não fazia.

Assim, ao fim de 7 anos de relação arranjei um quarto entre o Intendente e a Feira da ladra. Saí da Clínica com a reforma apesar de a minha patroa querer dar-me 20 mil contos para eu assinar o despedimento e comecei a fazer uns biscates. Fazia a manutenção de 27 bares e tinha uma garrafa de whisky em cada um. Como tinha um curso de Eletricista tirado em Cabo Ruivo era fácil arranjar uns biscates.

Então nos bares era demais... só mulheres... eu tinha de dizer... “vira-me pra lá esse batom...”

**Investigadora:**

Nunca gostou de mulheres?

**Investigado:**

Não, tive uma rapariga na escola, tinha 7 anos. Apaixonei-me por ela, fomos crescendo, beijinhos e tal, prendas para ela sim, para mim não. Nisto vai com o meu irmão para a cama e ainda me atirou com isso à cara e disse-me que eu não prestava para nada.

Também para a esquecer fui para Lisboa e prometi a mim mesmo que ia ser homossexual.

**Investigadora:**

E como reagiu quando soube que tinha o VIH?

**Investigado:**

Então reagi mal... não contei a ninguém. Fui falar com ele para lhe dizer que ele também tinha. Pedi para ele fazer o teste, ele disse que não e viu que eu não fiquei nada contente.

A minha mãe sabe que sou homossexual mas não sabe que tenho o VIH. Levo-lhe sempre folhetos para explicar que não se transmite assim de qualquer maneira. Mas ela já está desconfiada porque é que eu vou a Coimbra de 6 em 6 meses às consultas, mas eu digo-lhe que vou às minhas como ela vai às dela.

**Investigadora:**

E neste momento o vírus está controlado?

**Investigado:**

Sim, está controlado, já não aparece no teste há 10 anos. Já sou acompanhado em Coimbra há 32 anos.

Desde os 16 anos (quando fui para Lisboa) que tenho um diário até à data em que regresssei a Leiria.

**Investigadora:**

Então ainda ficou muito tempo em Lisboa?

**Investigado:**

Fiquei por lá mais uns tempos, em casa da D. Felismina, a minha senhoria de quem eu gostava muito. Dava-me muita privacidade. Mesmo quando era para fazer limpeza eu fazia à frente dela.

**Investigadora:**

E regressou a Leiria?

**Investigado:**

Sim, regresssei a Leiria passado uns tempos de boémias naqueles cafés e bares de Lisboa.

Vim viver com a minha mãe.

**Investigadora:**

E quanto ao que mais gosta nos seus dias...

**Investigado:**

Olhe gosto de andar na minha bicicleta que é a minha companheira inseparável.

Gosto de passear...

**Investigadora:**

E vícios? Não tem nenhum vício?

**Investigado:**

Nenhum. Já tive! O álcool! Durante muito tempo, mas pus-me a pensar no dinheiro que gastava naquilo e se não me seria preciso para medicamentos para a minha velhice, o que andava eu a fazer... deixei de um dia para o outro. Mas estava muito habituado... era aquela coisa de ir sempre beber... e depois bebia e tinha estes problemas como a epilepsia e assim, dava logo barraca. Já me conheciam por INEM porque passava a vida nas urgências.

Dia sim, dia sim ia parar ao hospital de Leiria. No hospital ninguém me conhecia pelo meu nome, mas por INEM!(risos)

Agora drogas e fumar nunca! Nunca fumei nem drogas nem nada! Já tentaram que eu me injetasse e eu nada. Na tropa provocavam-me:” *Um bom macho tem de fumar!* “Acabei por agredir um com uma arma e tive de ir a conselho de guerra. A provocarem-me assim?! Então mas o que é que isso tinha a ver?

**Investigadora:**

Sem vícios consegue organizar-se melhor e poupar um pouco mais. Como sobrevive, tem algum apoio ou é apenas da sua reforma?

**Investigado:**

Então tenho a minha reforma, e o subsídio por assistência de terceira pessoa.

Tenho eu e a minha mãe. Ela toma conta de mim e eu tomo conta dela. E sou muito económico. Não gosto de gastar dinheiro onde não é preciso e em tudo o que possa usar gratuitamente ou seja dado por associações eu peço.

**Investigadora:**

E é uma pessoa solidária?

**Investigado:**

Sou muito. Tenho muitos amigos, se vir alguém a passar fome vou a um supermercado e compro pão e queijo ou fiambre e água. Nada de álcool, nada de dar dinheiro para vícios.

**Investigadora:**

E a escola? O Fonseca é uma pessoa inteligente, agora com tempo livre...

**Investigado:**

Sim, se houvesse uma oportunidade voltava a estudar. Eu antes era muito inteligente. Até Alemão eu sabia. Por isso é que esse Alemão falava comigo e me deu o projeto que quero por a funcionar. A máquina para filtrar o sangue.

**Investigadora:**

É esse o seu projeto, o seu objetivo?

**Investigado:**

Sim, é o que mais quero. Conseguir pôr a máquina a funcionar. Já tentei de todas as formas, já escrevi à Dra. Leonor Beleza por causa do projeto, já fui a Coimbra com o Sr. Simões da Pastelaria para falar sobre este assunto e ninguém quer dar andamento ao projeto.

**Investigadora:**

Fonseca, talvez o projeto tivesse sido útil há uns anos, agora possa estar um pouco ultrapassado, compreende?

**Investigado:**

Não. Não é nada disso. Eles querem é que eu o deixe lá para eles o analisarem mas eu não deixo. Deixo em Inglês, que eles não percebem nada. Agora traduzido? Já o mandei traduzir e gastei um dinheirão... Esta máquina é como se fosse as máquinas da hemodiálise, filtrava o

sangue para não haver necessidade de termos de tomar tantos retrovirais. E não vou desistir ainda vou dar uma chapada de luva branca a quem nunca ligou a isto.

**Investigadora:**

E quanto à sua família? Não pretende constituir família, como imagina o seu futuro?

**Investigado:**

Quero ficar com a minha mãe até morrer. Dou-me otimamente com a minha mãe e quero ficar na casa da minha mãe. Só se encontrar um rapaz que tenha o mesmo problema que eu (VIH) é que penso em viver com ele. Mas é cada um na sua cama. E relações sempre protegidas.

**Investigadora:**

E quanto ao trabalho? Imagina-se ainda a trabalhar ou já desistiu de desenvolver alguma atividade?

**Investigado:**

Não tenho condições para trabalhar, só pequenos biscates...

**Investigadora:**

E quanto à sua saúde? Como se sente? Alguma vez se sentiu discriminado?

**Investigado:**

Na altura que soube que tinha VIH ninguém sabia nem ninguém sabe agora para não ser marginalizado. Já me senti marginalizado no posto médico e em cafés. Porque é que uma pessoa é tão discriminada?

Quando vou ao café W, o ‘animal’ que me serve, é sempre num copo de plástico. Noutra servem-me mas lavam logo a chávena do café com lixívia e com luvas e tudo. Há qualquer coisa que não está bem neste país.

Devia haver mais informação neste país, mais panfletos! Eu não me importava de os ir espalhar. Deviam explicar como o vírus se espalha irem pessoas de porta a porta explicar isso, porque há pessoas que fazem da doença um bicho-de-sete-cabeças.

**Investigadora:**

Como se sente o Fonseca com a sua vida?

**Investigado:**

Eu gosto de viver, gosto de estar vivo. Gostava que o projeto da máquina fosse avante e de viver muitos anos com a minha mãe.

Sou uma pessoa bem-disposta, quando vou a Coimbra estou sempre a falar já me chamam o papagaio. Mas é que lá as pessoas andam sempre tristes... não pode ser...Um sorriso não custa nada.

***Maria***



*Maria - 1.ª entrevista - 25 de setembro de 2015<sup>3</sup>*

**Investigadora:**

Maria tenho uma atividade a propor-lhe. Tem esta máquina fotográfica e três questões a responder com imagens que vai ser você a captar. A primeira questão é: Qual a minha recordação mais feliz...

**Investigada:**

Eu nunca fui feliz... Não tenho nenhuma recordação feliz.

**Investigadora:**

Nem da sua infância ou juventude? Tente fazer um pequeno exercício de memória...

**Investigada:**

É verdade. Quando era pequena apanhava porrada em casa dos meus pais, fugi de lá. Aos 18 anos, casei e a partir daí comecei a apanhar porrada de um homem. Como já não suportava mais tanta violência e humilhação quis acabar com a relação mas acabei por cometer um erro que me custou o resto da vida. Neste momento estou longe dos meus filhos: um está na Guarda num colégio interno e o mais pequeno nem o conheço, foi adotado... como posso dizer que fui feliz?!

**Investigadora:**

De onde é? Tem contactado com a sua família?

**Investigada:**

Sou do Algarve. Não... há 14 anos que não se falam... se falasse com eles a vida era outra.

**Investigadora**

Decerto tem algo de feliz no seu passado Maria... Tente recordar-se...

---

<sup>3</sup> Nesta entrevista não foram solicitados elementos de identificação do investigado e outros de natureza análoga dada a relação pré-existente entre investigador e investigado que permitiram tomar conhecimento desses dados previamente.

**Investigada:**

É triste, muito triste...

**Investigadora:**

A seguir poderá tirar uma foto, ou várias, a algo que simbolize o que mais gosta de fazer nos seus dias e depois irá representar aquilo que é o seu maior sonho.

**Investigada:**

O meu maior sonho era estar junto dos meus filhos. Mas do pequenito não dá. Pelo menos do Miguel mas... não tenho casa para isso... não mo deixam trazer...

**Investigadora:**

Tem dois filhos Maria?

**Investigada:**

Sim, um mais velho com 14 anos e um mais pequenito que deve ter agora 6 que foi para adoção.

**Investigadora:**

Sente muito a falta deles?

**Investigada:**

Muito. Principalmente do Miguel. O outro não sinto muito a falta dele, só quando começo a pensar muito nisso é que pronto... No outro dia a assistente social perguntou-se se queria saber onde estava, eu disse que sim. Ela disse que ele estava perto, bem perto, mas que não me podia dizer onde senão eu ia querer ir lá vê-lo e isso não podia acontecer. Disse-me que ele estava com pessoas com muito dinheiro acho que são advogados ou não sei quê... e mostrou-me uma fotografia lá no computador. É tão lindo o meu menino... com cabelinhos escurinhos e olhinhos claros... fiquei mais descansada, sei que o meu filho está bem. Está melhor do que se estivesse comigo. Mas mãe é mãe..."

**Investigadora:**

E onde mora, diz que não tem condições para acolher a criança é isso?

**Investigada:**

Claro. Eu moro num quarto, frio. Quase nem posso ter a luz acesa à noite. Deram-me um aquecedor e a senhoria viu-me a passar com ele avisou-me logo que não podia ligar aquilo.

Deito-me muitas vezes só com a luz da televisão e com uma vela. É uma tristeza... como é que alguma assistente social deixava ir o meu menino para ali? Eu queria era uma casinha pequenita, mas que deve para estar eu e o meu filho.

**Investigadora:**

Tem de direcionar a sua vida para esse objetivo...

**Investigada:**

Como?! Recebo €170 euros de RSI, pago €150 de quarto, com quanto fico para viver?

**Investigadora:**

Talvez tenha de procurar um trabalho certo, uma ocupação permanente e remunerada.

**Investigada:**

Já tentei. Nunca dá. Eu não sei ler nem escrever. Mandam-me sempre embora, dizem que me posso enganar nas coisas. Não tenho sorte nenhuma...

**Investigada:**

Talvez ainda não tenha tentado tudo...

**Investigadora:**

Referiu que foi vítima de violência...

**Investigada:**

Sim... em casa dos meus pais e depois apanhei um homem que me batia também. Como já não suportava mais tanta violência e humilhação quis acabar com a relação mas acabei por cometer um erro que me custou o resto da vida.

**Investigadora:**

Já passou por muito então...

**Investigada:**

Nem sabes quanto... e também na noite... também já me bateram na noite, já fiquei mal por ter sido atirada de um carro em andamento e por ter sido agredida pela própria polícia.

**Investigadora:**

E não tem medo de estar na rua?

**Investigada:**

Agora começo a ter, mas não tinha... ninguém me fazia mal. Também o meu ex-marido costumava estar ao pé para me proteger. Os clientes são sempre mais ou menos os mesmos. Quando não são já desconfio por já ter ficado sem receber.

*Maria - 2.<sup>a</sup> Entrevista – 24 de dezembro de 2015*

**Investigadora:**

Olá Maria como está?

**Investigada:**

Muito mal, estou doente e estou sozinha

**Investigadora:**

Está sozinha? Mas vai passar a noite com quem?

**Investigada:**

Vou passar a noite sozinha e não tenho nada que comer. Nunca pensei chegar a esta situação (choro).

**Investigadora:**

Mas não pode ir ter com a sua família?

**Investigada:**

A minha família mora longe e também não me iam querer ver... eu fugi de lá...

**Investigadora:**

Tenha calma, já consegui falar com o seu filho?

**Investigada:**

Sim, pelo menos isso! Já falei com ele hoje e ele perguntou-me «*Oh mãe porque é que não vens passar o Natal com a gente?*» e eu disse «*Oh filho tu sabes que os avós não falam para a mãe...*». Cortou-me o coração, porque é que não posso estar com o meu filho?!

Já não quero saber de nada, chego a pontos sei lá de quê... não tenho casa, não tenho dinheiro, fiquei sem os meus filhos... o que ando aqui a fazer?!

**Investigadora:**

Tem de ter calma, tratar de uma coisa de cada vez. Este ano isso pode não ser possível mas terá de fazer tudo para que no próximo ano já seja uma realidade.

**Investigada:**

Obrigada por me vires visitar.

*Maria - 3.<sup>a</sup> entrevista – 11 de janeiro de 2016*

**Investigadora:**

Olá, como está?

**Investigada:**

Olá, tudo bem.

**Investigadora:**

Gostava que me falasse do seu passado profissional. Nunca trabalhou?

**Investigada:**

Já... quer dizer, estou na vida há muito tempo, mas tive aí uns tempos que queria a minha independência, então comecei a fazer limpezas para uma empresa. Ainda estive lá mais ou menos 8 meses...

**Investigadora:**

Não gostava do trabalho?

**Investigada:**

Não era isso, eles obrigavam a gente a fazer muitas horas e pagavam mal e eu assim não!

**Investigadora:**

Decidiu então voltar à rua?

**Investigada:**

Não tinha outro remédio...

**Investigadora:**

O seu local sempre foi ali na Nova Leiria?

**Investigada:**

Eu antes tinha uma carrinha, toda adaptada com um bom ambiente para os clientes e equipada com bidé e tudo.

**Investigadora:**

Nessa altura tinha mais clientes?

**Investigada:**

Sim...

**Investigadora:**

E o seu ex-marido sabia da sua atividade?

**Investigada:**

Sabia?! Foi ele que me meteu na vida! Já estive em Espanha, Coimbra e Leiria. Ele apoiava e protegia-me que era para eu trabalhar para ele. Mas era muito controlador...

**Investigadora:**

Mas tinha uma relação feliz com ele?

**Investigada:**

Eu não! Quer dizer, ele não era má pessoa, quando eu estava doente nunca me obrigava a ir trabalhar, mas metia-se em cada uma... e depois chegava a casa bêbedo e tumba, dava-me. Depois, engravidei do meu filho mais novo e ele disse-me logo *“não tiveste juízo, engravidaste de um gajo qualquer não quero saber dele”* Levei porrada dele uma vez no meio de uma viagem: parou o carro e tumba, tumba, tumba a dar-me porrada até que consegui destrancar a porta do carro e fugi, pedi 1 euro a uma pessoa para telefonar e liguei ao Patrício (namorado atual) para ele me ir buscar a Coimbra.

O Patrício pagou um quarto e foi comprar iogurtes e croissants para ela comer. Acabei por ficar em casa de uma amiga dele até resolver as coisas do RSI.

Assim que recebi, arranjei um quarto e mudei-me para lá.

**Investigadora:**

Como se sentia?

**Investigada:**

Mal. Muito mal, como em todas as noites que tive de ir para a rua já com uma barriga de 7 meses. Houve uma noite que me senti mal. Fui para o hospital, mas ainda não era o parto, depois tive de estar três dias sem trabalhar...

**Investigadora:**

E do seu ex-marido, teve novidades?

**Investigada:**

Está preso. Nem quero saber nada dele. Apesar de me ter apaixonado por ele há muitos anos e ter fugido com ele, saturou... prontos...ele discutia muito comigo. Fiquei sem o meu filho à custa dele, foi dizer à segurança social que eu estava com drogas?! Sinceramente gostava que ele tivesse cá fora para abraçar o filho, para o garoto ter mais à vontade. Agora, de resto... Ele tem de ter juízo naquela cabeça!

**Investigadora:**

E pelo que sei agora tem um namorado...

**Investigada:**

Sim, o Patrício é um amor de pessoa, sempre a dar-me força, sempre a acompanhar-me a dar-me conselhos. Já estou com ele há três anos...

**Investigadora:**

E ele? Alguma vez foi violento consigo?

**Investigada:**

Não! Nunca! Ele está sempre a dar-me atenção.

**Investigadora:**

Já pensou que pode ser o seu futuro...

**Investigada:**

Não, com ele nunca! Ele é casado, e está comigo porque lhe faltam os carinhos da mulher, ainda por cima tem um filho que já é um homem...

**Investigadora:**

E filhos? Não pensa ter mais filhos?

**Investigada:**

Não posso, fiz laqueação de trompas.

**Investigadora:**

Mas continua a proteger-se das doenças?

**Investigada:**

Sempre, e cada vez tenho mais medo. Das doenças e de entrar num carro de algum doido que me espete uma seringa ou assim...

**Investigadora:**

Quando está a trabalhar costuma usar o seu nome ou algum nome fictício?

**Investigada:**

Sempre nomes falsos. Antes dizia que era Carla.

**Investigadora:**

Normalmente quando fazem o pagamento. Antes ou depois?

**Investigada:**

Normalmente antes.

**Investigadora:**

Relativamente à atividade de aproximação ao *photovoice*, aquela das fotografias, Não a consegui realizar porque teve algumas dificuldades com a máquina, diga-me, o que mais gosta nos seus dias?

**Investigada:**

Passo os dias fechada em casa, não tenho gosto em fazer nada, agora já nem me apetece ir lá abaixo (ir para a rua). Passo os dias a olhar para as paredes, acho que vou dar em doida...

**Investigadora:**

O que gostava de fazer?

**Investigada:**

O que eu queria mesmo era estar com o meu menino e dar-lhe tudo que ele quisesse.

Ter uma casa para podermos estar os dois à vontade.

*Apêndice B.3*  
*Sinopses das entrevistas*

**B 3.1. Sinopse das entrevistas realizadas a António, 59 anos, arrumador de carros, (ex) toxicod dependente, alcoólico**

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Passado	Infância Juventude	<p><i>“Ah, pois, a recordação. A recordação, porque eu tiro uma fotografia ao castelo porque eu tenho grandes recordações do castelo de S. Jorge em Lisboa”.</i></p> <p><i>“Mas tem a ver, para mim tem a ver com o rio Tejo, porque foi no rio Tejo que eu aprendi a nadar. Foi no rio Tejo que eu tive as minhas namoradas. Foi no Tejo que eu curti a vida, a minha juventude. Estás a perceber? Conheci muita gente... Sou do Barreiro, mas vou conhecendo as pessoas todas. Na praia nós conhecíamos mais pessoas, não é? E aí vivi, a minha juventude foi no rio Tejo, no verão. Está perto, da casa dos meus pais está perto, aquilo é quinze minutos, pronto, é quinze minutos. Então tenho a recordação do rio Tejo”.</i></p> <p><i>“Eu tenho recordações do castelo... Neste castelo tenho uma boa, com a Emília lá. Andámos lá a curtir os dois, a passear... Tivemos, passámos lá uma tarde, bem-dispostos. Oh, bem-dispostos, bebemos, fumávamos... ali na conversa, a ver a paisagem... e aquela coisa toda. Mas também me lembrei de recordações do castelo de S. Jorge porque são recordações mais interessantes. Também de namoros, namoradas... Quando era mais novo...”</i></p> <p><i>“Eu tinha recordações porque ia lá várias vezes. E aqui tenho lá recordação porque também passei lá uma tarde, e tenho outra recordação... Houve uma vez e mais dois amigos, aqui no castelo, a parte de trás do castelo...”</i></p> <p><i>“Esta da avioneta, é muito importante, sabes porquê? [...] Andei acompanhado aí de uma rapariga uns dez anos, que é a Patrícia, que vive no Alqueidão da Serra, quando, houve um inverno que nós não tínhamos onde dormir, então eu descobri esta avioneta e fui para lá dormir, passamos lá o inverno. Limpámos aquilo tudo... [...] É romântico, é. No chão tínhamos umas esponjas e um saco de cama, não é? Duplo, de casal. De manhã enrolava o saco de cama, fazíamos as mochilas, íamos para o jardim vender artesanato. Quando queríamos tomar banho, um pouco mais à frente tínhamos uns balneários, que agora já não existem, tomávamos banho [...] Já há uns doze anos, ou treze anos. Havia uns balneários públicos..... ali logo à entrada. Tomávamos banho ali ou íamos a casa de alguém tomar banho, depois íamos tomar o pequeno-almoço e depois íamos para o jardim Camões, metia ali a manta no chão e o artesanato.”</i></p> <p><i>“Esta fonte[...] aqui tem muita história. Tem história, quer dizer, não é histórias...”</i></p>	<p>Lisboa assume uma grande importância na sua vida;</p> <p>A juventude é muitas vezes mencionada ao contrário da infância;</p> <p>Não fala do lar e associa a casa em que viveu a uma barraca, como de resto passou a viver o resto da sua vida (em casas sem condições);</p> <p>Tenta mais tarde construir um local seguro para proporcionar a outrem (P.) a segurança de um lar: a avioneta, que limpou e preparou;</p> <p>O castelo quer em Lisboa quer em Leiria. A razão da recordação talvez se prenda por ser o ponto mais alto, ao qual pensa não conseguir chegar definitivamente mas apenas esporadicamente para se divertir ou levar as suas conquistas (mulheres);</p> <p>Outra das memórias recorrente é o rio. O elemento ‘água’ está de resto muito presente no discurso de A.</p> <p>Morou junto ao rio Tejo, arruma</p>

		<p><i>Recordações. Eu ali, eu e a P., nós aqui fazíamos três coisas. Tomávamos banho no verão, quando o tempo estava macio... A P. lavava a roupa, depois aqui nesta parte de cima fazia uma fogueira, eu, fogo, e assávamos peixe ou carne... e salada e comíamos”.</i></p> <p><i>“Depois quando uma vez estava apareceu lá (no parque) essa tal Patrícia que andava fugida de casa, que é de Porto de Mós. E perguntou-me preço: “Quanto é que custa esta pulseira? Quanto é que custa aquela bolsa?” E eu vi logo ela não tem dinheiro. Eu via logo na pinta das pessoas quando não têm dinheiro, porque ela já tinha... Eu, parece que estava a adivinhar que ela ia ser minha namorada. “Tu és de onde?”, “Ah, sou do Alqueidão da Serra” andámos juntos dez anos...”</i></p> <p><i>“Sim. Sempre com a casa às costas como o caracol [...]Pois. “Não havia mais nada. Era assim”. As coisas às vezes correm mal. Uma pessoa pensa numa coisa e depois sai sempre outra. Depois a pessoa vai... Desiste”.</i></p>	<p>carros junto ao rio Lis, aprendeu a nadar no rio tejo, uma das suas melhores lembranças é de uma fonte (foto3). Apesar de A. não aparentar ter nenhum tipo de crença, a água é normalmente símbolo de transformação e cura. Talvez por essa razão seja um elemento sempre presente na sua vida.</p> <p>Nunca procurou estabilidade, melhores condições de vida. Sempre que tinha algum tipo de responsabilidade ou a vida o convidava a assumir algum compromisso (nascimento do filho), fugia.</p>
	<p><b>Família</b></p>	<p><i>“Fui criado no rio, praticamente no rio. E eu quando tinha aí uns sete anos, na casa dos meus pais, não era casa, era barracas, não eram casas...Eu fui criado em barracas. Eram barracas. O rio Tejo é aqui e as barracas é ali, mais ou menos...”</i></p> <p><i>“O mais novo é o meu irmão Ricardo. É mais novo, eu tenho cinquenta e nove e ele tem cinquenta e cinco. É a Manuela, o Ricardo e eu. E era um que morreu, que é o Clemente, que era o mais velho”.</i></p> <p><i>“Os meus tios, os meus primos, é tudo. A minha família é toda ali daquela zona. Setúbal, Barreiro, Almada, Lisboa... Ali aquela zona toda.”</i></p> <p><i>“De Sevilha até Lisboa, ainda é um grande esticção, não é? O meu pai andava todo triste e tal, não faças isto. O meu pai gostava muito de mim. Ele de vez em quando dizia, o filho que eu gosto mais é o A., gostava de todos, mas o que gostava mais era de mim”.</i></p> <p><i>E assim que chegámos a casa, o meu pai: “Não faças mais essas coisas.” Não sei quê, não sei que mais... A chorar, a minha mãe a chorar, não sei quê, não sei que mais. Depois passou. Também nunca mais saí de casa. Dos catorze até aos dezanove anos, depois fui viver com a</i></p>	<p>Salienta mais o rio em detrimento do local onde viveu (casa) desvalorizando-o, chamando-lhe barraca.</p> <p>Não mostra qualquer tipo de ligação com os irmãos ou qualquer elemento da família.</p> <p>O pai, já falecido, era o único elemento com quem é sugerido um vínculo mais forte.</p> <p>A família, embora tendo vivido sempre junta/próxima, não terá dado o que A. esperava para se manter</p>

		<p><i>mãe do meu filho, sai outra vez...</i></p> <p><i>“(o Pai) morreu por causa do álcool, era pedreiro na Câmara Municipal mas morreu derivado ao álcool e a minha mãe por causa da idade, com 86 anos”.</i></p> <p><i>“E a mãe dele (ex-companheira) era uma garota, quando teve o filho tinha dezasseis anos. E eu tinha vinte anos. Já se injetava com dezasseis e eu injetava com vinte. Pois é. Depois o ambiente...”</i></p> <p><i>“Para um apartamento dela mesmo (da ex- companheira). Depois morreu a mãe, depois ficou ela, eu, o pai dela e o garoto. Depois nasceu o garoto, separei-me dela, já conhecia Espanha, fui para o Algarve”.</i></p> <p><i>“Ah, uma pessoa pensa sempre na família, mas está longe e já está a viver aquele mundo, não é? Claro, quando eu lá estava longe dos meus irmãos, os meus pais o que é que ia fazer? Às vezes escrevia uma carta para eles. Mas não recebia porque não tinha direção fixa [...] Mesmo na prisão, que estive lá várias vezes preso também escrevia a dizer que estava preso. Mas nunca recebia a carta porque não dizia o nome da prisão nem nada. Só metia Barreiro, Portugal, Quinta 1, número 01, o nome da minha mãe. Já está. Não recebia carta nenhuma deles, eles é que recebiam de mim”.</i></p> <p><i>“O meu filho depois acabou no Laranjeiro, mas nasceu em Lisboa, na Maternidade A. Mas eu gosto do Barreiro, os meus pais... A família toda”.</i></p> <p><i>“Eu vim para Leiria. A minha família vive em Lisboa, vive em Almada, vive no Barreiro... O meu filho vive no Laranjeiro”.</i></p> <p><i>“... depois eu estava a viver na pensão e foi quando fomos tirar o curso de jardinagem. Eu mais ela, como é natural fomos tirar o curso de jardinagem os dois. Estávamos a dormir na pensão do Gato Preto, do Gato Preto, junto à fonte das três bicas”.</i></p>	<p>próximo.</p> <p>Acaba por criar uma família destruída. É notória a sua necessidade de manter relacionamentos amorosos.</p> <p>Quando engravidou a mãe do seu filho, apesar de ter feito uma tentativa (à partida voluntária) de viver com ela, esta durou apenas até ao nascimento do filho. É notória a sua desvalorização desta mulher (era uma garota, injetava-se).</p> <p>Desde que saiu de casa dos pais nunca teve direção fixa. Anda “com a casa às costas como o caracol”. Sugere relação com a busca da sua identidade. Uma vez não encontrada, nenhum lugar é a sua casa.</p> <p>Tem muita dificuldade em criar raízes.</p> <p>Preferiu sempre omitir o seu real paradeiro. Talvez tenha tido vergonha de assumir a sua real situação.</p>
	<p><b>Escola</b></p>	<p><i>“Eu estudei no Barreiro, em rapaz... Mas eu nem a quarta classe tenho...”.</i></p> <p><i>“E foi lá chamado o meu pai e a minha mãe porque a professora foi fazer queixa ao diretor e o diretor expulsou-me. Andava na quarta classe[...] eu ao intervalo era muito agressivo, batia aos outros garotos e os pais foram fazer queixa à professora. A professora foi fazer queixa ao diretor, o diretor chamou os meus pais à atenção e expulsaram-me. Era muito mau[...] lembro-me que ao intervalo andava sempre à porrada com um ou com outro. Agora porquê eu não sei”.</i></p> <p><i>“Não tirei a quarta classe, ficou incompleta. A quarta classe tirei-a aqui em Leiria numa</i></p>	<p>Assume traços de agressividade já em criança, mas não sabe porquê (talvez queira desculpar ou distanciar-se da pessoa que era).</p>

		<p>hora”.</p>	
	<p><b>Ocupação</b></p>	<p>“Trabalhava em Cascais (com 14 anos) Ajudante de electricista”.</p> <p>“O Joaquim era um bocadito assim acanhado, e eu mais esperto [...] Não vamos nada dormir, vamos continuar à boleia, podemos ter sorte.”. Nisto pára uma mulher com um Fiat 600 parou, com matrícula espanhola. Fomos para Madrid, para Sevilha. Começou a falar para mim e para ela...um cigarro...”</p> <p>“Conheço aquelas cidades todas. Conheço todas as cidades. Todas as que estou a falar conheço todas. Estive mais que uma vez nessas cidades. Cada vez que levava era dinheiro para me orientar. Com a mochila às costas depois assim “Buenos dias, por favor.” Tumba. “Buenos dias....” E vinha outro atrás, seguíamos em grupo um vai para um lado outro vai para o outro, para a bebida. Isso é fácil, todas as cidades. Há cidades onde tinha quando era a temporada da fruta juntava algum dinheiro [...] Gastava o dinheiro. Acabava o dinheiro, era inverno, o que é que eu ia fazer? Tinha que arranjar dinheiro para sobreviver, começava a pedir”.</p> <p>“Quando estávamos na comunidade hippie também trabalhava...Íamos numa carrinha, íamos cinco ou seis raparigas e rapazes[...]um fazia uma coisa artesanato, outro fazia outra, outro fazia outra, outro fazia outra[...]dava qualquer coisa para a comunidade, o outro também, o outro também”. Era a minha casa, uma caravana. [...]Depois comia em casa de um casal amigo, alemão também já com filhos. Não bebia bebidas alcoólicas. Era só fumar erva. Era tudo à balda”.</p> <p>“Eu trabalhava, fazia as temporadas da fruta (Em Espanha)”. “Estive lá quinze anos sem vir a Portugal. Os anos foram-se passando, com vinte e cinco anos, já vim com quarenta e tal, a primeira vez, para Leiria”.</p> <p>“Mas também vendia à porta das igrejas. Fazia, vendia nos jardins, mas há muita gente a vender nos jardins e não se ganha muito, dava para sobreviver.[...] Vendia artesanato. Nessa altura em que eu dormia aqui na avioneta estava a vender o artesanato no Luís de Camões. Pulseiras, carteiras... [...]fazia eu.. É preciso é ter pele, dinheiro e paciência”.</p> <p>“Depois não sabia coser, não sabia perfurar, não sabia fazer o cordão. E eu chateava-me, chateei-me muita vez. Às vezes uma coisa que é fácil era preciso estar a explicar a coisa dez vezes, ou cinquenta vezes”. “Não é fácil de vender. Para ganhar três euros, com o trabalho todo ganhava três ou quatro euros”.</p> <p>“Eu depois vendia o artesanato na praia da Vieira ou na Nazaré. Depois fui para Espanha, só</p>	<p>Não pertence a lugar nenhum. Não teve um domicílio fixo durante muito tempo, tal como não teve um emprego fixo. Sugere que não tenha sentido essa necessidade. As relações que estabelece com outros são a segurança que vai procurando por onde vai passando como quem procura proteger e cuidar de quem não se soube proteger ou cuidar. Transfere para o desconhecido o cuidado, a importância que não deu aos seus, nomeadamente ao filho.</p> <p>Divide-se entre trabalhos e épocas do ano. Trabalha consoante as suas necessidade e consoante o tempo.</p> <p>Embora não esteja explícito não era nada do que sonhava fazer. Mas o que tinha de fazer para sobreviver. Esta foi a sua opção de vida: viver livre e desregrado, ao sabor do tempo e das suas necessidades.</p> <p>A vida acaba por lhe trazer uma nova oportunidade de trabalho em Portugal. Mais tarde viria a ficar sem ela e seguir-se-ia nova rutura: roubo e fuga para Espanha.</p>

		<p><i>vinha aqui passar a primavera e o verão[...] resto do ano estava em Espanha. Todos os anos fazia a mesma jogada, só vinha cá de ano a ano. Fazia o que tinha a fazer, ia para a Nazaré e vendia, ia para a praia da Vieira, depois ia para Espanha”.</i></p> <p><i>“Vim cá parar..... porque eu tinha gente... Depois comecei a trabalhar no artesanato. Meti-me com os hippies... Em Espanha. E depois aprendi a trabalhar no artesanato. E já tinha aquela ideia quando era novo, que eu lembro-me, de andar lá no Barreiro de cabelo comprido, calças de ganga, todas coisas...”</i></p> <p><i>“No Algarve trabalhei aí uns seis ou oito meses, no parque de campismo em Lagos. Depois parti um pé [...]vou para pegar ao trabalho o encarregado diz-me: “Olha, agora não precisamos de ti”. Comecei por ali a fazer das minhas, a roubar. Depois, Espanha, Sevilha. Já conhecia um bocadinho. Depois dessa vez estive lá dois anos e tal. Depois comecei a conhecer já a Espanha toda pumba, pumba, pumba.”</i></p> <p><i>Porquê, eu, este parque...da avioneta, trabalhei de jardineiro por conta da Junta de Freguesia e trabalhei de pedreiro por conta de uma firma de Lisboa, na construção do parque da avioneta. Esta avioneta nova que estava a entrar no parque onde estão a estátua dos pastorinhos... nós, com uma grua dessas gigantes, eu e mais dois ou três é que tivemos que amarrar a corrente por baixo e mudá-la de sítio para onde ela está agora. Essa é uma recordação dela”.</i></p>	<p>O trabalho dignifica a pessoa. Sentiu-se útil, elemento comum de uma sociedade- daí ser uma boa recordação.</p>
<b>A Rutura</b>	<b>Voluntária</b>	<p><i>“Fui criado com os meus pais até aos catorze, quinze anos. Depois fugi. Foi para Espanha. Sevilha. Com outro amigo”.</i></p> <p><i>“...os pais dele chateavam-no a ele e os meus pais chateavam a mim. No final do mês de novembro vamos embora para Espanha com o saco às costas, com o ordenado. Apanhámos o comboio do Barreiro para Beja, até se fazer de noite, a beber em cafés, e não sei que mais”.</i></p>	<p>Fugiu. Fuga voluntária. Não quis acrescentar mais acerca deste assunto, mas a vida familiar não o satisfazia.</p>
	<b>Provocada</b>	<p><i>“...quando saímos às cinco horas abro a porta do meu quarto noutra porta. Quando vou a entrar não vi logo as mochilas, olho assim para cima, não vi logo as mochilas, olho para cima um ajudou o outro saltou e roubaram-me as mochilas com o artesanato todo”.</i></p> <p><i>“E assim foi, assim que soube que tinha sido essa gente que me tinha roubado. E a partir daí e agora quando eu recebi esse dinheiro comprei ferramentas, outra vez, quando recebi o rendimento mínimo comprei um perfurador e tal, o alicate de meter[...]Mas acabei por não comprar nada e gastei o dinheiro igual. Fiquei com a ferramenta toda e com umas peçazitas que tinha lá num saco. Agora pela feira de maio, saio de onde estou a viver, entro no Gato Preto começo a beber, depois dali vou em direção à feira de maio não sei o que é que se passou comigo andei para lá à porrada, quando apareci no outro dia já não tinha ferramentas</i></p>	<p>O roubo do artesanato foi o suficiente para desmornar tudo o que havia construído até àquele dia.</p> <p>Não voltou mais a ser o seu ganhapão. Não criou mais a estrutura de negócio que tinha e voltou-se para o parque. Nova rutura.</p>

		<i>nem moldes nem nada. Agora este ano, perdi tudo outra vez. O melhor é desistir”.</i>	Violência
Presente	Ocupação	<p><i>“É o que eu gostava mais de fazer, era ler, eu gosto muito de ler. Foi ela (Emília) que me tirou porque eu gosto muito de ler.[...] O que eu gosto mais nos meus dias é ler, é estar assentado a ver um filme, ou um programa de televisão... Gosto de ver filmes, gosto de ler, gosto de ver os programas... Algumas coisas, não vejo todas...Gosto de ver o canal 2 porque dão coisas bonitas e, portanto, cultura. [...]E descansar também, não é?”.</i></p> <p><i>“E foi uma recordação muito importante (Rio Tejo). Este rio (Lis), um pouco mais à frente, é onde eu estou a arrumar carros...”</i></p> <p><i>“Eu estou lá obrigatoriamente. Preciso do dinheiro para sobreviver. [...] Sim, para as despesas, para comer e para os vícios [...] Não é o gostar. Porque eu gosto mais dos meus dias, não é de estar ali... Quando consigo vou, quando não consigo vou arrumando os carros. Mas não tem nada a ver com... eu não gosto nada disto”.</i></p> <p><i>“Raramente... Há uma ou outra pessoa que olha para nós de lado. Dois ou três por dia, mas não é muito normal... “.</i></p> <p><i>“Há alguns que começam a mandar bocas porque as pessoas dão pouco ou não dão e as pessoas tratam mal. Eu não. Primeiro porque a pessoa pode não ter e depois porque um dia pode dar vinte centimos e outro dia dar cinquenta ou um euro...”.</i></p> <p><i>“A mim não! Eu nunca risquei carro nenhum! Mas já levei com um chicote na cabeça por ter riscado...”.</i></p> <p><i>“Está tudo marcado! Aquele espaço onde estou é para mim. Quando saio chamam alguém para ir para o meu lugar mas assim que chego, retira-se e vai para outro lugar. Pois claro que tem a ver com isso. Então se eu estou naquele parque há 12, 13 ou 14 anos, já nem sei bem, não chega lá um que arruma há dois anos e me tira o lugar, isso dava logo porrada”..</i></p> <p><i>“...todos os dias das 9H às 16h. No verão fico até mais tarde, até às 18horas agora não compensa. No fim de ter 20 euros ou 25 euros vou para casa”.</i></p>	<p>A cultura surge aqui como ponto de ligação ao mundo, á sociedade.</p> <p>Não gosta de ser arrumador de carros. No entanto, há anos que o faz na cidade de Leiria.</p> <p>O seu discurso sugere que não se sente de parte pela sociedade ou pelo menos não se sente desvalorizado.</p> <p>Nunca riscou um carro, assume-se como um arrumador sério. Mas conhece quem não o é.</p> <p>A sua atitude de marcar espaço e controlar horário e quem pode ou não ir para o seu lugar pode querer incutir medo, respeito. Será que lho fizeram anteriormente (infância)?</p>
	Relações Interpessoais/ Familiares	<i>“Eu quase que não o conheço. Quando eu me separei da mãe dele ele tinha aí uns quatro anos, depois estive quinze anos sem o ver. Depois passados quinze anos é que já ele tinha vinte e tal quando o vi, foi lá a cima a Leiria à minha procura. Depois fui lá duas vezes ao Barreiro...”.</i>	<p>Foi duas vezes procurar o filho. Culpa-se por ele estar enredado nas teias da toxicodependência.</p> <p>Talvez seja esta a pessoa por quem</p>

		<p><i>“Eu meti-me, duas vezes que fui visitar lá ao Barreiro, em casa do meu irmão ele mais o meu irmão, ele injetava-se nos braços, o meu irmão no pé e eu a fumar. Ele injeta-se pois. Está a ver como é que é? É a vida, a vida, é assim. Mas antes dele nascer eu me injetei algumas vezes e a mãe dele também”.</i></p> <p><i>“Tive poucas notícias dele (filho), ou nenhuma. Na altura que eu estive lá em Espanha nunca o conhecia...” Não. Tudo bem, só que estamos muito longe. Ele também é um drogado do caraças, é pior que eu. Pois. Ele injeta-se”.</i></p> <p><i>“Eu não estou a viver com ela. Ela...(Emília)[...] Ela é que está a viver comigo[...]Ela não tinha para onde ir, foi expulsa de onde estava a viver. Não pagou a renda, nem a água, nem a luz e eles meteram-na na rua de um momento para o outro[...]Telefonou para uma pessoa que tinha um Jeep, não apareceram. Eu arranjei um atrelado de duas rodas, que ela vivia ao pé do Bowling, desde as sete até às cinco da manhã a acarretar coisas para cá[...]Estou a ajudá-la, mas ela não me ajudou a mim. Vendeu a casa e nunca me pagou. Quando vendeu a casa e eu tive que ir para a rua estás a perceber? Eu ajudo a ela porque gosto de ajudar as pessoas. Se não fosse eu quem é que a ajudava? Ninguém. Não consigo ver alguém a passar necessidades”.</i></p> <p><i>“... ficou lá no meu lugar a arrumar agora. Mas ontem, portou-se mal. Chegou eram onze da noite e já com os copos. Não respeita ninguém. Barulho, era só barulho”. Pensa que é tudo dela, mas aquilo é o sítio onde eu vivo, não é tudo dela!”.</i></p>	<p>ele se “culpa” por não ter protegido/cuidado/amado.</p> <p>É visível a sua falta de ligação e de amor para com o filho. Quanto à figura da ex-companheira – mãe do filho - é omissa desde o seu nascimento.</p> <p>Ajuda os outros quando não consegue ajudar os seus.</p> <p>“É o sítio onde eu vivo”: assume que não é a sua casa, mas apenas o sítio onde ele vive.</p> <p>A pessoa com quem vive neste momento assume uma enorme importância na sua vida, embora o laço que os une seja mais de necessidade do que de verdadeiro sentimento.</p>
	<p><b>(In) Satisfação</b></p>	<p><i>“O local não. O local não é porque eu não gosto de arrumar carros.[...] Eu estou lá obrigatoriamente”.</i></p> <p><i>“Preciso do dinheiro para sobreviver. Não é o gostar. Porque eu gosto mais dos meus dias, não é de estar ali...”.</i></p> <p><i>“O que eu gosto mais... exatamente, o que eu gosto mais na vida é ter dinheiro. Dinheiro para sobreviver. Para ir ao café comprar tabaco e comer. Se não for assim, também uma pessoa se não tiver nada, também não gosta de viver. Se acordar e não tem dinheiro para tomar um café...E para fumar um cigarro, se calhar o dia não é bom.[...] Tenho de me fazer à vida para um café”</i></p> <p><i>“É hepatite C (diagnosticada) [...] E é a cena das cataratas”.</i></p> <p><i>“Também não ando a tomar medicação nenhuma. Depois de os exames estarem todos feitos. O</i></p>	<p>Está no parque “Obrigatoriamente”. Mais uma vez não e a vida que escolheu, mas a que sobrou...</p> <p>Falta de objetivos (tabaco e comer). A importância do dinheiro para sobreviver resume-se a comida e tabaco.</p> <p>Mudava de vida se fosse para desempenhar as funções de jardineiro. É disso que tem melhores</p>

		<p><i>que tem de fazer depois é que me vai receitar então a medicação”.</i></p> <p><i>“Gosto da natureza. Mesmo quando está frio gosto”.</i></p> <p><i>“Não me chamam para fazer nada... E também com esta idade... também só ia se fosse para jardineiro que o resto já não tenho corpo para isso. Antes eram só contratos de 1 ou dois meses, mesmo assim eu aproveito, nem que seja um dia ou dois. Quando aparece aproveito tudo. Mas se houvesse eu ia de qualquer maneira, isso queria eu para deixar aquilo”.</i></p>	<p>recordações (curso que fez com a P.) e a atividade que desenvolveu para uma autarquia.</p> <p>Gosta da natureza cujo significado pode estar associado à liberdade.</p>
	<b>Adições</b>	<p><i>“Já há muitos anos (que se injetava). Nunca mais continuei. Depois tenho o mal da bebida, não é? Se não já estava morto há muito tempo, se me injetasse com sessenta anos. Em Espanha ofereciam-me e cheguei a comprar uma vez ou duas. Só”.</i></p> <p><i>“Para ir ao café comprar tabaco e comer. Se não for assim, também uma pessoa se não tiver nada, também não gosta de viver. Se acordar e não tem dinheiro para tomar um café...E para fumar um cigarro, se calhar o dia não é bom. Agora se tiveres dinheiro já... A vida já é diferente. Quando eu estou por aí com os copos a primeira coisa que faço é ver os bolsos do blusão: Pronto, já tenho dinheiro para o pequeno-almoço, tenho tabaco, já me governo. Saio à rua...já mais alegre. Estou mais alegre [...] Agora quando não tenho nada, aí já é mais complicado porque tenho de me fazer à vida para um café[...] Eu ontem tinha dez euros, gastei os dez euros nos copos, hoje quero beber um café e não tenho”.</i></p> <p><i>“Só de vez em quando, quando recebo o rendimento mínimo, compro 10 euros ou 5 euros disto (haxixe), de resto não. Agora andar a arrumar carros para a droga ou quê?!”.</i></p>	<p>“O mal da bebida” - desresponsabilização e desculpabilização. Age como se beber fosse menos mal do que se injetar.</p> <p>A droga e uma adição mas não tao relevante que o suficiente obrigue a fazer o que não gosta (trabalhar) já o tabaco e o álcool fazem-no permanecer no parque para conseguir ganhar ‘mais uns trocos’</p>
	<b>(Outros)</b>	<p><i>“Não, nunca matei ninguém... Nunca agredi ninguém com navalhas nem nada. Não. Era porrada...”.</i></p> <p><i>“Eu não tinha paciência”.</i></p> <p><i>“Era muito mau” (criança). Um empurrão, um estalo, um murro. Pois. Aquelas coisas de crianças. Foi assim”.</i></p> <p><i>“Ali (no parque) ninguém protege ninguém! É cada um por si. Se der porrada, cada qual tem de se proteger a si próprio. E se houver porrada ninguém se mete”.</i></p> <p><i>“... avisei-o logo que não tinha medo dele e que era nervoso e ele acabou por ir embora. Nunca bati a ninguém mas... Sou assim nervoso e sei do que sou capaz...”.</i></p>	<p>Seria essa a forma de chamar a atenção para si? Como resposta ao medo e fragilidade que evidenciava (do ponto de vista da psicanálise) Winnicott (1939) dizia que a agressão era um dos sintomas do medo.</p> <p>Diz nunca ter agredido com o que parece admitir todas as outras formas de agressão.</p> <p>Desculpa a agressividade com</p>

			nervosismo. Desresponsabilização
	<b>Campos de Possibilidades</b>	<p><i>“Há pouco tempo fui para ir comprar...Mas recebi, acho que foi quinhentos ou seiscientos euros, fui com um amigo meu de cá a Alcanena à fábrica das peles, que é pele de vitela, levava cento e quarenta euros, já a pensar que ia comprar uma pele ou duas, mas já ia tão bêbedo, tão bêbedo, fui à fábrica, perguntei o preço das peles, a maior custava oitenta, a mais pequena, é ao quilo. Uns maiores e mais pequenos. Uma custava oitenta, outra custava cinquenta. Nem comprei a de cinquenta, nem comprei a de oitenta”.</i></p> <p><i>“Sou diferente. Ele (Francis) não sabia nada. Agora a última vez que tive com ele, já há uns três ou quatro meses, não, cinco ou seis, estive com ele na Nazaré, já tinha carrinha... Tinha uma banca grande com toldo. Tem tudo. E eu... O artesanato está lá.....algumas coisas que ele imaginou, mais ou menos, mas o mais é tudo igual ao que eu faço.”</i></p> <p><i>“Pois. Pois ajudei. E foi assim mesmo. Eu enfim, fiquei contente por o ver. Agora, se ele continua o artesanato, é a vida dele”.</i></p> <p><i>“Mas... mudar de vida, nunca vou mudar. Com 60 anos? Vou ficar a arrumar carros até já não poder com as pernas. Mesmo que tenha uma reforma já viste de quanto vai ser? Vou ter de continuar a arrumar até não conseguir mais”.</i></p> <p><i>“Mas tenho a noção de que até nem estou muito mal para quem tem 60 anos...”</i></p>	<p><i>“Eu nunca vou mudar”.</i></p> <p>Não espera mudar.</p> <p>A sua sobrevivência resume-se a ter comida e tabaco.</p> <p>Não tem necessidade de porque não aspira muito mais. Fala muita vez na idade.</p> <p>Noção de finitude.</p> <p>De qualquer forma o seu discurso <i>“até já não poder com as pernas”</i> revela uma grande ligação ao que faz. É a única coisa que tem como certa e que sabe fazer.</p>
	<b>Projetos de Futuro</b>	<p><i>“Já comecei. Eu tenho o projeto, é preciso é ter força de vontade [...]não é a questão (dos vícios). Quando trabalhava no algarve sempre bebia e sempre fumei haxixe, fumava e bebia e não havia problema nenhum”.</i></p> <p><i>“Arranja-se aqui em Leiria. Aquilo é cinco euros ou o que é. Na loja trezentos é... tudo cinco euros, seis euros, sete euros. X-atos aquilo também é barato. O que é mais caro é a pele”.</i></p> <p><i>“É o que eu gostava de ter no futuro. Era uma vivenda, tipo esta. Também é muita bonita”.</i></p> <p><i>“Não me sai o euromilhões o que queres que eu te faça?? Sonhar é normal do ser humano mas depois falta o resto, sem dinheiro não podemos realizar os sonhos”.</i></p>	<p>Não se trata de força de vontade ou de concretizar um sonho, trata-se apenas de conseguir dinheiro.</p> <p>Sonhar é normal. Também tem os seus sonhos. Viu pelo amigo F. que é possível torná-los reais, mas exigem trabalho.</p> <p>É uma pessoa que se desresponsabiliza, que se acomodou e que não tem projetos de futuro exequíveis.</p>

### ***B 3.2 Sinopse das entrevistas realizadas a Eliseu, 39 anos, ex sem-abrigo***

<b>Categorias de Análise</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Excertos da Entrevista</b>	<b>Interpretação/Análise</b>
<b>Passado</b>	<b>Infância Juventude</b>	<p>“... Onde estive, tratava dos animais... e era ao ar livre [...]Prontos, eu gostava. Gostava e gosto da natureza”.</p> <p>“ ...estive lá quase dois meses internado em estado grave [...] não podia ter visitas [...] e depois [...] fui para Torres Novas para o hospital, mais dois meses de repouso”.</p> <p>“andei mais de um ano ou dois, todos os meses ia fazer um TAC [...] Graças a Deus correu bem”.</p>	<p>Omite a infância e a juventude. Só menciona a doença.</p> <p>A sua forma de esquecer o passado terá sido seguir em frente: esquecendo o passado, já que o passado pode estar ligado a momentos menos bons. “Graças a Deus”- fé.</p>
	<b>Família</b>	<p>“Era a única que me ia lá ver (a avó)... onde eu estive [...] a minha mãe nunca lá foi. Se foi uma vez não me lembro”.</p> <p>“...fui para lá obrigado. Ficou só a minha mãe, o meu pai faleceu e não tinha possibilidades e fui para lá com quatro anos”.</p> <p>“... era para pagar a renda em casa da minha mãe. Estava a pagar cento e cinquenta euros. Na casa da própria mãe, estava a pagar renda, já viu? A própria família, filho?”</p> <p>“Todos temos (dificuldades). Poucas ou muitas, todos temos. Mas prontos, não era para exigir quase a reforma toda. Quase toda, eu recebo duzentos e trinta, duzentos e dezanove, dava cento e cinquenta, com quanto é que ficava para o mês todo? Pouco ou nada”.</p>	<p>A mãe assume sem dúvida um papel determinante.</p> <p>Pela falta de presença ou de amor. Sentiu-se usado, sentiu-se um estranho na sua própria casa.</p>
	<b>Escola</b>	<p>“[...] Vim ter com ela e cá fiquei. Depois arranjou este coiso de tirar de estudar para Torres Novas, para tirar o curso, e também tinha a escola [...] estive lá, comecei a tirar o curso ... depois andei quase 3 anos, depois tive de ir embora porque já não tinha idade para lá estar. Já</p>	<p>Estudou até conseguir – até ao quinto ano. Uma vez no ciclo do entroncamento decidiu deixar de</p>

		<p><i>era mais velho”.</i></p> <p><i>“No ciclo do Entroncamento, acabei o quinto ano...”.</i></p> <p><i>“... já tinha repetido várias vezes ... tinha sido repetente e depois, prontos, naquela altura: “Ah, vou desistir da escola, ah... trabalhar...”.</i></p>	<p>estudar: possivelmente motivado pelo estigma de ter sido repetente tantas vezes.</p> <p>A relação escola-família terá sido determinante no seu abandono escolar.</p>
	<b>Ocupação</b>	<p><i>“...tínhamos patos, dava de comer aos patos e... tínhamos vários animais”.</i></p> <p><i>“Não sou de Leiria e também onde eu estava e com a idade que eu tive e o que se passou não tinha muitas possibilidades. E prontos, gosto da natureza [...] de estar a brincar, ou a jogar à bola e prontos, ou passear ou ler [...] às vezes sozinho. Às vezes com amigos mas era mais sozinho”.</i></p> <p><i>“Desaparecia de manhã e depois só aparecia à tardinha. Estive no norte, prontos. Isto é, no norte antes de ir para o Entroncamento”.</i></p> <p><i>“Medo?! Não... Nunca tive medo. Eu conhecia bem os sítios para onde ia. Não passei muito bem mas também não passava muito mal. Prontos, mal no aspeto de...roubar e essas coisas. Isso porque eu também nunca fui... não sei, não é a minha religião, mas é o ... tipo o meu signo que não me deixa fazer isso. E prontos, eu não sou de roubar... E pedir, eu sou um bocado tímido para pedir...”.</i></p> <p><i>“Andei meio perdido[...] o dinheiro não chegava para nada”.</i></p>	<p>Sozinho. Esta parece ser a forma como se sente mais confortável, mais seguro. Talvez porque não tenha conhecido outra. Com a natureza, com os animais... mas sozinho sente-se melhor porque ninguém o poderá magoar.</p> <p>A importância da religião, a fé.</p> <p>A sua timidez, poderá estar ligada á dificuldade de relacionamento com os outros.</p> <p>Introvertido</p>
<b>A Rutura</b>	<b>Voluntária</b>	<p><i>“[...] Fiz catorze anos, passado uma semana... fui-me embora [...] Fiz a quarta classe e comecei a fazer o quinto ano que era tipo telescola. Não acabei, não acabei de fazer aquilo tudo. Foi quando eu fui-me embora de lá, fugi”.</i></p> <p><i>“...a pensar e a ver as coisas, prontos. Estava lá, era novo. Não podia... como diz o português, estrebuchar”.</i></p> <p><i>“não era ali o meu lugar [...] para além de ter estado lá dez anos, fui mesmo obrigado a ir</i></p>	<p>Foi para a Casa do Gaiato por obrigação, mantendo-se lá até ter idade para conseguir fugir.</p> <p>Revela extrema necessidade de se libertar de poder finalmente ser ele próprio.</p>

		<p><i>para lá [...] dez anos. Aos catorze aí vai ele para o Entroncamento”.</i></p> <p><i>” ser independente e tal... mudar de ambiente, assim ao menos, olha[...]mudei logo de número de telefone, mudei logo tudo. É a vida nova, é coisa [...] Foi. Na altura pensei que fosse boa ideia. Mas prontos, não me arrependo de nada, não é? (...) Já está, já está!”</i></p> <p><i>”Prontos, fui à net ver quartos em Leiria e tau, assim que eu recebi a pensão vim para cá assim, tau”.</i></p> <p><i>“Deixei mesmo aquela terra, e vim para aqui. Vim de paraquedas. Cai aqui de paraquedas”. Chegado a Leiria, não conhecia nada [...]ia perguntando às pessoas [...] tenho um colega que veio para aqui morar e esse colega [...] foi-me dizendo as cenas...centros de acolhimento...”</i></p> <p><i>“[...] Depois não arranjei quarto, depois só passados vinte dias é que arranjei”.</i></p> <p><i>“Ia comer ao Centro de Acolhimento, tomar banho e não sei quê, mas dormir... às vezes dormia em casas abandonadas... Ainda estive vinte dias aí, e depois houve uma amiga que me deu o quarto, prontos, e estive lá três meses, mas depois, prontos, aquilo não é vida para mim, aquele bairro não é vida para mim e vim-me embora [...] Pois. Prontos, eu não saía de lá porque ia para a rua outra vez”.</i></p> <p><i>“Sim, gostava muito da minha avó, mas ela já morreu. E a minha mãe... É assim, tive de sair para dar lugar aos mais novos”.</i></p>	<p>Quis acima de tudo mudar de ambiente- romper relação com a família.</p> <p>A avó é também muito importante para si. Por isso a rutura não lhe custou tanto.</p> <p>Fê-la depois da última ligação se ter quebrado - a morte da avó: a única que lhe importava. Desprendimento total da mãe.</p> <p>Não importa o quão difícil seria vir viver para Leiria, a necessidade de rutura era muito maior.</p> <p>Diz ter saído de casa da mãe para dar lugar aos mais novos. Esta atitude revela, no entanto, incapacidade para lidar com a realidade: os seus meios-irmãos tinham aquilo que ele nunca teve – a mãe.</p>
	<p><b>Provocada</b></p>	<p><i>“A minha avó arranjou os papéis para eu ser pensionista, incapacitado. Mas eu não sou incapacitado! Mas pronto, na altura... passado um tempozito é que vieram a saber do meu problema na cabeça: um tumor, ou...”</i></p> <p><i>“Veja lá quanto tempo é que estive à espera. Mas prontos, e fui operado porque me deu uma coisa má[...] Foi assim: no dia anterior e tal tudo bem, no café a beber uma cervejinhas e tal, pronto. Estive lá. ‘ah, vou para casa descansar’, no outro dia não acordei, teve de ir lá a ambulância, depois fui para Tomar e depois de Tomar tive de ir de helicóptero para Santa</i></p>	<p>A avó nutria por ele um carinho e um cuidado de uma mãe, o que a mãe dele não tinha.</p> <p>Quando precisou de atenção e carinho foi posto na Casa do Gaiato (com 4 anos). Regressou para se voltar a sentir rejeitado pela própria</p>

		<p><i>Maria. Ainda lá estive quase dois meses”.</i></p> <p><i>“O problema foi só da cabeça não tem nada a ver com nada”.</i></p> <p><i>“...ser o filho mais velho é sempre posto de parte [...] o filho é filho único, e depois vem mais. E vem outra, já tinha de dividir o carinho e amizade pelos outros [...] Depois vem mais um. Já são três. Dá um bocadinho a cada um. Prontos, como eu era o mais velho...”</i></p> <p><i>“Não me lembro muito bem, enfim, fui para a casa do gaiato, foi só desgostos. Eu nem tenho fotografias, nem nada. A minha mãe também não me mostrava fotografias”.</i></p>	<p>mãe na sua própria casa.</p> <p>Nem com a doença refere que a mãe se importava com ele.</p> <p>O sentimento de rejeição é muito latente.</p>
<b>Presente</b>	<b>Ocupação</b>	<p><i>” [...]o ar livre, gosto de andar ao ar livre, gosto da natureza, dos animais[...] passear no mato [...] as cascatas, principalmente junto ao rio marcando território à volta do centro (de acolhimento)”.</i></p> <p><i>“escolhi a escola para tirar o nono ano[...]Três anos mas é, prontos, vai demorar esse tempo porque é na escola, porque se fosse só o curso...era só um ano e meio”.</i></p> <p><i>“Não. Até não me arrependo. Até estou a aprender coisas que não estava a fazer conta. Aquilo que é os TIC, ou como se diz...”</i></p> <p><i>“Está a correr bem. Durante a semana, há um dia em que é o dia todo de aulas. Sim, é isso. Até estou a gostar muito. Aprendemos a fazer muitas coisas. A escrever a desenhar... estou a gostar”.</i></p> <p><i>“Pois. Mas prontos, eu já tive várias tentativas para voltar à escola, mas na minha idade não era assim[...]Mas prontos, foi uma oportunidade boa. E é de agarrar e não a largar”.</i></p> <p><i>“Sim, Gosto. Prontos estar fechado, não gosto. Muito tempo não. Assim prontos, aí meia hora, ainda vai naquela, agora mais de meia hora assim mais ou menos, não...”</i></p>	<p>Conexão com a natureza – liberdade.</p> <p>Vontade de aprender, vontade de andar para a frente. Sente que pertence a algum lugar: valorização.</p> <p>É uma pessoa que agradece a vida e tem fé. Demonstra gratidão e vontade de aproveitar a oportunidade que a vida lhe dá.</p>
	<b>Relações</b>	<p><i>“Já está, já está. O caminho é para a frente!”.</i></p> <p><i>“Eles são assim, viciados porque têm a cabeça fraca. Eu tenho a cabeça forte. Prontos, eu</i></p>	<p>Necessidade enorme de rutura. A avó já partiu. Não há motivo para voltar atrás “o caminho é prá</p>

<p><b>Interpessoais</b></p> <p><b>Familiares</b></p>	<p><i>quando era novo tive catequese e tudo e sei que há coisas que não é para fazer...”</i></p> <p><i>(voltar a contactar com a família) “Nadinha. Nem quero. Para quê? Chatices, não vale a pena. Assim olha, vou ao meu cursozinho e tal, e fazendo a minha vidinha e prontos vou-me orientando”.</i></p> <p><i>“Eu agora, prontos estou a começar a conhecer as pessoas que, prontos, estão no meu curso, são aquelas que eu conheço melhor [...] Depois tem os dos outros cursos, que costumo vê-los aos intervalos”.</i></p> <p><i>“ (com os colegas do centro de acolhimento) dou, prontos, não é com todos. É só com praí uns três ou quatro... e, e e... mesmo assim é escolhê-los a dedo e coiso”</i></p> <p><i>“... mudanças para melhor “.</i></p>	<p><i>frente”</i></p> <p>A fé surge novamente como denominador comum.</p> <p>O curso aparece como uma oportunidade não só de aprender mas de estabelecer relações significativas- que na verdade nunca teve.</p> <p>O medo da rejeição leva-o a escolher bem as suas amizades e relacionamentos. Quer ter a certeza com quem pode contar.</p> <p>Todas as mudanças que fez foram para melhor: valorização.</p>
<p><b>(In) Satisfação</b></p>	<p><i>“Pensei logo no curso também, vou escolher jardinagem. Foi logo, escolhi jardinagem e veio-me à ideia tirar as fotos. E aqui prontos, já se sabe, olhe, foi um dia de festa [...] Foi o dia de receber o relatório, saber que entrei para o curso”.</i></p> <p><i>“Esforcei o máximo. Nos quatro, mas pronto, só podia escolher um [...] se pudéssemos escolher os quatro, escolhia os quatro”.</i></p> <p><i>“Eu estou melhor”. “Passei muito, mas isso para mim já me esqueceu. Agora estou bem, quero estar bem, prontos, continuar a minha vida. Estive na rua bastante tempo e cheguei a dormir em autocarros abandonados”.</i></p>	<p>O curso surge como uma oportunidade de vida nova, uma oportunidade feliz, um projeto a longo prazo prazeroso e vantajoso a vários níveis.</p> <p>Acredita.</p> <p>Acredita que por tanto já passou e já sofreu que merece que a vida lhe sorria e lhe permita viver coisas</p>

		<i>Sim, melhor. “<u>Algum dia tinha de me levantar não é só cair!</u>”</i>	boas.
	<b>Adições</b>	<i>“Fazia só uns dinheiritos para, prontos, era só para desenrascar, para ter o [...] tabaquito...”</i>	Fuma – Tabaco. No passado foi viciado em haxixe e reconhece que de vez em quando ainda fuma.
	<b>Photovoice</b>	<i>“Por acaso até gostei, digo-te já. Eu gostei de fazer [...] e se tivesse mais tempo eu tirava... olha acho que gastava o rolo todo”.</i>	Gosta de aprender, de fazer coisas novas, para além de ser tímido e reservado. A fotografia é uma forma de expressão. Talvez a mais fácil para ele, dadas as suas características de personalidade.
<b>Futuro</b>	<b>Campos de Possibilidades</b>	<i>“Estou lá é para aprender”.</i> <i>“...é levar para a frente e prontos [...] e ter motivação”.</i> <i>“Logo se verá. Mas espero para melhor, sempre para melhor. Não é para pior, é para melhor”.</i> <i>“Prontos, depois pensionista, não sei. Porque é vitalícia, até morrer, não é?”</i>	É uma pessoa com projectos. Tem esperança. Tem fê. Agarra as oportunidades, caso contrario não estaria a ser grato a vida e a Deus.
	<b>Projetos de Futuro</b>	<i>“Eu, na família primeiro. Isso depois a casa arranja-se”. “Ah pois. Então um filho, pois. Uma sementezinha... mais não digo, porque também está difícil a vida não? E depois trazer as crianças ao mundo para estar nessa vida não vale a pena. Assim, com um filho ainda se tolera e ainda se aguenta e coiso. Depende também de como corre a vida, não é?”</i>	A importância da família. A família foi a causa da rutura. Quer formar a família que nunca teve, construí-la por tudo o que significa para si. E quer dar uma noção diferente do que lhe deram às suas “sementezinhas”.

### ***B 3.3. Sinopse das Entrevistas realizadas a Fonseca, 59 anos portador de VIH, ex-alcoólico***

<b>Categorias de Análise</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Excertos da Entrevista</b>	<b>Interpretação/Análise</b>
<b>Passado</b>	<b>Infância Juventude</b>	<p><i>“É esta da minha Santinha. Santa Maria Adelaide em Arcozelo. Vou lá todos os anos com companhia ou sozinho[...]. Ponho uma pela minha afilhada Irene que morreu com paralisia cerebral e também tinha epilepsia como eu. Esse chorão que se vê na foto está ao pé da minha casa e tem treze anos, idade da minha Irene que faleceu”.</i></p> <p><i>“Não, tive uma rapariga na escola, tinha 7 anos. Apaixonei-me por ela, fomos crescendo, beijinhos e tal, prendas para ela sim, para mim não. Nisto vai com o meu irmão Dário para a cama e ainda me atirou com isso à cara e disse-me que eu não prestava para nada. Também para a esquecer fui para Lisboa e prometi a mim mesmo que ia ser homossexual”.</i></p> <p><i>“Nunca fumei nem drogas nem nada! Já tentaram que eu me injetasse e eu nada. Na tropa provocavam-me: ‘Um bom macho tem de fumar!’ Acabei por agredir um com uma arma e tive de ira a conselho de guerra”.</i></p>	<p>Tem muita Fé.</p> <p>Importância da afilhada, representada pelo chorão nas fotos.</p> <p>Sensação de traição- trocado para o irmão.</p> <p>Sugere que a sua orientação sexual não seria a mesma se não fosse a contestação que desenvolveu para esta traição.</p>
	<b>Família</b>	<p><i>“Era um animal! Chegava bêbedo a casa, fechava-me num quarto e dava porrada à minha mãe”. (pai)</i></p> <p><i>“O segundo marido da minha mãe (Romeu) morreu a trabalhar, na STL, no lixo. Este marido dava-se muito bem comigo (os olhos encheram-se de lágrimas). Caiu, não tinha capacete... eles não davam condições nenhuma...”</i></p> <p><i>“Sim, dou-me otimamente bem. A minha mãe tem uma saúde de ferro”.</i></p> <p><i>“são uns bons índios [...] saíram à besta do pai [...] nem para a minha tromba olham!” (irmãos)</i></p>	<p>Tem uma forte ligação com a mãe e ao padrasto. Desconexão com os irmãos. (por quem já foi traído)</p>

	<p><b>Escola</b></p>	<p><i>“Andei na escola do Arrabal da Ponte até à 4.ª classe...”</i></p> <p><i>“...lá era uma barafunda”(Colégio Y – Lisboa)”</i>.</p> <p><i>“Sim, se houvesse uma oportunidade voltava a estudar. Eu antes era muito inteligente. Até Alemão eu sabia”</i>.</p>	<p>Não prevê uma oportunidade de retorno á escola. Apesar de o dizer.</p> <p>O seu discurso quer reforçar apenas aquilo que eventualmente já fora, no passado.</p>
	<p><b>Ocupação</b></p>	<p><i>“...comecei a trabalhar nos móveis Cadimas (Vale Sepal) tinha 10 anos e fui para Lisboa com 16 anos procurar trabalho”</i>.</p> <p><i>”Eu depois fui trabalhar para os móveis, para Loures, como já tinha experiência...”</i></p> <p><i>“Não trabalhei lá muito tempo porque entretanto o J. falou lá com a minha antiga patroa porque eram muito amigos e fui trabalhar para a Clínica X”</i></p> <p><i>“Tive uma carteira profissional emitida pelo Ministério da Energia (eletricista), trabalhei em Lisboa a fazer biscates e lá na Clínica fazia de tudo, até vestia mortos! Trabalhei lá 18 anos!”</i></p>	<p>Durante todos estes anos o trabalho sempre foi uma constante na vida de F.</p> <p>Responsável e trabalhador sempre foi assim reconhecido pelos seus patrões.</p>
<p><b>A Rutura</b></p>	<p><b>Voluntária</b></p>	<p><i>“...depois contactei uma pessoa conhecida em Lisboa que me emprestou dinheiro para pagar a multa porque eu não tinha. Até acabou por não ser preciso porque o advogado tratou das coisas para eu ter um atestado de pobreza e não pagar. Acabei por ir ter com o meu amigo que era médico a Lisboa e fiquei lá 18 anos[...]Sim, mas ele (Joel) tinha três filhas e elas não gostavam muito de mim nem eu delas”</i></p>	<p>Abandona Leiria à procura de J. que lhe havia emprestado dinheiro para pagar uma multa.</p> <p>Tinha conhecido J. num bar na Costa da Caparica quando tinha 16 anos, enquanto passava férias naquela zona.</p> <p>Partiu para ficar lá. A sua intenção foi fugir do que o magoava e viver uma história com J.</p> <p>Rutura Voluntária – ida para Lisboa.</p>

	<b>Provocada</b>	<p><i>“Agora, depois do António Variações que morreu lá na clinica onde eu trabalhava, a doença já é vista de outra forma. Antes éramos só nós gays, depois os toxicodependentes e agora os heterossexuais”.</i></p> <p><i>‘É a vida, calha a todos que são gays’“Não esperava isto de uma pessoa que gostei tanto. Ainda por cima pedi-lhe para fazer o teste e ele disse que não fazia”.</i></p> <p><i>“Ao fim de sete anos de relação, sai de casa dele e mudei-me para um quarto entre o intendente e a feira da ladra. Fazia a manutenção de 27 bares e tinha uma garrafa de whisky em cada um.”</i></p> <p><i>“Então reagi mal... não contei a ninguém. Fui falar com ele para lhe dizer que ele também tinha. Pedi para ele fazer o teste, ele disse que não e viu que eu não fiquei nada contente”</i></p>	<p>Sente-se rejeitado e enganado pelo parceiro.</p> <p>A partir deste momento passa a ser desconfiado e com precaução com tudo e com todos.</p> <p>Rutura provocada pela atitude do parceiro – transmissão de VIH.</p>
<b>Presente</b>	<b>Ocupação</b>	<i>“Não tenho condições para trabalhar, só pequenos biscates...”</i>	Assume que não tem condições físicas e psicológicas para trabalhar o que, de facto, não tem.
	<b>Relações Interpessoais/ Familiares</b>	<p><i>“Ela (mãe) toma conta de mim e eu tomo conta dela”.</i></p> <p><i>“ A minha mãe sabe que sou homossexual mas não sabe que tenho o VIH.”</i></p> <p><i>“Ando a preparar a minha mãe [...] ela já tem uma certa idade e há coisas que não percebe tão bem”.</i></p> <p><i>“Tenho muitos amigos, se vir alguém a passar fome vou a um supermercado e compro pão e queijo ou fiambre e água. Nada de Álcool, nada de dar dinheiro para vícios”.</i></p>	<p>Forte ligação com a mãe.</p> <p>Necessidade de partilhar, dar carinho, cuidado à mãe.</p>
	<b>(In) Satisfação</b>	<i>“Então tenho a minha reforma, e o subsídio por assistência de terceira pessoa”.</i>	Sentimento de discriminação.

		<p><i>“E sou muito económico. Não gosto de gastar dinheiro onde não é preciso e em tudo o que possa usar gratuitamente ou seja dado por associações eu peço”.</i></p> <p><i>“Devia haver mais informação neste país, informações porta a porta; as pessoas fazem da doença um bicho-de-sete-cabeças”</i></p> <p><i>“Sim, está controlado, já não aparece no teste há 10 anos. Já sou acompanhado em Coimbra há 32 anos”.</i></p> <p><i>“Na altura que soube que tinha VIH ninguém sabia nem ninguém sabe agora para não ser marginalizado. Já me senti marginalizado no posto médico e em cafés. Porque é que uma pessoa é tão discriminada? Quando vou ao café W, o ‘animal’ que me serve, é sempre num copo de plástico. Noutra servem-me mas lavam logo a chávena do café com lixívia e com luvas e tudo. Há qualquer coisa que não está bem neste país”.</i></p> <p><i>“Devia haver mais informação neste país, mais panfletos! Eu não me importava de os ir espalhar. Deviam explicar como o vírus se espalha irem pessoas de porta a porta explicar”.</i></p>	<p>Necessidade de mudança “<i>não me importava de os espalhar</i>” – disposição para mudar, contribuir para a mudança.</p> <p>A doença está controlada.</p> <p>Fonseca tem cuidados e respeita os conselhos e todas as prescrições médicas.</p>
	<b>Adições</b>	<p><i>“...mas para vícios é que não!”.</i></p> <p><i>“Nenhum. Já tive! O álcool! Durante muito tempo, mas pus-me a pensar no dinheiro que gastava naquilo e se não me seria preciso para medicamentos para a minha velhice, o que andava eu a fazer... deixei de um dia para o outro. Mas estava muito habituado... era aquela coisa de ir sempre beber... e depois bebia e tinha estes problemas como a epilepsia e assim, dava logo barraca. Já me conheciam por INEM porque passava a vida nas urgências: Dia sim, dia sim ia parar ao hospital de Leiria. No hospital ninguém me conhecia pelo meu nome, mas por INEM!” (risos)</i></p>	<p>Deixou o vício para poupar dinheiro.</p> <p>É muito poupado.</p> <p>Teve episódios muito complicados devido à sua adição ao álcool e às doenças crónicas de que é portador.</p>
	<b>Outros</b>	<p><i>“Não. Não é nada disso. Eles querem é que eu o deixe lá para eles o analisarem mas eu não deixo”.</i></p> <p><i>“Eu gosto de viver, gosto de estar vivo”.</i></p> <p><i>“Sou uma pessoa bem-disposta, quando vou a Coimbra estou sempre a falar já me chamam o</i></p>	<p>A desconfiança é de todos o traço mais latente na personalidade deste homem. Nesta investigação não permitiu a gravação de qualquer entrevista, nem qualquer tipo de</p>

		<i>papagaio. Mas é que lá as pessoas andam sempre tristes... não pode ser...Um sorriso não custa nada”.</i>	identificação da sua pessoa.
<b>Futuro</b>	<b>Campos de Possibilidades</b>	<p><i>“O que queria mesmo era pôr a máquina a trabalhar. Faz uma limpeza ao sangue e com os retrovirais (anti-retrovirais) temos de ir de 6 em 6 meses a Coimbra [...] Isto já está tudo pensado, nesta cabeça não escapa nada!”</i></p> <p><i>“Quero ficar com a minha mãe até morrer. Dou-me otimamente com a minha mãe e quero ficar na casa da minha mãe. Só se encontrar um rapaz que tenha o mesmo problema que eu (VIH) é que penso em viver com ele. Mas é cada um na sua cama. E relações sempre protegidas”.</i></p>	<p>Tem o sonho de colocar o projeto da máquina em funcionamento.</p> <p>Parece não ter noção dos avanços tecnológicos e de como funcionam as instituições. Pretendia que lhe dessem voz e que experimentassem produzir a máquina.</p> <p>Importância da família, da mãe em concreto, não a quer abandonar.</p> <p>A postura em relação ao VIH é um pouco confusa: se por um lado se assume conhecedor das formas de contágio, por outro apresenta uma posição radical:” Mas é cada um na sua cama”. Mesmo que se envolva não procura um nível de envolvimento elevado ao nível de uma relação significativa e de entrega total.</p>
	<b>Projetos de Futuro</b>	<i>“A Deus pertence”.</i>	Fé incondicional

### ***B 3.4. Sinopse das entrevistas realizadas a Maria, 43 anos, prostituta***

<b>Categorias de Análise</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Excertos da Entrevista</b>	<b>Interpretação/Análise</b>
<b>Passado</b>	<b>Infância Juventude</b>	<p><i>“Sou do Algarve. Não... há 14 anos que não nos falamos... se falasse com eles a vida era outra”.</i></p> <p><i>“Eu nunca fui feliz...”</i></p> <p><i>“Não tenho nenhuma recordação feliz”</i></p> <p><i>“ Quando era pequena apanhava porrada em casa dos meus pais, fugi de lá. Aos 18 anos, casei e a partir daí comecei a apanhar porrada de um homem. Como já não suportava mais tanta violência e humilhação quis acabar com a relação mas acabei por cometer um erro que me custou o resto da vida. Neste momento estou longe dos meus filhos: um está na Guarda num colégio interno e o mais pequeno nem o conheço, foi adotado... como posso dizer que fui feliz?!”</i></p>	<p>Sugere arrependimento por ter abandonado a casa dos pais para seguir um homem que lhe causou tanto sofrimento.</p> <p>Marcas de muita violência que depois transferiu para a sua vida: violência na adolescência e infância (?) e violência por parte do ex-companheiro.</p>
	<b>Família</b>	<p><i>“Quer dizer, ele (ex-marido) não era má pessoa, quando eu estava doente nunca me obrigava a ir trabalhar, mas metia-se em cada uma... e depois chegava a casa bêbedo e tumba, dava-me”.</i></p> <p><i>“Como já não suportava mais tanta violência e humilhação quis acabar com a relação mas acabei por cometer um erro que me custou o resto da vida [...] engravidei do meu filho mais novo e ele disse-me logo “não tiveste juízo, engravidaste de um gajo qualquer não quero saber dele”.</i></p> <p><i>“Muito mal, como em todas as noites que tive de ir para a rua já com uma barriga de 7 meses. Houve uma noite que me senti mal. Fui para o hospital, mas ainda não era o parto. Depois tive de estar três dias sem trabalhar...”</i></p>	<p>Relação com o ex-marido era desestruturada.</p> <p>O marido quis fazê-la sofrer porque engravidou de um outro homem (2.º filho) razão pela qual nunca aceitou a criança e a ‘obrigou a assinar’ os documentos que permitissem a</p>

		<p><i>“Levei porrada dele uma vez no meio de uma viagem: parou o carro e tumba, tumba, tumba a dar-me porrada até que consegui destrancar a porta do carro e fugi, pedi 1 euro a uma pessoa para telefonar e liguei ao Patrício (namorado atual) para ele me ir buscar a Coimbra”.</i></p>	<p>adoção.</p> <p>A sua atividade influenciou as relações familiares. Têm uma predominância grande naquilo que ela é e nas relações que estabelece, talvez não tanto pelos outros mas pela postura que ela assume ‘<i>ab initio</i>’.</p> <p>A violência.</p>
	<b>Escola</b>	<p><i>“Eu não sei ler nem escrever”.</i></p>	<p>A família não podia ter os filhos a estudar pelo que nem ela nem os irmãos frequentaram a escola. (Justificação que apresentou num momento de observação participante).</p> <p>Este é o principal entrave à sua independência e talvez tenha sido a principal razão que a levou a ser explorada pelo ex-marido trabalhando nesta vida.</p>
	<b>Ocupação</b>	<p><i>“...tive aí uns tempos que queria a minha independência, então comecei a fazer limpezas para uma empresa. Ainda estive lá mais ou menos 8 meses...”</i></p>	<p>Nesta altura, sentia-se útil e independente. No entanto, o dinheiro que ganhava era inferior e o seu esforço era muito superior. Estas foram as razões que a trouxeram de</p>

			volta à rua.
<b>A Rutura</b>	<b>Voluntária</b>	<p><i>“A minha família mora longe e também não me iam querer ver... eu fugi de lá...”</i></p> <p><i>“Está preso. Nem quero saber nada dele. Apesar de me ter apaixonado por ele há muitos anos e ter fugido com ele, saturou... prontos...ele discutia muito comigo. Fiquei sem o meu filho à custa dele, foi dizer à segurança social que eu estava com drogas?!”</i></p> <p><i>“O Patrício pagou um quarto e foi comprar iogurtes e croissants para eu comer. Acabei por ficar em casa de uma amiga dele até resolver as coisas do RSI. Assim que recebi, arranjei um quarto e mudei-me para lá”.</i></p>	<p>Rutura com a família. Daí não estabelecer ligações importantes, nem querer tê-las.</p> <p>Mesmo numa atividade como esta as relações comerciais são meramente pontuais. Não há uma ligação que se forme, que se acentue.</p> <p>Quis sair, quis romper com esta vida de violência constante – rutura voluntária.</p>
	<b>Provocada</b>	<p><i>“Foi ele (ex-marido) que me meteu na vida! Já estive em Espanha, Coimbra e Leiria. Ele apoiava e protegia-me que era para eu trabalhar para ele. Mas era muito controlador...”</i></p> <p><i>“Sim... em casa dos meus pais e depois apanhei um homem que me batia também. Como já não suportava mais tanta violência e humilhação quis acabar com a relação mas acabei por cometer um erro que me custou o resto da vida”.</i></p>	<p>O padrão da violência mantêm-se</p> <p>Violência da família e do ex-marido, até à rutura. Rutura provocada porque parece que a relação apesar de tudo não a incomodava.</p> <p>A violência veio, no entanto, romper com o que laço que ainda restava entre os dois.</p>
<b>Presente</b>	<b>Ocupação</b>	<p><i>“Já... quer dizer, estou na vida há muito tempo...”</i></p> <p><i>“Agora começo a ter (medo), mas não tinha... ninguém me fazia mal. Também o meu ex-marido costumava estar ao pé para me proteger. Os clientes são sempre mais ou menos os mesmos. Quando não são já desconfio por já ter ficado sem receber”.</i></p>	<p>Assume a sua atividade e que já a pratica há muito tempo.</p> <p>Outrora não tinha medo porque estava acompanhada. Agora, apesar de ter um namorado, sente-se</p>

			sozinha e começa a ter medo.
	<p><b>Relações Interpessoais/ Familiares</b></p> <p><i>“Principalmente do Miguel. O outro não sinto muito a falta dele, só quando começo a pensar muito nisso é que pronto... No outro dia a assistente social perguntou-se se queria saber onde estava, eu disse que sim. Ela disse que ele estava perto, bem perto, mas que não me podia dizer onde senão eu ia querer ir lá vê-lo e isso não podia acontecer [...] fiquei mais descansada, sei que o meu filho está bem. Está melhor do que se estivesse comigo. Mas mãe é mãe...”</i></p> <p><i>” Já falei com ele hoje e ele perguntou-me «Oh mãe porque é que não vens passar o Natal com a gente?» e eu disse «Oh filho tu sabes que os avós não falam para a mãe...»”.</i></p> <p><i>“É muito inteligente, sabe tudo! Sabe os aniversários de toda a gente!”</i></p> <p><i>“ Nós damos-lhe tudo!”</i></p> <p><i>“...gostava que ele tivesse cá fora para abraçar o filho, para o garoto ter mais à vontade. Agora, de resto... Ele tem de ter juízo naquela cabeça!”</i></p> <p><i>“O P. é um amor de pessoa, sempre a dar-me força, sempre a acompanhar-me a dar-me conselhos. Já estou com ele há três anos...”</i></p>	<p>Angustiada</p> <p>Rutura com a família. Falta de rede de suporte, sente-se sozinha.</p> <p>Necessidade de saber novidades do filho M.</p> <p>Orgulho nos filhos, principalmente no mais velho.</p> <p>Apesar de tudo preferia que o ex-companheiro estivesse solto para poder acompanhar o filho.</p>	
	<p><b>(In) Satisfação</b></p> <p><i>“Eu moro num quarto, frio. Quase nem posso ter a luz acesa à noite. Deram-me um aquecedor e a senhoria viu-me a passar com ele avisou-me logo que não podia ligar aquilo.</i></p> <p><i>“Deito-me muitas vezes só com a luz da televisão e com uma vela. É uma tristeza... como é que alguma assistente social deixava ir o meu menino para ali? Eu queria era uma casinha pequenita, mas que deve para estar eu e o meu filho”.</i></p> <p><i>“Recebo €170 euros de RSI, pago €150 de quarto, com quanto fico para viver?”</i></p> <p><i>“Já tenho a noite ganha! Já fiz um cliente que me deu 40 euros! Já posso ir para casa!”</i></p>	<p>Angustia</p> <p>Depressão</p> <p>Privação</p>	
	<p><b>Adições</b></p>		Tabaco

	<b>(Outros)</b>	<p><i>“Sempre, e cada vez tenho mais medo. Das doenças e de entrar num carro de algum doido que me espete uma seringa ou assim...”</i></p> <p><i>“Passo os dias fechada em casa, não tenho gosto em fazer nada, agora já nem me apetece ir lá abaixo (à rua). Passo os dias a olhar para as paredes, acho que vou dar em doida...”</i></p>	<p>Cansaço.</p> <p>Já se sente sem força nem vontade para trabalhar.</p> <p>Necessidade urgente de mudança</p>
<b>Futuro</b>	<b>Campos de Possibilidades</b>	<p><i>“Já tentei (ter um trabalho). Nunca dá. Eu não sei ler nem escrever. Mandam-me sempre embora, dizem que me posso enganar nas coisas. Não tenho sorte nenhuma...”</i></p> <p><i>“O meu maior sonho era estar junto dos meus filhos. Mas do pequenito não dá. Pelo menos do M. mas... não tenho casa para isso... não mo deixam trazer...”</i></p> <p><i>“Não, com ele (P.) nunca! Ele é casado, e está comigo porque lhe faltam os carinhos da mulher, ainda por cima tem um filho que já é um homem...”</i></p> <p><i>“Não posso(ter mais filhos), fiz laqueação de trompas”.</i></p>	<p>Sem possibilidades ao nível da carreira e família.</p> <p>Falta de objetivos, falta de possibilidades.</p> <p>A Passividade é um denominador comum em toda a sua vida e contrasta com o seu aspeto físico.</p>
	<b>Projetos de Futuro</b>	<p><i>“O que eu queria mesmo era estar com o meu menino e dar-lhe tudo que ele quisesse. Ter uma casa para podermos estar os dois à vontade”.</i></p> <p><i>“Gostava de arranjar um emprego, ter um apartamento mas não me quero apaixonar, prefiro a força e o carinho que o Patrício me dá.”</i></p>	<p>Ligação forte ao filho mais velho. Não se quer apaixonar porque todas as relações que viveu foram marcadas pela violência. Prefere a pouca atenção do namorado do que nenhuma. Apresenta projeto de futuro mas nada faz para o concretizar. Argumenta que se trata de ausência de recursos económicos. É visível a passividade: espera que surja a solução.</p>

## **Anexos**

---

## ***Anexo A***

### ***DL n.º 400/82, de 23 de Setembro (versão atualizada)***

#### **CÓDIGO PENAL DE 1982 VERSÃO ANTERIOR A 1995**

Contém as seguintes alterações:

- Declaração de 3 de Dezembro 1982
- Declaração de 31 de Janeiro 1983
- Lei n.º 6/84, de 11 de Maio
- DL n.º 101-A/88, de 26 de Março
- DL n.º 132/93, de 23 de Abril

#### **SUMÁRIO**

NOTA DE EDIÇÃO: Consulte as versões 1.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup> do Decreto-Lei n.º 400/82, sendo a 7.<sup>a</sup> versão correspondente ao Decreto-Lei n.º 48/95.

Decreto-Lei n.º 400/82, de 23 de Setembro

*Anexo B*  
*Declaração de Salamanca*

## **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA**

### **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**

Reconvocando as várias declarações das Nações Unidas que culminaram no documento das Nações Unidas "Regras Padrões sobre Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiências", o qual demanda que os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional.

Notando com satisfação um incremento no envolvimento de governos, grupos de advocacia, comunidades e pais, e em particular de organizações de pessoas com deficiências, na busca pela melhoria do acesso à educação para a maioria daqueles cujas necessidades especiais ainda se encontram desprovidas; e reconhecendo como evidência para tal envolvimento a participação ativa do alto nível de representantes e de vários governos, agências especializadas, e organizações inter-governamentais naquela Conferência Mundial.

**1.** Nós, os delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em assembléia aqui em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, reafirmamos o nosso compromisso para com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e re-endossamos a Estrutura de Ação em Educação Especial, em que, pelo espírito de cujas provisões e recomendações governo e organizações sejam guiados.

**2.** Acreditamos e Proclamamos que:

- toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem,
- toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas,
- sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades,
- aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades,
- escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêm uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.

**3.** Nós congregamos todos os governos e demandamos que eles:

- atribuam a mais alta prioridade política e financeira ao aprimoramento de seus sistemas educacionais no sentido de se tornarem aptos a incluírem todas as crianças, independentemente de suas diferenças ou dificuldades individuais.

- adotem o princípio de educação inclusiva em forma de lei ou de política, matriculando todas as crianças em escolas regulares, a menos que existam fortes razões para agir de outra forma.
- desenvolvam projetos de demonstração e encorajem intercâmbios em países que possuam experiências de escolarização inclusiva.
- estabeleçam mecanismos participatórios e descentralizados para planejamento, revisão e avaliação de provisão educacional para crianças e adultos com necessidades educacionais especiais.
- encorajem e facilitem a participação de pais, comunidades e organizações de pessoas portadoras de deficiências nos processos de planejamento e tomada de decisão concernentes à provisão de serviços para necessidades educacionais especiais.
- invistam maiores esforços em estratégias de identificação e intervenção precoces, bem como nos aspectos vocacionais da educação inclusiva.
- garantam que, no contexto de uma mudança sistêmica, programas de treinamento de professores, tanto em serviço como durante a formação, incluam a provisão de educação especial dentro das escolas inclusivas.

4. Nós também congregamos a comunidade internacional; em particular, nós congregamos: - governos com programas de cooperação internacional, agências financiadoras internacionais, especialmente as responsáveis pela Conferência Mundial em Educação para Todos, UNESCO, UNICEF, UNDP e o Banco Mundial:

- a endossar a perspectiva de escolarização inclusiva e apoiar o desenvolvimento da educação especial como parte integrante de todos os programas educacionais;
- As Nações Unidas e suas agências especializadas, em particular a ILO, WHO, UNESCO e UNICEF:
- a reforçar seus estímulos de cooperação técnica, bem como reforçar suas cooperações e redes de trabalho para um apoio mais eficaz à já expandida e integrada provisão em educação especial;
- organizações não-governamentais envolvidas na programação e entrega de serviço nos países;
- a reforçar sua colaboração com as entidades oficiais nacionais e intensificar o envolvimento crescente delas no planejamento, implementação e avaliação de provisão em educação especial que seja inclusiva;
- UNESCO, enquanto a agência educacional das Nações Unidas;
- a assegurar que educação especial faça parte de toda discussão que lide com educação para todos em vários foros;
- a mobilizar o apoio de organizações dos profissionais de ensino em questões relativas ao aprimoramento do treinamento de professores no que diz respeito a necessidade educacionais especiais.
- a estimular a comunidade acadêmica no sentido de fortalecer pesquisa, redes de trabalho e o estabelecimento de centros regionais de informação e documentação e da mesma forma, a servir de exemplo em tais atividades e na disseminação dos resultados específicos e dos progressos alcançados em cada país no sentido de realizar o que almeja a presente Declaração.
- a mobilizar FUNDOS através da criação (dentro de seu próximo Planejamento a Médio Prazo. 1996-2000) de um programa extensivo de escolas inclusivas e programas de apoio comunitário, que permitiriam o lançamento de projetos-piloto que

demonstrassem novas formas de disseminação e o desenvolvimento de indicadores de necessidade e de provisão de educação especial.

5. Por último, expressamos nosso caloroso reconhecimento ao governo da Espanha e à UNESCO pela organização da Conferência e demandamo-lhes realizarem todos os esforços no sentido de trazer esta Declaração e sua relativa Estrutura de Ação da comunidade mundial, especialmente em eventos importantes tais como o Tratado Mundial de Desenvolvimento Social ( em Kopenhagen, em 1995) e a Conferência Mundial sobre a Mulher (em Beijing, e, 1995). Adotada por aclamação na cidade de Salamanca, Espanha, neste décimo dia de junho de 1994.

## **ESTRUTURA DE AÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

### **Introdução**

- **1.** Esta Estrutura de Ação em Educação Especial foi adotada pela conferencia Mundial em Educação Especial organizada pelo governo da Espanha em cooperação com a UNESCO, realizada em Salamanca entre 7 e 10 de junho de 1994. Seu objetivo é informar sobre políticas e guias ações governamentais, de organizações internacionais ou agências nacionais de auxílio, organizações não-governamentais e outras instituições na implementação da Declaração de Salamanca sobre princípios, Política e prática em Educação Especial. A Estrutura de Ação baseia-se fortemente na experiência dos países participantes e também nas resoluções, recomendações e publicações do sistema das Nações Unidas e outras organizações inter-governamentais, especialmente o documento "Procedimentos-Padrões na Equalização de Oportunidades para pessoas Portadoras de Deficiência . Tal Estrutura de Ação também leva em consideração as propostas, direções e recomendações originadas dos cinco seminários regionais preparatórios da Conferência Mundial.

- **2.** O direito de cada criança a educação é proclamado na Declaração Universal de Direitos Humanos e foi fortemente reconfirmado pela Declaração Mundial sobre Educação para Todos. Qualquer pessoa portadora de deficiência tem o direito de expressar seus desejos com relação à sua educação, tanto quanto estes possam ser realizados. Pais possuem o direito inerente de serem consultados sobre a forma de educação mais apropriadas às necessidades, circunstâncias e aspirações de suas crianças.

- **3.** O princípio que orienta esta Estrutura é o de que escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e super-dotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias lingüísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos desvantajados ou marginalizados. Tais condições geram uma variedade de diferentes desafios aos sistemas escolares. No contexto desta Estrutura, o termo "necessidades educacionais especiais" refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem. Muitas crianças experimentam dificuldades de aprendizagem e portanto possuem necessidades educacionais especiais em algum ponto durante a sua escolarização. Escolas devem buscar formas de educar tais crianças bem-

sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. Existe um consenso emergente de que crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devam ser incluídas em arranjos educacionais feitos para a maioria das crianças. Isto levou ao conceito de escola inclusiva. O desafio que confronta a escola inclusiva é no que diz respeito ao desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança e capaz de bem-sucedidamente educar todas as crianças, incluindo aquelas que possuam desvantagens severa. O mérito de tais escolas não reside somente no fato de que elas sejam capazes de prover uma educação de alta qualidade a todas as crianças: o estabelecimento de tais escolas é um passo crucial no sentido de modificar atitudes discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras e de desenvolver uma sociedade inclusiva.

- **4.** Educação Especial incorpora os mais do que comprovados princípios de uma forte pedagogia da qual todas as crianças possam se beneficiar. Ela assume que as diferenças humanas são normais e que, em consonância com a aprendizagem de ser adaptada às necessidades da criança, ao invés de se adaptar a criança às assunções pré-concebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem. Uma pedagogia centrada na criança é benéfica a todos os estudantes e, conseqüentemente, à sociedade como um todo. A experiência tem demonstrado que tal pedagogia pode consideravelmente reduzir a taxa de desistência e repetência escolar (que são tão características de tantos sistemas educacionais) e ao mesmo tempo garantir índices médios mais altos de rendimento escolar. Uma pedagogia centrada na criança pode impedir o desperdício de recursos e o enfraquecimento de esperanças, tão freqüentemente conseqüências de uma instrução de baixa qualidade e de uma mentalidade educacional baseada na idéia de que "um tamanho serve a todos". Escolas centradas na criança são além do mais a base de treino para uma sociedade baseada no povo, que respeita tanto as diferenças quanto a dignidade de todos os seres humanos. Uma mudança de perspectiva social é imperativa. Por um tempo demasiadamente longo os problemas das pessoas portadoras de deficiências têm sido compostos por uma sociedade que inabilita, que tem prestado mais atenção aos impedimentos do que aos potenciais de tais pessoas.

- **5.** Esta Estrutura de Ação compõe-se das seguintes seções:

### **I. Novo pensar em educação especial**

### **II. Orientações para a ação em nível nacional:**

A. Política e Organização

B. Fatores Relativos à Escola

C. Recrutamento e Treinamento de Educadores

D. Serviços Externos de Apoio

E. Áreas Prioritárias

F. Perspectivas Comunitárias

## G. Requerimentos Relativos a Recursos

### III. Orientações para ações em níveis regionais e internacionais

- **6.** A tendência em política social durante as duas últimas décadas tem sido a de promover integração e participação e de combater a exclusão. Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao desfrute e exercício dos direitos humanos. Dentro do campo da educação, isto se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram promover a genuína equalização de oportunidades. Experiências em vários países demonstram que a integração de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais é melhor alcançada dentro de escolas inclusivas, que servem a todas as crianças dentro da comunidade. É dentro deste contexto que aqueles com necessidades

educacionais especiais podem atingir o máximo progresso educacional e integração social. Ao mesmo tempo em que escolas inclusivas provêem um ambiente favorável à aquisição de igualdade de oportunidades e participação total, o sucesso delas requer um esforço claro, não somente por parte dos professores e dos profissionais na escola, mas também por parte dos colegas, pais, famílias e voluntários. A reforma das instituições sociais não constitui somente uma tarefa técnica, ela depende, acima de tudo, de convicções, compromisso e disposição

dos indivíduos que compõem a sociedade.

- **7.** Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola.

- **8.** Dentro das escolas inclusivas, crianças com necessidades educacionais especiais deveriam receber qualquer suporte extra requerido para assegurar uma educação efetiva. Educação inclusiva é o modo mais eficaz para construção de solidariedade entre crianças com necessidades educacionais especiais e seus colegas. O encaminhamento de crianças a escolas especiais ou a classes especiais ou a sessões especiais dentro da escola em caráter permanente deveriam constituir exceções, a ser recomendado somente naqueles casos infreqüentes onde fique claramente demonstrado que a educação na classe regular seja incapaz de atender às necessidades educacionais ou sociais da criança ou quando sejam requisitados em nome do bem-estar da criança ou de outras crianças.

- **9.** A situação com respeito à educação especial varia enormemente de um país a outro. Existem por exemplo, países que possuem sistemas de escolas especiais fortemente estabelecidos para aqueles que possuam impedimentos específicos. Tais escolas especiais podem representar um valioso recurso para o desenvolvimento de escolas inclusivas. Os profissionais destas instituições especiais possuem nível de conhecimento necessário à identificação precoce de crianças portadoras de deficiências. Escolas especiais podem servir como centro de treinamento e de recurso para os profissionais das escolas regulares. Finalmente, escolas especiais ou unidades dentro das escolas inclusivas podem continuar a prover a educação mais adequada a um número relativamente pequeno de crianças portadoras de deficiências que não possam ser adequadamente atendidas em classes ou escolas regulares. Investimentos

em escolas especiais existentes deveriam ser canalizados a este novo e amplificado papel de prover apoio profissional às escolas regulares no sentido de atender às necessidades educacionais especiais. Uma importante contribuição às escolas regulares que os profissionais das escolas especiais podem fazer refere-se à provisão de métodos e conteúdos curriculares às necessidades individuais dos alunos.

- **10.** Países que possuam poucas ou nenhuma escolas especial seriam em geral, fortemente aconselhados a concentrar seus esforços no desenvolvimento de escolas inclusivas e serviços especializados - em especial, provisão de treinamento de professores em educação especial e estabelecimento de recursos adequadamente equipados e assessorados, para os quais as escolas pudessem se voltar quando precisassem de apoio - deveriam tornar as escolas aptas a servir à vasta maioria de crianças e jovens. A experiência, principalmente em países em desenvolvimento, indica que o alto custo de escolas especiais significa na prática, que apenas uma pequena minoria de alunos, em geral uma elite urbana, se beneficia delas. A vasta maioria de alunos com necessidades especiais, especialmente nas áreas rurais, é conseqüentemente, desprovida de serviços. De fato, em muitos países em desenvolvimento, estima-se que menos de um por cento das crianças com necessidades educacionais especiais são incluídas na provisão existente. Além disso, a experiência sugere que escolas inclusivas,

servindo a todas as crianças numa comunidade são mais bem sucedidas em atrair apoio da comunidade e em achar modos imaginativos e inovadores de uso dos limitados recursos que sejam disponíveis. Planejamento educacional da parte dos governos, portanto, deveria ser concentrado em educação para todas as pessoas, em todas as regiões do país e em todas as condições econômicas, através de escolas públicas e privadas.

- **11.** Existem milhões de adultos com deficiências e sem acesso sequer aos rudimentos de uma educação básica, principalmente nas regiões em desenvolvimento no mundo, justamente porque no passado uma quantidade relativamente pequena de crianças com deficiências obteve acesso à educação. Portanto, um esforço concentrado é requerido no sentido de se promover a alfabetização e o aprendizado da matemática e de habilidades básicas às pessoas portadoras de deficiências através de programas de educação de adultos.

Também é importante que se reconheça que mulheres têm freqüentemente sido duplamente desvantajadas, com preconceitos sexuais compondo as dificuldades causadas pelas suas deficiências. Mulheres e homens deveriam possuir a mesma influência no delineamento de programas educacionais e as mesmas oportunidades de se beneficiarem de tais. Esforços especiais deveriam ser feitos no sentido de se encorajar a participação de meninas e mulheres com deficiências em programas educacionais.

- **12.** Esta estrutura pretende ser um guia geral ao planejamento de ação em educação especial. Tal estrutura, evidentemente, não tem meios de dar conta da enorme variedade de situações encontradas nas diferentes regiões e países do mundo e deve desta maneira, ser adaptada no sentido ao requerimento e circunstâncias locais. Para que seja efetiva, ela deve ser complementada por ações nacionais, regionais e locais inspirados pelo desejo político e popular de alcançar educação para todos.

## **II. LINHAS DE AÇÃO EM NÍVEL NACIONAL A. POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO**

- **13.** Educação integrada e reabilitação comunitária representam abordagens

complementares àqueles com necessidades especiais. Ambas se baseiam nos princípios de inclusão, integração e participação e representam abordagens bem-testadas e financeiramente efetivas para promoção de igualdade de acesso para aqueles com necessidades educacionais especiais como parte de uma estratégia nacional que objetive o alcance de educação para todos. Países são convidados a considerar as seguintes ações concernentes a política e organização de seus sistemas educacionais.

- **14.** Legislação deveria reconhecer o princípio de igualdade de oportunidade para crianças, jovens e adultos com deficiências na educação primária, secundária e terciária, sempre que possível em ambientes integrados.
- **15.** Medidas Legislativas paralelas e complementares deveriam ser adotadas nos campos da saúde, bem-estar social, treinamento vocacional e trabalho no sentido de promover apoio e gerar total eficácia à legislação educacional.
- **16.** Políticas educacionais em todos os níveis, do nacional ao local, deveriam estipular que a criança portadora de deficiência deveria freqüentar a escola de sua vizinhança: ou seja, a escola que seria freqüentada caso a criança não portasse nenhuma deficiência. Exceções à esta regra deveriam ser consideradas individualmente, caso-por-caso, em casos em que a educação em instituição especial seja requerida.
- **17.** A prática de desmarginalização de crianças portadoras de deficiência deveria ser parte integrante de planos nacionais que objetivem atingir educação para todos. Mesmo naqueles casos excepcionais em que crianças sejam colocadas em escolas especiais, a educação dela não precisa ser inteiramente segregada. Freqüência em regime não-integral nas escolas regulares deveria ser encorajada. Provisões necessárias deveriam também ser feitas no sentido de assegurar inclusão de jovens e adultos com necessidade especiais em educação secundária e superior bem como em programa de treinamento. Atenção especial deveria ser dada à garantia da igualdade de acesso e oportunidade para meninas e mulheres portadoras de deficiências.
- **18.** Atenção especial deveria ser prestada às necessidades das crianças e jovens com deficiências múltiplas ou severas. Eles possuem os mesmos direitos que outros na comunidade, à obtenção de máxima independência na vida adulta e deveriam ser educados neste sentido, ao máximo de seus potenciais.
- **19.** Políticas educacionais deveriam levar em total consideração as diferenças e situações individuais. A importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em sua língua nacional de signos. Devido às necessidades particulares de comunicação dos surdos e das pessoas surdas/cegas, a educação deles pode ser mais adequadamente provida em escolas especiais ou classes especiais e unidades em escolas regulares.
- **20.** Reabilitação comunitária deveria ser desenvolvida como parte de uma estratégia global de apoio a uma educação financeiramente efetiva e treinamento para pessoas com necessidade educacionais especiais. Reabilitação comunitária deveria ser vista como uma abordagem específica dentro do desenvolvimento da comunidade objetivando a reabilitação, equalização de oportunidades e integração social de todas as pessoas portadoras de deficiências; deveria ser implementada através de esforços combinados entre as pessoas portadoras de deficiências, suas famílias e comunidades e os serviços apropriados de educação, saúde, bem-estar e vocacional.

- 21. Ambos os arranjos políticos e de financiamento deveriam encorajar e facilitar o desenvolvimento de escolas inclusivas. Barreiras que impeçam o fluxo de movimento da escola especial para a regular deveriam ser removidas e uma estrutura administrativa comum deveria ser organizada. Progresso em direção à inclusão deveria ser cuidadosamente monitorado através do agrupamento de estatísticas capazes de revelar o número de estudantes portadores de deficiências que se beneficiam dos recursos, know-how e equipamentos direcionados à educação especial bem como o número de estudantes com necessidades educacionais especiais matriculados nas escolas regulares.
- 22. Coordenação entre autoridades educacionais e as responsáveis pela saúde, trabalho e assistência social deveria ser fortalecida em todos os níveis no sentido de promover convergência e complementariedade, Planejamento e coordenação também deveriam levar em conta o papel real e o potencial que agências semi- públicas e organizações não-governamentais podem ter. Um esforço especial necessita ser feito no sentido de se atrair apoio comunitário à provisão de serviços educacionais especiais.
- 23. Autoridades nacionais têm a responsabilidade de monitorar financiamento externo à educação especial e trabalhando em cooperação com seus parceiros internacionais, assegurar que tal financiamento corresponda às prioridades nacionais e políticas que objetivem atingir educação para todos. Agências bilaterais e multilaterais de auxílio , por sua parte, deveriam considerar cuidadosamente as políticas nacionais com respeito à educação especial no planejamento e implementação de programas em educação e áreas relacionadas.

## **B. FATORES RELATIVOS À ESCOLA**

- 24. o desenvolvimento de escolas inclusivas que ofereçam serviços a uma grande variedade de alunos em ambas as áreas rurais e urbanas requer a articulação de uma política clara e forte de inclusão junto com provisão financeira adequada - um esforço eficaz de informação pública para combater o preconceito e criar atitudes informadas e positivas - um programa extensivo de orientação e treinamento profissional - e a provisão de serviços de apoio necessários. Mudanças em todos os seguintes aspectos da escolarização, assim como em muitos outros, são necessárias para a contribuição de escolas inclusivas bem-sucedidas: currículo, prédios, organização escolar, pedagogia, avaliação, pessoal, filosofia da escola e atividades extra-curriculares.
- 25. Muitas das mudanças requeridas não se relacionam exclusivamente à inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais. Elas fazem parte de um reforma mais ampla da educação, necessária para o aprimoramento da qualidade e relevância da educação, e para a promoção de níveis de rendimento escolar superiores por parte de todos os estudantes. A Declaração Mundial sobre Educação para Todos enfatizou a necessidade de uma abordagem centrada na criança objetivando a garantia de uma escolarização bem-sucedida para todas as crianças. A adoção de sistemas mais flexíveis e adaptativos, capazes de mais largamente levar em consideração as diferentes necessidades das crianças irá contribuir tanto para o sucesso educacional quanto para a inclusão. As seguintes orientações enfocam pontos a ser considerados na integração de crianças com necessidades educacionais especiais em escolas inclusivas. Flexibilidade Curricular.
- 26. O currículo deveria ser adaptado às necessidades das crianças, e não vice-versa. Escolas deveriam, portanto, prover oportunidades curriculares que sejam

apropriadas a criança com habilidades e interesses diferentes.

- **27.** Crianças com necessidades especiais deveriam receber apoio instrucional adicional no contexto do currículo regular, e não de um currículo diferente. O princípio regulador deveria ser o de providenciar a mesma educação a todas as crianças, e também prover assistência adicional e apoio às crianças que assim o requeiram.
- **28.** A aquisição de conhecimento não é somente uma questão de instrução formal e teórica. O conteúdo da educação deveria ser voltado a padrões superiores e às necessidades dos indivíduos com o objetivo de torná-los aptos a participar totalmente no desenvolvimento. O ensino deveria ser relacionado às experiências dos alunos e a preocupações práticas no sentido de melhor motivá-los.
- **29.** Para que o progresso da criança seja acompanhado, formas de avaliação deveriam ser revistas. Avaliação formativa deveria ser incorporada no processo educacional regular no sentido de manter alunos e professores informados do controle da aprendizagem adquirida, bem como no sentido de identificar dificuldades e auxiliar os alunos a superá-las.
- **30.** Para crianças com necessidades educacionais especiais uma rede contínua de apoio deveria ser providenciada, com variação desde a ajuda mínima na classe regular até programas adicionais de apoio à aprendizagem dentro da escola e expandindo, conforme necessário, à provisão de assistência dada por professores especializados e pessoal de apoio externo.
- **31.** Tecnologia apropriada e viável deveria ser usada quando necessário para aprimorar a taxa de sucesso no currículo da escola e para ajudar na comunicação, mobilidade e aprendizagem. Auxílios técnicos podem ser oferecidos de modo mais econômico e efetivo se eles forem providos a partir de uma associação central em cada localidade, aonde haja know-how que possibilite a conjugação de necessidades individuais e assegure a manutenção.
- **32.** Capacitação deveria ser originada e pesquisa deveria ser levada a cabo em níveis nacional e regional no sentido de desenvolver sistemas tecnológicos de apoio apropriados à educação especial. Estados que tenham ratificado o Acordo de Florença deveriam ser encorajados a usar tal instrumento no sentido de facilitar a livre circulação de materiais e equipamentos às necessidades das pessoas com deficiências. Da mesma forma, Estados que ainda não tenham aderido ao Acordo ficam convidados a assim fazê-lo para que se facilite a livre circulação de serviços e bens de natureza educacional e cultural.

### **Administração da Escola**

- **33.** Administradores locais e diretores de escolas podem ter um papel significativo quanto a fazer com que as escolas respondam mais às crianças com necessidades educacionais especiais desde de que a eles sejam fornecidos a devida autonomia e adequado treinamento para que o possam fazê-lo. Eles (administradores e diretores) deveriam ser convidados a desenvolver uma administração com procedimentos mais flexíveis, a reaplicar recursos instrucionais, a diversificar opções de aprendizagem, a mobilizar auxílio individual, a oferecer apoio aos alunos experimentando dificuldades e a desenvolver relações com pais e comunidades, Uma administração escolar bem sucedida depende de um envolvimento ativo e reativo de professores e do pessoal e do desenvolvimento de cooperação efetiva e de trabalho em grupo no sentido de atender as necessidades dos estudantes.

- **34.** Diretores de escola têm a responsabilidade especial de promover atitudes positivas através da comunidade escolar e via arranjando uma cooperação efetiva entre professores de classe e pessoal de apoio. Arranjos apropriados para o apoio e o exato papel a ser assumido pelos vários parceiros no processo educacional deveria ser decidido através de consultoria e negociação.
- **35.** Cada escola deveria ser uma comunidade coletivamente responsável pelo sucesso ou fracasso de cada estudante. O grupo de educadores, ao invés de professores individualmente, deveria dividir a responsabilidade pela educação de crianças com necessidades especiais. Pais e voluntários deveriam ser convidados assumir participação ativa no trabalho da escola. Professores, no entanto, possuem um papel fundamental enquanto administradores do processo educacional, apoiando as crianças através do uso de recursos disponíveis, tanto dentro como fora da sala de aula.

### **Informação e Pesquisa**

- **36.** A disseminação de exemplos de boa prática ajudaria o aprimoramento do ensino e aprendizagem. Informação sobre resultados de estudos que sejam relevantes também seria valiosa. A demonstração de experiência e o desenvolvimento de centros de informação deveriam receber apoio a nível nacional, e o acesso a fontes de informação deveria ser ampliado.
- **37.** A educação especial deveria ser integrada dentro de programas de instituições de pesquisa e desenvolvimento e de centros de desenvolvimento curricular. Atenção especial deveria ser prestada nesta área, a pesquisa-ação locando em estratégias inovadoras de ensino-aprendizagem. Professores deveriam participar ativamente tanto na ação quanto na reflexão envolvidas em tais investigações. Estudos-piloto e estudos de profundidade deveriam ser lançados para auxiliar tomadas de decisões e para prover orientação futura. Tais experimentos e estudos deveriam ser levados a cabo numa base de cooperação entre vários países.

### **C. RECRUTAMENTO E TREINAMENTO DE EDUCADORES**

- **38.** Preparação apropriada de todos os educadores constitui-se um fator chave na promoção de progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas. As seguintes ações poderiam ser tomadas. Além disso, a importância do recrutamento de professores que possam servir como modelo para crianças portadoras de deficiências torna-se cada vez mais reconhecida.
- **39.** Treinamento pré-profissional deveria fornecer a todos os estudantes de pedagogia de ensino primário ou secundário, orientação positiva frente à deficiência, desta forma desenvolvendo um entendimento daquilo que pode ser alcançado nas escolas através dos serviços de apoio disponíveis na localidade. O conhecimento e habilidades requeridas dizem respeito principalmente à boa prática de ensino e incluem a avaliação de necessidades especiais, adaptação do conteúdo curricular, utilização de tecnologia de assistência, individualização de procedimentos de ensino no sentido de abarcar uma variedade maior de habilidades, etc. Nas escolas práticas de treinamento de professores, atenção especial deveria ser dada à preparação de todos os professores para que exercitem sua autonomia e apliquem suas habilidades na adaptação do currículo e da instrução no sentido de atender as necessidades especiais dos alunos, bem como no sentido de colaborar com os especialistas e cooperar com os pais.

- **40.** Um problema recorrente em sistemas educacionais, mesmo naqueles que provêm excelentes serviços para estudantes portadores de deficiências refere-se a falta de modelos para tais estudantes. alunos de educação especial requerem oportunidades de interagir com adultos portadores de deficiências que tenham obtido sucesso de forma que eles possam ter um padrão para seus próprios estilos de vida e aspirações com base em expectativas realistas. Além disso, alunos portadores de deficiências deveriam ser treinados e providos de exemplos de atribuição de poderes e liderança à deficiência de forma que eles possam auxiliar no modelamento de políticas que irão afetá-los futuramente. Sistemas educacionais deveriam, portanto, basear o recrutamento de professores e outros educadores que podem e deveriam buscar, para a educação de crianças especiais, o envolvimento de indivíduos portadores de deficiências que sejam bem sucedidos e que provenham da mesma região.
- **41.** As habilidades requeridas para responder as necessidades educacionais especiais deveriam ser levadas em consideração durante a avaliação dos estudos e da graduação de professores.
- **42.** Como formar prioritária, materiais escritos deveriam ser preparados e seminários organizados para administradores locais, supervisores, diretores e professores, no sentido de desenvolver suas capacidades de prover liderança nesta área e de aposta e treinar pessoal menos experiente.
- **43.** O menor desafio reside na provisão de treinamento em serviço a todos os professores, levando-se em consideração as variadas e freqüentemente difíceis condições sob as quais eles trabalham. Treinamento em serviço deveria sempre que possível, ser desenvolvido ao nível da escola e por meio de interação com treinadores e apoiado por técnicas de educação à distância e outras técnicas auto- didáticas.
- **44.** Treinamento especializado em educação especial que leve às qualificações profissionais deveria normalmente ser integrado com ou precedido de treinamento e experiência como uma forma regular de educação de professores para que a complementariedade e a mobilidade sejam asseguradas.
- **45.** O Treinamento de professores especiais necessita ser reconsiderado com a intenção de se lhes habilitar a trabalhar em ambientes diferentes e de assumir um papel-chave em programas de educação especial. Uma abordagem não- categorizante que embarque todos os tipos de deficiências deveria ser desenvolvida como núcleo comum e anterior à especialização em uma ou mais áreas específicas de deficiência.
- **46.** Universidades possuem um papel majoritário no sentido de aconselhamento no processo de desenvolvimento da educação especial, especialmente no que diz respeito à pesquisa, avaliação, preparação de formadores de professores e desenvolvimento de programas e materiais de treinamento. Redes de trabalho entre universidades e instituições de aprendizagem superior em países desenvolvidos e em desenvolvimento deveriam ser promovidas. A ligação entre pesquisa e treinamento neste sentido é de grande significado. Também é muito importante o envolvimento ativo de pessoas portadoras de deficiência em pesquisa e em treinamento para que se assegure que suas perspectivas sejam completamente levadas em consideração.

#### **D. SERVIÇOS EXTERNOS DE APOIO**

- **47.** A provisão de serviços de apoio é de fundamental importância para o sucesso de

políticas educacionais inclusivas. Para que se assegure que, em todos os níveis, serviços externos sejam colocados à disposição de crianças com necessidades especiais, autoridades educacionais deveriam considerar o seguinte:

- **48.** Apoio às escolas regulares deveria ser providenciado tanto pelas instituições de treinamento de professores quanto pelo trabalho de campo dos profissionais das escolas especiais. Os últimos deveriam ser utilizados cada vez mais como centros de recursos para as escolas regulares, oferecendo apoio direto aquelas crianças com necessidades educacionais especiais. Tanto as instituições de treinamento como as escolas especiais podem prover o acesso a materiais e equipamentos, bem como o treinamento em estratégias de instrução que não sejam oferecidas nas escolas regulares.
- **49.** O apoio externo do pessoal de recurso de várias agências, departamentos e instituições, tais como professor-consultor, psicólogos escolares, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, etc., deveria ser coordenado em nível local. O agrupamento de escolas tem comprovadamente se constituído numa estratégia útil na mobilização de recursos educacionais bem como no envolvimento da comunidade. Grupos de escolas poderiam ser coletivamente responsáveis pela provisão de serviços a alunos com necessidades educacionais especiais em suas áreas e (a tais grupos de escolas) poderia ser dado o espaço necessário para alocarem os recursos conforme o requerido. Tais arranjos também deveriam envolver serviços não educacionais. De fato, a experiência sugere que serviços educacionais se beneficiariam significativamente caso maiores esforços fossem feitos para assegurar o ótimo uso de todo o conhecimento e recursos disponíveis.

## **E. ÁREAS PRIORITÁRIAS**

- **50.** A integração de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais seria mais efetiva e bem-sucedida se consideração especial fosse dada a planos de desenvolvimento educacional nas seguintes áreas: educação infantil, para garantir a educabilidade de todas as crianças; transição da educação para a vida adulta do trabalho e educação de meninas.

### **Educação Infantil**

- **51.** O sucesso de escolas inclusivas depende em muito da identificação precoce, avaliação e estimulação de crianças pré-escolares com necessidades educacionais especiais. Assistência infantil e programas educacionais para crianças até a idade de 6 anos deveriam ser desenvolvidos e/ou reorientados no sentido de promover o desenvolvimento físico, intelectual e social e a prontidão para a escolarização. Tais programas possuem um grande valor econômico para o indivíduo, a família e a sociedade na prevenção do agravamento de condições que inabilitam a criança. Programas neste nível deveriam reconhecer o princípio da inclusão e ser desenvolvidos de uma maneira abrangente, através da combinação de atividades pré-escolares e saúde infantil.
- **52.** Vários países têm adotado políticas em favor da educação infantil, tanto através do apoio no desenvolvimento de jardins de infância e pré-escolas, como pela organização de informação às famílias e de atividades de conscientização em colaboração com serviços comunitários (saúde, cuidados maternos e infantis) com escolas e com associações locais de famílias ou de mulheres.

### **Preparação para a Vida Adulta**

- **53.** Jovens com necessidades educacionais especiais deveriam ser auxiliados no sentido de realizarem uma transição efetiva da escola para o trabalho. Escolas deveriam auxiliá-los a se tornarem economicamente ativos e provê-los com as habilidades necessárias ao cotidiano da vida, oferecendo treinamento em habilidades que correspondam às demandas sociais e de comunicação e às expectativas da vida adulta. Isto implica em tecnologias adequadas de treinamento, incluindo experiências diretas em situações da vida real, fora da escola. O currículo para estudantes mais maduros e com necessidades educacionais especiais deveria incluir programas específicos de transição, apoio de entrada para a educação superior sempre que possível e conseqüente treinamento vocacional que os prepare a funcionar independentemente enquanto membros contribuintes em suas comunidades e após o término da escolarização. Tais atividades deveria ser levadas a cabo com o envolvimento ativo de aconselhadore vocacionais, oficinas de trabalho, associações de profissionais, autoridades locais e seus respectivos serviços e agências.

### **Educação de Meninas**

- **54.** Meninas portadoras de deficiências encontram-se em dupla desvantagem. Um esforço especial se requer no sentido de se prover treinamento e educação para meninas com necessidades educacionais especiais. Além de ganhar acesso a escola, meninas portadoras de deficiências deveriam ter acesso à informação, orientação e modelos que as auxiliem a fazer escolhas realistas e as preparem para desempenharem seus futuros papéis enquanto mulheres adultas.

### **Educação de Adultos e Estudos Posteriores**

- **55.** Pessoas portadoras de deficiências deveriam receber atenção especial quanto ao desenvolvimento e implementação de programas de educação de adultos e de estudos posteriores. Pessoas portadoras de deficiências deveriam receber prioridade de acesso à tais programas. Cursos especiais também poderiam ser desenvolvidos no sentido de atenderem às necessidades e condições de diferentes grupos de adultos portadores de deficiência.

## **F. PERSPECTIVAS COMUNITÁRIAS**

- **56.** A realização do objetivo de uma educação bem-sucedida de crianças com necessidades educacionais especiais não constitui tarefa somente dos Ministérios de Educação e das escolas. Ela requer a cooperação das famílias e a mobilização das comunidades e de organizações voluntárias, assim como o apoio do público em geral. A experiência provida por países ou áreas que têm testemunhado progresso na equalização de oportunidades educacionais para crianças portadoras de deficiência sugere uma série de lições úteis.

### **Parceria com os Pais**

- **57.** A educação de crianças com necessidades educacionais especiais é uma tarefa

a ser dividida entre pais e profissionais. Uma atitude positiva da parte dos pais favorece a integração escolar e social. Pais necessitam de apoio para que possam assumir seus papéis de pais de uma criança com necessidades especiais.

O papel das famílias e dos pais deveria ser aprimorado através da provisão de informação necessária em linguagem clara e simples; ou enfoque na urgência de informação e de treinamento em habilidades paternas constitui uma tarefa importante em culturas aonde a tradição de escolarização seja pouca.

- **58.** Pais constituem parceiros privilegiados no que concerne as necessidades especiais de suas crianças, e desta maneira eles deveriam, o máximo possível, ter a chance de poder escolher o tipo de provisão educacional que eles desejam para suas crianças.
- **59.** Uma parceria cooperativa e de apoio entre administradores escolares, professores e pais deveria ser desenvolvida e pais deveriam ser considerados enquanto parceiros ativos nos processos de tomada de decisão. Pais deveriam ser encorajados a participar em atividades educacionais em casa e na escola (aonde eles poderiam observar técnicas efetivas e aprender como organizar atividades extra-curriculares), bem como na supervisão e apoio à aprendizagem de suas crianças.
- **60.** Governos deveriam tomar a liderança na promoção de parceria com os pais, através tanto de declarações políticas quanto legais no que concerne aos direitos paternos. O desenvolvimento de associações de pais deveria ser promovida e seus representante envolvidos no delineamento e implementação de programas que visem o aprimoramento da educação de seus filhos. Organizações de pessoas portadoras de deficiências também deveriam ser consultadas no que diz respeito ao delineamento e implementação de programas.

### **Envolvimento da Comunidade**

- **61.** A descentralização e o planejamento local favorecem um maior envolvimento de comunidades na educação e treinamento de pessoas com necessidades educacionais especiais. Administradores locais deveriam encorajar a participação da comunidade através da garantia de apoio às associações representativas e convidando-as a tomarem parte no processo de tomada de decisões. Com este objetivo em vista, mobilizando e monitorando mecanismos formados pela administração civil local, pelas autoridades de desenvolvimento educacional e de saúde, líderes comunitários e organizações voluntárias deveriam estar estabelecidos em áreas geográficas suficientemente pequenas para assegurar uma participação comunitária significativa.
- **62.** O envolvimento comunitário deveria ser buscado no sentido de suplementar atividades na escola, de prover auxílio na concretização de deveres de casa e de compensar a falta de apoio familiar. Neste sentido, o papel das associações de bairro deveria ser mencionado no sentido de que tais forneçam espaços disponíveis, como também o papel das associações de famílias, de clubes e movimentos de jovens, e o papel potencial das pessoas idosas e outros voluntários incluindo pessoas portadoras de deficiências em programas tanto dentro como fora da escola.
- **63.** Sempre que ação de reabilitação comunitária seja provida por iniciativa externa, cabe à comunidade decidir se o programa se tornará parte das atividades de desenvolvimento da comunidade. Aos vários parceiros na comunidade, incluindo organizações de pessoas portadoras de deficiência e outras organizações não-

governamentais deveria ser dada a devida autonomia para se tornarem responsáveis pelo programa. Sempre que apropriado, agências governamentais em níveis nacional e local também deveriam prestar apoio.

### **O Papel das Organizações Voluntárias**

- **64.** Uma vez que organizações voluntárias e não-governamentais possuem maior liberdade para agir e podem responder mais prontamente às necessidades expressas, elas deveriam ser apoiadas no desenvolvimento de novas idéias e no trabalho pioneiro de inovação de métodos de entrega de serviços. Tais organizações podem desempenhar o papel fundamental de inovadores e catalizadores e expandir a variedade de programas disponíveis à comunidade.
- **65.** Organizações de pessoas portadoras de deficiências - ou seja, aquelas que possuam influência decisiva deveriam ser convidadas a tomar parte ativa na identificação de necessidades, expressando sua opinião a respeito de prioridades, administrando serviços, avaliando desempenho e defendendo mudanças.

### **Conscientização Pública**

- **66.** Políticos em todos os níveis, incluindo o nível da escola, deveriam regularmente reafirmar seu compromisso para com a inclusão e promover atitudes positivas entre as crianças, professores e público em geral, no que diz respeito aos que possuem necessidades educacionais especiais.
- **67.** A mídia possui um papel fundamental na promoção de atitudes positivas frente a integração de pessoas portadoras de deficiência na sociedade. Superando preconceitos e má informação, e difundindo um maior otimismo e imaginação sobre as capacidades das pessoas portadoras de deficiência. A mídia também pode promover atitudes positivas em empregadores com relação ao emprego de pessoas portadoras de deficiência. A mídia deveria acostumar-se a informar o público a respeito de novas abordagens em educação, particularmente no que diz respeito à provisão em educação especial nas escolas regulares, através da popularização de exemplos de boa prática e experiências bem-sucedidas.

## **G. REQUERIMENTOS RELATIVOS A RECURSOS**

- **68.** O desenvolvimento de escolas inclusivas como o modo mais efetivo de atingir a educação para todos deve ser reconhecido como uma política governamental chave e dado o devido privilégio na pauta de desenvolvimento da nação. É somente desta maneira que os recursos adequados podem ser obtidos. Mudanças nas políticas e prioridades podem acabar sendo inefetivas a menos que um mínimo de recursos requeridos seja providenciado. O compromisso político é necessário, tanto a nível nacional como comunitário. Para que se obtenha recursos adicionais e para que se re-empregue os recursos já existentes. Ao mesmo tempo em que as comunidades devem desempenhar o papel-chave de desenvolver escolas inclusivas, apoio e encorajamento aos governos também são essenciais ao desenvolvimento efetivo de soluções viáveis.

- **69.** A distribuição de recursos às escolas deveria realisticamente levar em consideração as diferenças em gastos no sentido de se prover educação apropriada para todas as crianças que possuem habilidades diferentes. Um começo realista poderia ser o de apoiar aquelas escolas que desejam promover uma educação inclusiva e o lançamento de projetos-piloto em algumas áreas com vistas a adquirir o conhecimento necessário para a expansão e generalização progressivas. No processo de generalização da educação inclusiva, o nível de suporte e de especialização deverá corresponder à natureza da demanda.
- **70.** Recursos também devem ser alocados no sentido de apoiar serviços de treinamento de professores regulares de provisão de centros de recursos, de professores especiais ou professores-recursos. Ajuda técnica apropriada para assegurar a operação bem-sucedida de um sistema educacional integrador, também deve ser providenciada. Abordagens integradoras deveriam, portanto, estar ligadas ao desenvolvimento de serviços de apoio em níveis nacional e local.
- **71.** Um modo efetivo de maximizar o impacto refere-se a união de recursos humanos institucionais, logísticos, materiais e financeiros dos vários departamentos ministeriais (Educação, Saúde, Bem-Estar-Social, Trabalho, Juventude, etc.), das autoridades locais e territoriais e de outras instituições especializadas. A combinação de uma abordagem tanto social quanto educacional no que se refere à educação especial requererá estruturas de gerenciamento efetivas que capacitem os vários serviços a cooperar tanto em nível local quanto em nível nacional e que permitam que autoridades públicas e corporações juntem esforços.

### **III. ORIENTAÇÕES PARA AÇÕES EM NÍVEIS REGIONAIS E INTERNACIONAIS**

- **72.** Cooperação internacional entre organizações governamentais e não-governamentais, regionais e inter-regionais, podem ter um papel muito importante no apoio ao movimento frente a escolas inclusivas. Com base em experiências anteriores nesta área, organizações internacionais, inter-governamentais e não-governamentais, bem como agências doadoras bilaterais, poderiam considerar a união de seus esforços na implementação das seguintes abordagens estratégicas.
- **73.** Assistência técnica deveria ser direcionada a áreas estratégicas de intervenção com um efeito multiplicador, especialmente em países em desenvolvimento. Uma tarefa importante para a cooperação internacional reside no apoio no lançamento de projetos-piloto que objetivem testar abordagens e originar capacitação.
- **74.** A organização de parcerias regionais ou de parcerias entre países com abordagens semelhantes no tocante à educação especial poderia resultar no planejamento de atividades conjuntas sob os auspícios de mecanismos de cooperação regional ou sub-regional. Tais atividades deveriam ser delineadas com vistas a levar vantagens sobre as economias da escala, a basear-se na experiência de países participantes, e a aprimorar o desenvolvimento das capacidades nacionais.
- **75.** Uma missão prioritária das organizações internacionais e facilitação do intercâmbio de dados e a informação e resultados de programas-piloto em educação especial entre países e regiões. O colecionamento de indicadores de progresso que sejam comparáveis a respeito de educação inclusiva e de emprego deveria se tornar parte de um banco mundial de dados sobre educação. Pontos de enfoque podem ser

estabelecidos em centros sub-regionais para que se facilite o intercâmbio de informações. As estruturas existentes em nível regional e internacional deveriam ser fortalecidas e suas atividades estendidas a campos tais como política, programação, treinamento de pessoal e avaliação.

- **76.** Uma alta percentagem de deficiência constitui resultado direto da falta de informação, pobreza e baixos padrões de saúde. À medida que o prevalemento de deficiências em termos do mundo em geral aumenta em número, particularmente nos países em desenvolvimento, deveria haver uma ação conjunta internacional em estreita colaboração com esforços nacionais, no sentido de se prevenir as causas de deficiências através da educação a qual, por, sua vez, reduziria a incidência e o prevalemento de deficiências, portanto, reduzindo ainda mais as demandas sobre os limitados recursos humanos e financeiros de dados países.
- **77.** Assistências técnica e internacional à educação especial derivam-se de variadas fontes. Portanto, torna-se essencial que se garanta coerência e complementaridade entre organizações do sistema das Nações Unidas e outras agências que prestam assistência nesta área.
- **78.** Cooperação internacional deveria fornecer apoio a seminários de treinamento avançado para administradores e outros especialistas em nível regional e reforçar a cooperação entre universidades e instituições de treinamento em países diferentes para a condução de estudos comparativos bem como para a publicação de referências documentárias e de materiais instrutivos.
- **79.** A Cooperação internacional deveria auxiliar no desenvolvimento de associações regionais e internacionais de profissionais envolvidos com o aperfeiçoamento da educação especial e deveria apoiar a criação e disseminação de folhetins e publicações, bem como a organização de conferências e encontros regionais.
- **80.** Encontros regionais e internacionais englobando questões relativas à educação deveriam garantir que necessidades educacionais especiais fossem incluídas como parte integrante do debate, e não somente como uma questão em separado. Como modo de exemplo concreto, a questão da educação especial deveria fazer parte da pauta de conferência ministeriais regionais organizadas pela UNESCO e por outras agências inter-governamentais.
- **81.** Cooperação internacional técnica e agências de financiamento envolvidas em iniciativas de apoio e desenvolvimento da Educação para Todos deveriam assegurar que a educação especial seja uma parte integrante de todos os projetos em desenvolvimento.
- **82.** Coordenação internacional deveria existir no sentido de apoiar especificações de acessibilidade universal da tecnologia da comunicação subjacente à estrutura emergente da informação.
- **83.** Esta Estrutura de Ação foi aprovada por aclamação após discussão e emenda na sessão Plenária da Conferência de 10 de junho de 1994. Ela tem o objetivo de guiar os Estados Membros e organizações governamentais e não-governamentais na implementação da Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Prática em Educação Especial.

Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências, A/RES/48/96, Resolução das Nações Unidas adotada em Assembleia Geral.

*Anexo C*  
*Constituição da República Portuguesa*

# *Constituição da República Portuguesa*

## **Preâmbulo**

■ A 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas, coroando a longa resistência do povo português e interpretando os seus sentimentos profundos, derrubou o regime fascista.

Libertar Portugal da ditadura, da opressão e do colonialismo representou uma transformação revolucionária e o início de uma viragem histórica da sociedade portuguesa.

A Revolução restituiu aos Portugueses os direitos e liberdades fundamentais. No exercício destes direitos e liberdades, os legítimos representantes do povo reúnem-se para elaborar uma Constituição que corresponde às aspirações do país.

A Assembleia Constituinte afirma a decisão do povo português de defender a independência nacional, de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos, de estabelecer os princípios basilares da democracia, de assegurar o primado do Estado de Direito democrático e de abrir caminho para uma sociedade socialista, no respeito da vontade do povo português, tendo em vista a construção de um país mais livre, mais justo e mais fraterno.

A Assembleia Constituinte, reunida na sessão plenária de 2 de Abril de 1976, aprova e decreta a seguinte Constituição da República Portuguesa:

## **Princípios fundamentais**

### **Artigo 1.º (República Portuguesa)**

Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

### **Artigo 2.º (Estado de direito democrático)**

A República Portuguesa é um Estado de direito democrático, baseado na soberania popular, no pluralismo de expressão e organização política democráticas, no respeito e na garantia de efectivação dos direitos e liberdades fundamentais e na separação e interdependência de poderes, visando a realização da democracia económica, social e cultural e o aprofundamento da democracia participativa.

### **Artigo 3.º (Soberania e legalidade)**

1. A soberania, una e indivisível, reside no povo, que a exerce segundo as formas previstas na Constituição.
2. O Estado subordina-se à Constituição e funda-se na legalidade democrática.
3. A validade das leis e dos demais actos do Estado, das regiões autónomas, do poder local e de quaisquer outras entidades públicas depende da sua conformidade com a Constituição.

**Artigo 4.º**  
**(Cidadania portuguesa)**

São cidadãos portugueses todos aqueles que como tal sejam considerados pela lei ou por convenção internacional.

**Artigo 5.º**  
**(Território)**

1. Portugal abrange o território historicamente definido no continente europeu e os arquipélagos dos Açores e da Madeira.
2. A lei define a extensão e o limite das águas territoriais, a zona económica exclusiva e os direitos de Portugal aos fundos marinhos contíguos.
3. O Estado não aliena qualquer parte do território português ou dos direitos de soberania que sobre ele exerce, sem prejuízo da rectificação de fronteiras.

**Artigo 6.º**  
**(Estado unitário)**

1. O Estado é unitário e respeita na sua organização e funcionamento o regime autonómico insular e os princípios da subsidiariedade, da autonomia das autarquias locais e da descentralização democrática da administração pública.
2. Os arquipélagos dos Açores e da Madeira constituem regiões autónomas dotadas de estatutos político-administrativos e de órgãos de governo próprio.

**Artigo 7.º**  
**(Relações internacionais)**

1. Portugal rege-se nas relações internacionais pelos princípios da independência nacional, do respeito dos direitos do homem, dos direitos dos povos, da igualdade entre os Estados, da solução pacífica dos conflitos internacionais, da não ingerência nos assuntos internos dos outros Estados e da cooperação com todos os outros povos para a emancipação e o progresso da humanidade.
2. Portugal preconiza a abolição do imperialismo, do colonialismo e de quaisquer outras formas de agressão, domínio e exploração nas relações entre os povos, bem como o desarmamento geral, simultâneo e controlado, a dissolução dos blocos político-militares e

o estabelecimento de um sistema de segurança colectiva, com vista à criação de uma ordem internacional capaz de assegurar a paz e a justiça nas relações entre os povos.

3. Portugal reconhece o direito dos povos à autodeterminação e independência e ao desenvolvimento, bem como o direito à insurreição contra todas as formas de opressão.

4. Portugal mantém laços privilegiados de amizade e cooperação com os países de língua portuguesa.

5. Portugal empenha-se no reforço da identidade europeia e no fortalecimento da acção dos Estados europeus a favor da democracia, da paz, do progresso económico e da justiça nas relações entre os povos.

6. Portugal pode, em condições de reciprocidade, com respeito pelos princípios fundamentais do Estado de direito democrático e pelo princípio da subsidiariedade e tendo em vista a realização da coesão económica, social e territorial, de um espaço de liberdade, segurança e justiça e a definição e execução de uma política externa, de segurança e de defesa comuns, convencionar o exercício, em comum, em cooperação ou pelas instituições da União, dos poderes necessários à construção e aprofundamento da união europeia.

7. Portugal pode, tendo em vista a realização de uma justiça internacional que promova o respeito pelos direitos da pessoa humana e dos povos, aceitar a jurisdição do Tribunal Penal Internacional, nas condições de complementaridade e demais termos estabelecidos no Estatuto de Roma.

### **Artigo 8.º** **(Direito internacional)**

1. As normas e os princípios de direito internacional geral ou comum fazem parte integrante do direito português.

2. As normas constantes de convenções internacionais regularmente ratificadas ou aprovadas vigoram na ordem interna após a sua publicação oficial e enquanto vincularem internacionalmente o Estado Português.

3. As normas emanadas dos órgãos competentes das organizações internacionais de que Portugal seja parte vigoram directamente na ordem interna, desde que tal se encontre estabelecido nos respectivos tratados constitutivos.

4. As disposições dos tratados que regem a União Europeia e as normas emanadas das suas instituições, no exercício das respectivas competências, são aplicáveis na ordem interna, nos termos definidos pelo direito da União, com respeito pelos princípios fundamentais do Estado de direito democrático.

### **Artigo 9.º** **(Tarefas fundamentais do Estado)**

São tarefas fundamentais do Estado:

- a) Garantir a independência nacional e criar as condições políticas, económicas, sociais e culturais que a promovam;
- b) Garantir os direitos e liberdades fundamentais e o respeito pelos princípios do Estado de direito democrático;
- c) Defender a democracia política, assegurar e incentivar a participação democrática dos cidadãos na resolução dos problemas nacionais;
- d) Promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses, bem como a efectivação dos direitos económicos, sociais, culturais e ambientais, mediante a transformação e modernização das estruturas económicas e sociais;
- e) Proteger e valorizar o património cultural do povo português, defender a natureza e o ambiente, preservar os recursos naturais e assegurar um correcto ordenamento do território;
- f) Assegurar o ensino e a valorização permanente, defender o uso e promover a difusão internacional da língua portuguesa;
- g) Promover o desenvolvimento harmonioso de todo o território nacional, tendo em conta, designadamente, o carácter ultraperiférico dos arquipélagos dos Açores e da Madeira;
- h) Promover a igualdade entre homens e mulheres.

#### **Artigo 10.º**

##### **(Sufrágio universal e partidos políticos)**

1. O povo exerce o poder político através do sufrágio universal, igual, directo, secreto e periódico, do referendo e das demais formas previstas na Constituição.
2. Os partidos políticos concorrem para a organização e para a expressão da vontade popular, no respeito pelos princípios da independência nacional, da unidade do Estado e da democracia política.

#### **Artigo 11.º**

##### **(Símbolos nacionais e língua oficial)**

1. A Bandeira Nacional, símbolo da soberania da República, da independência, unidade e integridade de Portugal, é a adoptada pela República instaurada pela Revolução de 5 de Outubro de 1910.
2. O Hino Nacional é A Portuguesa.
3. A língua oficial é o Português.

## **PARTE I**

### **Direitos e deveres fundamentais**

#### **TÍTULO I**

#### **Princípios gerais**

##### **Artigo 12.º**

##### **(Princípio da universalidade)**

1. Todos os cidadãos gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição.
2. As pessoas colectivas gozam dos direitos e estão sujeitas aos deveres compatíveis com a sua natureza.

##### **Artigo 13.º**

##### **(Princípio da igualdade)**

1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.
2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.

##### **Artigo 14.º**

##### **(Portugueses no estrangeiro)**

Os cidadãos portugueses que se encontrem ou residam no estrangeiro gozam da protecção do Estado para o exercício dos direitos e estão sujeitos aos deveres que não sejam incompatíveis com a ausência do país.

##### **Artigo 15.º**

##### **(Estrangeiros, apátridas, cidadãos europeus)**

1. Os estrangeiros e os apátridas que se encontrem ou residam em Portugal gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres do cidadão português.
2. Exceptuam-se do disposto no número anterior os direitos políticos, o exercício das funções públicas que não tenham carácter predominantemente técnico e os direitos e deveres reservados pela Constituição e pela lei exclusivamente aos cidadãos portugueses.
3. Aos cidadãos dos Estados de língua portuguesa com residência permanente em Portugal são reconhecidos, nos termos da lei e em condições de reciprocidade, direitos não conferidos a estrangeiros, salvo o acesso aos cargos de Presidente da República, Presidente da Assembleia da República, Primeiro-Ministro, Presidentes dos tribunais supremos e o serviço nas Forças Armadas e na carreira diplomática.

4. A lei pode atribuir a estrangeiros residentes no território nacional, em condições de reciprocidade, capacidade eleitoral activa e passiva para a eleição dos titulares de órgãos de autarquias locais .

5. A lei pode ainda atribuir, em condições de reciprocidade, aos cidadãos dos Estados-membros da União Europeia residentes em Portugal o direito de elegerem e serem eleitos Deputados ao Parlamento Europeu.

#### **Artigo 16.º**

##### **(Âmbito e sentido dos direitos fundamentais)**

1. Os direitos fundamentais consagrados na Constituição não excluem quaisquer outros constantes das leis e das regras aplicáveis de direito internacional.

2. Os preceitos constitucionais e legais relativos aos direitos fundamentais devem ser interpretados e integrados de harmonia com a Declaração Universal dos Direitos do Homem.

#### **Artigo 17.º**

##### **(Regime dos direitos, liberdades e garantias)**

O regime dos direitos, liberdades e garantias aplica-se aos enunciados no título II e aos direitos fundamentais de natureza análoga.

#### **Artigo 18.º**

##### **(Força jurídica)**

1. Os preceitos constitucionais respeitantes aos direitos, liberdades e garantias são directamente aplicáveis e vinculam as entidades públicas e privadas.

2. A lei só pode restringir os direitos, liberdades e garantias nos casos expressamente previstos na Constituição, devendo as restrições limitar-se ao necessário para salvaguardar outros direitos ou interesses constitucionalmente protegidos.

3. As leis restritivas de direitos, liberdades e garantias têm de revestir carácter geral e abstracto e não podem ter efeito retroactivo nem diminuir a extensão e o alcance do conteúdo essencial dos preceitos constitucionais.

#### **Artigo 19.º**

##### **(Suspensão do exercício de direitos)**

1. Os órgãos de soberania não podem, conjunta ou separadamente, suspender o exercício dos direitos, liberdades e garantias, salvo em caso de estado de sítio ou de estado de emergência, declarados na forma prevista na Constituição.

2. O estado de sítio ou o estado de emergência só podem ser declarados, no todo ou em parte do território nacional, nos casos de agressão efectiva ou iminente por forças estrangeiras, de grave ameaça ou perturbação da ordem constitucional democrática ou de calamidade pública.

3. O estado de emergência é declarado quando os pressupostos referidos no número anterior se revistam de menor gravidade e apenas pode determinar a suspensão de alguns dos direitos, liberdades e garantias susceptíveis de serem suspensos.
4. A opção pelo estado de sítio ou pelo estado de emergência, bem como as respectivas declaração e execução, devem respeitar o princípio da proporcionalidade e limitar-se, nomeadamente quanto às suas extensão e duração e aos meios utilizados, ao estritamente necessário ao pronto restabelecimento da normalidade constitucional.
5. A declaração do estado de sítio ou do estado de emergência é adequadamente fundamentada e contém a especificação dos direitos, liberdades e garantias cujo exercício fica suspenso, não podendo o estado declarado ter duração superior a quinze dias, ou à duração fixada por lei quando em consequência de declaração de guerra, sem prejuízo de eventuais renovações, com salvaguarda dos mesmos limites.
6. A declaração do estado de sítio ou do estado de emergência em nenhum caso pode afectar os direitos à vida, à integridade pessoal, à identidade pessoal, à capacidade civil e à cidadania, a não retroactividade da lei criminal, o direito de defesa dos arguidos e a liberdade de consciência e de religião.
7. A declaração do estado de sítio ou do estado de emergência só pode alterar a normalidade constitucional nos termos previstos na Constituição e na lei, não podendo nomeadamente afectar a aplicação das regras constitucionais relativas à competência e ao funcionamento dos órgãos de soberania e de governo próprio das regiões autónomas ou os direitos e imunidades dos respectivos titulares.
8. A declaração do estado de sítio ou do estado de emergência confere às autoridades competência para tomarem as providências necessárias e adequadas ao pronto restabelecimento da normalidade constitucional.

### **Artigo 20.º**

#### **(Acesso ao direito e tutela jurisdicional efectiva)**

1. A todos é assegurado o acesso ao direito e aos tribunais para defesa dos seus direitos e interesses legalmente protegidos, não podendo a justiça ser denegada por insuficiência de meios económicos.
2. Todos têm direito, nos termos da lei, à informação e consulta jurídicas, ao patrocínio judiciário e a fazer-se acompanhar por advogado perante qualquer autoridade.
3. A lei define e assegura a adequada protecção do segredo de justiça.
4. Todos têm direito a que uma causa em que intervenham seja objecto de decisão em prazo razoável e mediante processo equitativo.
5. Para defesa dos direitos, liberdades e garantias pessoais, a lei assegura aos cidadãos procedimentos judiciais caracterizados pela celeridade e prioridade, de modo a obter tutela efectiva e em tempo útil contra ameaças ou violações desses direitos.

**Artigo 21.º**  
**(Direito de resistência)**

Todos têm o direito de resistir a qualquer ordem que ofenda os seus direitos, liberdades e garantias e de repelir pela força qualquer agressão, quando não seja possível recorrer à autoridade pública.

**Artigo 22.º**  
**(Responsabilidade das entidades públicas)**

O Estado e as demais entidades públicas são civilmente responsáveis, em forma solidária com os titulares dos seus órgãos, funcionários ou agentes, por acções ou omissões praticadas no exercício das suas funções e por causa desse exercício, de que resulte violação dos direitos, liberdades e garantias ou prejuízo para outrem.

**Artigo 23.º**  
**(Provedor de Justiça)**

1. Os cidadãos podem apresentar queixas por acções ou omissões dos poderes públicos ao Provedor de Justiça, que as apreciará sem poder decisório, dirigindo aos órgãos competentes as recomendações necessárias para prevenir e reparar injustiças.
2. A actividade do Provedor de Justiça é independente dos meios gratuitos e contenciosos previstos na Constituição e nas leis.
3. O Provedor de Justiça é um órgão independente, sendo o seu titular designado pela Assembleia da República, pelo tempo que a lei determinar.
4. Os órgãos e agentes da Administração Pública cooperam com o Provedor de Justiça na realização da sua missão.

**TÍTULO II**  
**Direitos, liberdades e garantias**

**CAPÍTULO I**  
**Direitos, liberdades e garantias pessoais**

**Artigo 24.º**  
**(Direito à vida)**

1. A vida humana é inviolável.
2. Em caso algum haverá pena de morte.

**Artigo 25.º**  
**(Direito à integridade pessoal)**

1. A integridade moral e física das pessoas é inviolável.

2. Ninguém pode ser submetido a tortura, nem a tratos ou penas cruéis, degradantes ou desumanos.

**Artigo 26.º**  
**(Outros direitos pessoais)**

1. A todos são reconhecidos os direitos à identidade pessoal, ao desenvolvimento da personalidade, à capacidade civil, à cidadania, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra, à reserva da intimidade da vida privada e familiar e à protecção legal contra quaisquer formas de discriminação.

2. A lei estabelecerá garantias efectivas contra a obtenção e utilização abusivas, ou contrárias à dignidade humana, de informações relativas às pessoas e famílias.

3. A lei garantirá a dignidade pessoal e a identidade genética do ser humano, nomeadamente na criação, desenvolvimento e utilização das tecnologias e na experimentação científica.

4. A privação da cidadania e as restrições à capacidade civil só podem efectuar-se nos casos e termos previstos na lei, não podendo ter como fundamento motivos políticos.

**Artigo 27.º**  
**(Direito à liberdade e à segurança)**

1. Todos têm direito à liberdade e à segurança.

2. Ninguém pode ser total ou parcialmente privado da liberdade, a não ser em consequência de sentença judicial condenatória pela prática de acto punido por lei com pena de prisão ou de aplicação judicial de medida de segurança.

3. Exceptua-se deste princípio a privação da liberdade, pelo tempo e nas condições que a lei determinar, nos casos seguintes:

a) Detenção em flagrante delito;

b) Detenção ou prisão preventiva por fortes indícios de prática de crime doloso a que corresponda pena de prisão cujo limite máximo seja superior a três anos;

c) Prisão, detenção ou outra medida coactiva sujeita a controlo judicial, de pessoa que tenha penetrado ou permaneça irregularmente no território nacional ou contra a qual esteja em curso processo de extradição ou de expulsão;

d) Prisão disciplinar imposta a militares, com garantia de recurso para o tribunal competente;

e) Sujeição de um menor a medidas de protecção, assistência ou educação em estabelecimento adequado, decretadas pelo tribunal judicial competente;

**f)** Detenção por decisão judicial em virtude de desobediência a decisão tomada por um tribunal ou para assegurar a comparência perante autoridade judiciária competente;

**g)** Detenção de suspeitos, para efeitos de identificação, nos casos e pelo tempo estritamente necessários;

**h)** Internamento de portador de anomalia psíquica em estabelecimento terapêutico adequado, decretado ou confirmado por autoridade judicial competente.

**4.** Toda a pessoa privada da liberdade deve ser informada imediatamente e de forma compreensível das razões da sua prisão ou detenção e dos seus direitos.

**5.** A privação da liberdade contra o disposto na Constituição e na lei constitui o Estado no dever de indemnizar o lesado nos termos que a lei estabelecer.

### **Artigo 28.º** **(Prisão preventiva)**

**1.** A detenção será submetida, no prazo máximo de quarenta e oito horas, a apreciação judicial, para restituição à liberdade ou imposição de medida de coacção adequada, devendo o juiz conhecer das causas que a determinaram e comunicá-las ao detido, interrogá-lo e dar-lhe oportunidade de defesa.

**2.** A prisão preventiva tem natureza excepcional, não sendo decretada nem mantida sempre que possa ser aplicada caução ou outra medida mais favorável prevista na lei.

**3.** A decisão judicial que ordene ou mantenha uma medida de privação da liberdade deve ser logo comunicada a parente ou pessoa da confiança do detido, por este indicados.

**4.** A prisão preventiva está sujeita aos prazos estabelecidos na lei.

### **Artigo 29.º** **(Aplicação da lei criminal)**

**1.** Ninguém pode ser sentenciado criminalmente senão em virtude de lei anterior que declare punível a acção ou a omissão, nem sofrer medida de segurança cujos pressupostos não estejam fixados em lei anterior.

**2.** O disposto no número anterior não impede a punição, nos limites da lei interna, por acção ou omissão que no momento da sua prática seja considerada criminosa segundo os princípios gerais de direito internacional comumente reconhecidos.

**3.** Não podem ser aplicadas penas ou medidas de segurança que não estejam expressamente cominadas em lei anterior.

**4.** Ninguém pode sofrer pena ou medida de segurança mais graves do que as previstas no momento da correspondente conduta ou da verificação dos respectivos pressupostos, aplicando-se retroactivamente as leis penais de conteúdo mais favorável ao arguido.

5. Ninguém pode ser julgado mais do que uma vez pela prática do mesmo crime.
6. Os cidadãos injustamente condenados têm direito, nas condições que a lei prescrever, à revisão da sentença e à indemnização pelos danos sofridos.

#### **Artigo 30.º**

##### **(Limites das penas e das medidas de segurança)**

1. Não pode haver penas nem medidas de segurança privativas ou restritivas da liberdade com carácter perpétuo ou de duração ilimitada ou indefinida.
2. Em caso de perigosidade baseada em grave anomalia psíquica, e na impossibilidade de terapêutica em meio aberto, poderão as medidas de segurança privativas ou restritivas da liberdade ser prorrogadas sucessivamente enquanto tal estado se mantiver, mas sempre mediante decisão judicial.
3. A responsabilidade penal é insusceptível de transmissão.
4. Nenhuma pena envolve como efeito necessário a perda de quaisquer direitos civis, profissionais ou políticos.
5. Os condenados a quem sejam aplicadas pena ou medida de segurança privativas da liberdade mantêm a titularidade dos direitos fundamentais, salvas as limitações inerentes ao sentido da condenação e às exigências próprias da respectiva execução.

#### **Artigo 31.º**

##### **(Habeas corpus)**

1. Haverá *habeas corpus* contra o abuso de poder, por virtude de prisão ou detenção ilegal, a requerer perante o tribunal competente.
2. A providência de *habeas corpus* pode ser requerida pelo próprio ou por qualquer cidadão no gozo dos seus direitos políticos.
3. O juiz decidirá no prazo de oito dias o pedido de *habeas corpus* em audiência contraditória.

#### **Artigo 32.º**

##### **(Garantias de processo criminal)**

1. O processo criminal assegura todas as garantias de defesa, incluindo o recurso.
2. Todo o arguido se presume inocente até ao trânsito em julgado da sentença de condenação, devendo ser julgado no mais curto prazo compatível com as garantias de defesa.
3. O arguido tem direito a escolher defensor e a ser por ele assistido em todos os actos do processo, especificando a lei os casos e as fases em que a assistência por advogado é obrigatória.

4. Toda a instrução é da competência de um juiz, o qual pode, nos termos da lei, delegar noutras entidades a prática dos actos instrutórios que se não prendam directamente com os direitos fundamentais.
5. O processo criminal tem estrutura acusatória, estando a audiência de julgamento e os actos instrutórios que a lei determinar subordinados ao princípio do contraditório.
6. A lei define os casos em que, assegurados os direitos de defesa, pode ser dispensada a presença do arguido ou acusado em actos processuais, incluindo a audiência de julgamento.
7. O ofendido tem o direito de intervir no processo, nos termos da lei.
8. São nulas todas as provas obtidas mediante tortura, coacção, ofensa da integridade física ou moral da pessoa, abusiva intromissão na vida privada, no domicílio, na correspondência ou nas telecomunicações.
9. Nenhuma causa pode ser subtraída ao tribunal cuja competência esteja fixada em lei anterior.
10. Nos processos de contra-ordenação, bem como em quaisquer processos sancionatórios, são assegurados ao arguido os direitos de audiência e defesa.

### **Artigo 33.º**

#### **(Expulsão, extradição e direito de asilo)**

1. Não é admitida a expulsão de cidadãos portugueses do território nacional.
2. A expulsão de quem tenha entrado ou permaneça regularmente no território nacional, de quem tenha obtido autorização de residência, ou de quem tenha apresentado pedido de asilo não recusado só pode ser determinada por autoridade judicial, assegurando a lei formas expeditas de decisão.
3. A extradição de cidadãos portugueses do território nacional só é admitida, em condições de reciprocidade estabelecidas em convenção internacional, nos casos de terrorismo e de criminalidade internacional organizada, e desde que a ordem jurídica do Estado requisitante consagre garantias de um processo justo e equitativo.
4. Só é admitida a extradição por crimes a que corresponda, segundo o direito do Estado requisitante, pena ou medida de segurança privativa ou restritiva da liberdade com carácter perpétuo ou de duração indefinida, se, nesse domínio, o Estado requisitante for parte de convenção internacional a que Portugal esteja vinculado e oferecer garantias de que tal pena ou medida de segurança não será aplicada ou executada.
5. O disposto nos números anteriores não prejudica a aplicação das normas de cooperação judiciária penal estabelecidas no âmbito da União Europeia.
6. Não é admitida a extradição, nem a entrega a qualquer título, por motivos políticos ou por crimes a que corresponda, segundo o direito do Estado requisitante, pena de morte ou outra de que resulte lesão irreversível da integridade física.

7. A extradição só pode ser determinada por autoridade judicial.
8. É garantido o direito de asilo aos estrangeiros e aos apátridas perseguidos ou gravemente ameaçados de perseguição, em consequência da sua actividade em favor da democracia, da libertação social e nacional, da paz entre os povos, da liberdade e dos direitos da pessoa humana.
9. A lei define o estatuto do refugiado político.

**Artigo 34.º**  
**(Inviolabilidade do domicílio e da correspondência)**

1. O domicílio e o sigilo da correspondência e dos outros meios de comunicação privada são invioláveis.
2. A entrada no domicílio dos cidadãos contra a sua vontade só pode ser ordenada pela autoridade judicial competente, nos casos e segundo as formas previstos na lei.
3. Ninguém pode entrar durante a noite no domicílio de qualquer pessoa sem o seu consentimento, salvo em situação de flagrante delito ou mediante autorização judicial em casos de criminalidade especialmente violenta ou altamente organizada, incluindo o terrorismo e o tráfico de pessoas, de armas e de estupefacientes, nos termos previstos na lei.
4. É proibida toda a ingerência das autoridades públicas na correspondência, nas telecomunicações e nos demais meios de comunicação, salvos os casos previstos na lei em matéria de processo criminal.

**Artigo 35.º**  
**(Utilização da informática)**

1. Todos os cidadãos têm o direito de acesso aos dados informatizados que lhes digam respeito, podendo exigir a sua rectificação e actualização, e o direito de conhecer a finalidade a que se destinam, nos termos da lei.
2. A lei define o conceito de dados pessoais, bem como as condições aplicáveis ao seu tratamento automatizado, conexão, transmissão e utilização, e garante a sua protecção, designadamente através de entidade administrativa independente.
3. A informática não pode ser utilizada para tratamento de dados referentes a convicções filosóficas ou políticas, filiação partidária ou sindical, fé religiosa, vida privada e origem étnica, salvo mediante consentimento expresso do titular, autorização prevista por lei com garantias de não discriminação ou para processamento de dados estatísticos não individualmente identificáveis.
4. É proibido o acesso a dados pessoais de terceiros, salvo em casos excepcionais previstos na lei.
5. É proibida a atribuição de um número nacional único aos cidadãos.

6. A todos é garantido livre acesso às redes informáticas de uso público, definindo a lei o regime aplicável aos fluxos de dados transfronteiras e as formas adequadas de protecção de dados pessoais e de outros cuja salvaguarda se justifique por razões de interesse nacional.

7. Os dados pessoais constantes de ficheiros manuais gozam de protecção idêntica à prevista nos números anteriores, nos termos da lei.

### **Artigo 36.º** **(Família, casamento e filiação)**

1. Todos têm o direito de constituir família e de contrair casamento em condições de plena igualdade.

2. A lei regula os requisitos e os efeitos do casamento e da sua dissolução, por morte ou divórcio, independentemente da forma de celebração.

3. Os cônjuges têm iguais direitos e deveres quanto à capacidade civil e política e à manutenção e educação dos filhos.

4. Os filhos nascidos fora do casamento não podem, por esse motivo, ser objecto de qualquer discriminação e a lei ou as repartições oficiais não podem usar designações discriminatórias relativas à filiação.

5. Os pais têm o direito e o dever de educação e manutenção dos filhos.

6. Os filhos não podem ser separados dos pais, salvo quando estes não cumparam os seus deveres fundamentais para com eles e sempre mediante decisão judicial.

7. A adopção é regulada e protegida nos termos da lei, a qual deve estabelecer formas céleres para a respectiva tramitação.

### **Artigo 37.º** **(Liberdade de expressão e informação)**

1. Todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de informar, de se informar e de ser informados, sem impedimentos nem discriminações.

2. O exercício destes direitos não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo ou forma de censura.

3. As infracções cometidas no exercício destes direitos ficam submetidas aos princípios gerais de direito criminal ou do ilícito de mera ordenação social, sendo a sua apreciação respectivamente da competência dos tribunais judiciais ou de entidade administrativa independente, nos termos da lei.

4. A todas as pessoas, singulares ou colectivas, é assegurado, em condições de igualdade e eficácia, o direito de resposta e de rectificação, bem como o direito a indemnização pelos danos sofridos.

### **Artigo 38.º**

#### **(Liberdade de imprensa e meios de comunicação social)**

1. É garantida a liberdade de imprensa.
2. A liberdade de imprensa implica:
  - a) A liberdade de expressão e criação dos jornalistas e colaboradores, bem como a intervenção dos primeiros na orientação editorial dos respectivos órgãos de comunicação social, salvo quando tiverem natureza doutrinária ou confessional;
  - b) O direito dos jornalistas, nos termos da lei, ao acesso às fontes de informação e à protecção da independência e do sigilo profissionais, bem como o direito de elegerem conselhos de redacção;
  - c) O direito de fundação de jornais e de quaisquer outras publicações, independentemente de autorização administrativa, caução ou habilitação prévias.
3. A lei assegura, com carácter genérico, a divulgação da titularidade e dos meios de financiamento dos órgãos de comunicação social.
4. O Estado assegura a liberdade e a independência dos órgãos de comunicação social perante o poder político e o poder económico, impondo o princípio da especialidade das empresas titulares de órgãos de informação geral, tratando-as e apoiando-as de forma não discriminatória e impedindo a sua concentração, designadamente através de participações múltiplas ou cruzadas.
5. O Estado assegura a existência e o funcionamento de um serviço público de rádio e de televisão.
6. A estrutura e o funcionamento dos meios de comunicação social do sector público devem salvaguardar a sua independência perante o Governo, a Administração e os demais poderes públicos, bem como assegurar a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião.
7. As estações emissoras de radiodifusão e de radiotelevisão só podem funcionar mediante licença, a conferir por concurso público, nos termos da lei.

### **Artigo 39.º**

#### **(Regulação da comunicação social)**

1. Cabe a uma entidade administrativa independente assegurar nos meios de comunicação social:
  - a) O direito à informação e a liberdade de imprensa;
  - b) A não concentração da titularidade dos meios de comunicação social;

- c) A independência perante o poder político e o poder económico;
- d) O respeito pelos direitos, liberdades e garantias pessoais;
- e) O respeito pelas normas reguladoras das actividades de comunicação social;
- f) A possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião;
- g) O exercício dos direitos de antena, de resposta e de réplica política.

2. A lei define a composição, as competências, a organização e o funcionamento da entidade referida no número anterior, bem como o estatuto dos respectivos membros, designados pela Assembleia da República e por cooptação destes.

#### **Artigo 40.º**

##### **(Direitos de antena, de resposta e de réplica política)**

1. Os partidos políticos e as organizações sindicais, profissionais e representativas das actividades económicas, bem como outras organizações sociais de âmbito nacional, têm direito, de acordo com a sua relevância e representatividade e segundo critérios objectivos a definir por lei, a tempos de antena no serviço público de rádio e de televisão.
2. Os partidos políticos representados na Assembleia da República, e que não façam parte do Governo, têm direito, nos termos da lei, a tempos de antena no serviço público de rádio e televisão, a ratear de acordo com a sua representatividade, bem como o direito de resposta ou de réplica política às declarações políticas do Governo, de duração e relevo iguais aos dos tempos de antena e das declarações do Governo, de iguais direitos gozando, no âmbito da respectiva região, os partidos representados nas Assembleias Legislativas das regiões autónomas.
3. Nos períodos eleitorais os concorrentes têm direito a tempos de antena, regulares e equitativos, nas estações emissoras de rádio e de televisão de âmbito nacional e regional, nos termos da lei.

#### **Artigo 41.º**

##### **(Liberdade de consciência, de religião e de culto)**

1. A liberdade de consciência, de religião e de culto é inviolável.
2. Ninguém pode ser perseguido, privado de direitos ou isento de obrigações ou deveres cívicos por causa das suas convicções ou prática religiosa.
3. Ninguém pode ser perguntado por qualquer autoridade acerca das suas convicções ou prática religiosa, salvo para recolha de dados estatísticos não individualmente identificáveis, nem ser prejudicado por se recusar a responder.

4. As igrejas e outras comunidades religiosas estão separadas do Estado e são livres na sua organização e no exercício das suas funções e do culto.
5. É garantida a liberdade de ensino de qualquer religião praticado no âmbito da respectiva confissão, bem como a utilização de meios de comunicação social próprios para o prosseguimento das suas actividades.
6. É garantido o direito à objecção de consciência, nos termos da lei.

**Artigo 42.º**  
**(Liberdade de criação cultural)**

1. É livre a criação intelectual, artística e científica.
2. Esta liberdade compreende o direito à invenção, produção e divulgação da obra científica, literária ou artística, incluindo a protecção legal dos direitos de autor.

**Artigo 43.º**  
**(Liberdade de aprender e ensinar)**

1. É garantida a liberdade de aprender e ensinar.
2. O Estado não pode programar a educação e a cultura segundo quaisquer directrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas.
3. O ensino público não será confessional.
4. É garantido o direito de criação de escolas particulares e cooperativas.

**Artigo 44.º**  
**(Direito de deslocação e de emigração)**

1. A todos os cidadãos é garantido o direito de se deslocarem e fixarem livremente em qualquer parte do território nacional.
2. A todos é garantido o direito de emigrar ou de sair do território nacional e o direito de regressar.

**Artigo 45.º**  
**(Direito de reunião e de manifestação)**

1. Os cidadãos têm o direito de se reunir, pacificamente e sem armas, mesmo em lugares abertos ao público, sem necessidade de qualquer autorização.
2. A todos os cidadãos é reconhecido o direito de manifestação.

**Artigo 46.º**  
**(Liberdade de associação)**

1. Os cidadãos têm o direito de, livremente e sem dependência de qualquer autorização, constituir associações, desde que estas não se destinem a promover a violência e os respectivos fins não sejam contrários à lei penal.
2. As associações prosseguem livremente os seus fins sem interferência das autoridades públicas e não podem ser dissolvidas pelo Estado ou suspensas as suas actividades senão nos casos previstos na lei e mediante decisão judicial.
3. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação nem coagido por qualquer meio a permanecer nela.
4. Não são consentidas associações armadas nem de tipo militar, militarizadas ou paramilitares, nem organizações racistas ou que perfilhem a ideologia fascista.

**Artigo 47.º**  
**(Liberdade de escolha de profissão e acesso à função pública)**

1. Todos têm o direito de escolher livremente a profissão ou o género de trabalho, salvas as restrições legais impostas pelo interesse colectivo ou inerentes à sua própria capacidade.
2. Todos os cidadãos têm o direito de acesso à função pública, em condições de igualdade e liberdade, em regra por via de concurso.

(...)

***Anexo D***

***Estatutos da InPulsar  
Associação para o Desenvolvimento  
Comunitário***

6-1-2010

## Constituição de Associação

Primeiro: \_\_\_\_\_, solteiro, maior,  
natural da freguesia de \_\_\_\_\_, concelho de \_\_\_\_\_, residente em \_\_\_\_\_  
contribuinte n.º \_\_\_\_\_

Segundo: \_\_\_\_\_, solteiro, maior, natural da  
freguesia de \_\_\_\_\_, residente em \_\_\_\_\_  
contribuinte n.º \_\_\_\_\_

Que constituem uma Associação que se regerá pelo disposto nos artigos seguintes:

### CAPITULO I

#### Da denominação, sede, âmbito de acção e fins

##### Artigo 1.º

Denominação, sede e âmbito de acção

1. A Associação INPULSAR - ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO é uma instituição particular de solidariedade social, com sede em Rua Machado dos Santos, Número 43, 1.º Esqº, Leiria, freguesia de Leiria, concelho de Leiria, distrito de Leiria, e o seu âmbito de acção é regional.
2. A associação tem o número de pessoa colectiva \_\_\_\_\_ e o número de identificação na segurança social \_\_\_\_\_

##### Artigo 2.º

Objectivos

A Associação INPULSAR - ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO tem por objectivos principais:

67/2  
af 2016  
T

- a) Apoio a crianças e jovens;
- b) Apoio à família;
- c) Apoio à integração social e comunitária.

Secundariamente, a associação propõe-se desenvolver os seguintes objectivos:

- a) Protecção dos cidadãos na velhice e invalidez e em todas as situações de falta ou diminuição de meios de subsistência ou de capacidade para o trabalho.

### **Artigo 3.º** Actividades

Para a realização dos seus objectivos principais a associação propõe-se criar e manter as seguintes actividades:

- a) Centro de actividades de tempos livres;
- b) Centro de apoio familiar e aconselhamento parental;
- c) Intervenção precoce;
- d) Equipa de rua de apoio a crianças e jovens;
- e) Centro de atendimento/accompanhamento psicossocial;
- f) Centro de férias e lazer;
- g) Acompanhamento social;
- h) Ajuda alimentar;
- i) Equipa de rua para pessoas sem abrigo;
- j) Equipa de intervenção directa.

Para a realização dos seus objectivos secundários a associação propõe-se desenvolver e criar:

- a) Centro de actividades ocupacionais;
- b) Ajuda alimentar;
- c) Equipa de rua para pessoas sem abrigo;
- d) Equipa de intervenção directa.

### **Artigo 4.º** Organização e funcionamento das actividades

3  
G. Soares T

*A organização e funcionamento dos diversos sectores de actividades constarão de regulamentos internos elaborados pela direcção.*

#### **Artigo 5.º**

##### **Da prestação dos serviços**

Os serviços prestados pela instituição serão remunerados de acordo com a situação económico-financeira dos utentes.

## **CAPITULO II DOS ASSOCIADOS**

#### **Artigo 6.º**

##### **Qualidade de associado**

Podem ser associados pessoas singulares e pessoas colectivas que se proponham contribuir para a realização dos fins da Associação mediante o pagamento de quotas ou a prestação de serviços.

#### **Artigo 7.º**

##### **Direitos dos associados**

São direitos dos associados:

- a) Participar nas reuniões da assembleia geral;
- b) Eleger e ser eleito para os cargos sociais;
- c) Requerer a convocação da assembleia geral extraordinária, nos termos do art.º 21.º;
- d) Examinar os livros, relatórios e contas e demais documentos, desde que o requeriram por escrito com a antecedência mínima de 30 dia(s).

#### **Artigo 8.º**

##### **Deveres dos associados**

São deveres dos associados:

- a) Pagar pontualmente as suas quotas tratando-se de associados efectivos;
- b) Comparecer às reuniões da assembleia geral;

4  
P

- c) Observar as disposições estatutárias e regulamentares e as deliberações dos corpos gerentes;
- d) Desempenhar com zelo, dedicação e eficiência os cargos para que forem eleitos.

### **Artigo 9.º**

#### **Sanções por violação dos deveres de associados**

- 1. Os sócios que violarem os deveres estabelecidos no artigo 8.º ficam sujeitos às seguintes sanções:
  - a) Repreensão;
  - b) Suspensão de direitos;
  - c) Demissão.
- 2. A competência para a aplicação das sanções previstas no número 1 constará de regulamento interno.

### **Artigo 10.º**

#### **Condições de exercício dos direitos dos associados**

- 1. Os associados efectivos só podem exercer os direitos referidos no artigo 7º, se tiverem em dia o pagamento das suas quotas
- 2. Não são elegíveis para os corpos gerentes os associados que, mediante processo judicial, tenham sido removidos dos cargos directivos da associação ou de outra instituição particular de solidariedade social, ou tenham sido declarados responsáveis por irregularidades cometidas no exercício das suas funções.

### **Artigo 11.º**

#### **Intransmissibilidade do direito de associado**

A qualidade de associado não é transmissível, quer por acto entre vivos quer por sucessão.

### **Artigo 12.º**

#### **Condições de exclusão de associado**

- 1. Perdem a qualidade de associado:
  - a) Os que pedirem a sua exoneração;
  - b) Os que deixarem de pagar as suas quotas durante 24 mês(es);

*c) Os que forem demitidos nos termos da alínea c) do artigo 9º.*

2. O associado que por qualquer forma deixar de pertencer à associação não tem direito a reaver as quotizações que haja pago, sem prejuízo da sua responsabilidade por todas as prestações relativas ao tempo em que foi membro da associação

### **CAPITULO III DOS CORPOS GERENTES**

#### **Secção I Disposições gerais**

#### **Artigo 13.º Órgãos da associação**

São órgãos da associação a assembleia geral, a direcção e o conselho fiscal.

#### **Artigo 14.º Condições de exercício dos cargos**

O exercício de qualquer cargo nos corpos gerentes é gratuito, mas pode justificar o pagamento de despesas dele derivadas, desde que as mesmas se justifiquem e sejam aprovadas em assembleia geral.

#### **Artigo 15.º Do mandato dos corpos gerentes**

1. A duração do mandato dos corpos gerentes não pode ser superior a três anos e inicia-se com a tomada de posse dos seus membros, perante o presidente da mesa da assembleia geral ou o seu substituto, que terá lugar na primeira quinzena do ano civil imediato ao das eleições.
2. Quando as eleições não sejam realizadas atempadamente considera-se prorrogado o mandato em curso até à posse dos novos corpos gerentes.
3. Em caso de vacatura da maioria dos lugares de cada órgão social, deverão realizar-se eleições parciais para o preenchimento das vagas verificadas, no prazo

6  
D. G. P.

máximo de um mês, e a posse deverá ter lugar nos 30 dias seguintes à eleição.

4. Os membros dos corpos gerentes só podem ser eleitos consecutivamente para dois mandatos para qualquer órgão da associação, salvo se a assembleia geral reconhecer expressamente que é impossível proceder à sua substituição, e não podem desempenhar mais de um cargo na mesma instituição.

#### **Artigo 16.º**

##### **Responsabilidade civil e criminal dos corpos gerentes**

1. Os membros dos corpos gerentes são responsáveis civil e criminalmente pelas faltas ou irregularidades cometidas no exercício do seu mandato.

2. *Além dos motivos previstos na lei, os membros dos corpos gerentes ficam exonerados de responsabilidade se:*

- a) Não tiverem tomado parte na respectiva resolução e a reprovarem com declaração na acta da sessão imediata em que se encontrem presentes;
- b) Tiverem votado contra essa resolução e o fizerem consignar na acta respectiva.

#### **Artigo 17.º**

##### **Incompatibilidade dos corpos gerentes**

Os membros dos corpos gerentes não poderão votar em assuntos que directamente lhes digam respeito, ou nos quais sejam interessados os respectivos cônjuges, ascendentes, descendentes e equiparados, e, não podem contratar directa ou indirectamente com a associação, salvo se do contrato resultar manifesto benefício para a instituição.

#### **Artigo 18.º**

##### **Das reuniões dos corpos gerentes**

Das reuniões dos corpos gerentes serão sempre lavradas actas que serão obrigatoriamente assinadas pelos membros presentes ou, quando respeitem a reuniões da assembleia geral, pelos membros da respectiva mesa.

### **Secção II**

#### **DA ASSEMBLEIA GERAL**

#### **Artigo 19.º**

#### Composição e competências da assembleia geral

1. A assembleia geral é constituída por todos os sócios admitidos há, pelo menos 6 mês(es), que tenham as suas quotas em dia e não se encontrem suspensos.
2. Compete à assembleia geral deliberar sobre todas as matérias não compreendidas nas atribuições legais ou estatutárias dos outros órgãos de gestão da associação designadamente:
  - a) Definir as linhas fundamentais de actuação da associação;
  - b) Eleger e destituir, por votação secreta, os membros da respectiva mesa, da direcção e do conselho fiscal;
  - c) Apreciar e votar anualmente o orçamento e o programa de acção para o exercício seguinte, bem como o relatório e contas de gerência;
  - d) Deliberar sobre a aquisição onerosa e a alienação, a qualquer título, de bens imóveis e de outros bens patrimonial de rendimento ou de valor histórico ou artístico;
  - e) Deliberar sobre a alteração dos estatutos e sobre a extinção, cisão ou fusão da associação;
  - f) Deliberar sobre a aceitação de integração de uma instituição e respectivos bens;
  - g) Autorizar a associação a demandar os membros dos corpos gerentes por actos praticados no exercício das suas funções;
  - h) Aprovar a adesão a uniões, federações ou confederações

#### **Artigo 20.º**

##### Mesa da assembleia geral

1. A assembleia geral é dirigida pela respectiva mesa, composta por 3 associados, dos quais um será o presidente.
2. Compete à mesa da assembleia geral dirigir, orientar e disciplinar os trabalhos da assembleia geral e lavrar as respectivas actas.

#### **Artigo 21.º**

##### Convocação e funcionamento da assembleia geral

A convocação e o funcionamento da assembleia geral deverão seguir o regime previsto nos artigos 59.º a 63.º do Estatuto das IPSS

### **Secção III DA DIRECÇÃO**

*[Handwritten signatures and initials]*

**Artigo 22.º**  
Composição da Direcção

A direcção da Associação é constituída por 5 membros, dos quais um será o presidente.

**Artigo 23.º**  
Competências da Direcção

*Compete à direcção gerir a Associação e representá-la, incumbindo-lhe designadamente:*

- a) Garantir a efectivação dos direitos dos beneficiários;
- b) Elaborar anualmente e submeter ao parecer do órgão de fiscalização o relatório e contas de gerência, bem como o orçamento e programa de acção para o ano seguinte;
- c) Assegurar a organização e o funcionamento dos serviços, bem como a escrituração dos livros, nos termos da lei;
- d) Organizar o quadro do pessoal, e contratar e gerir o pessoal da associação;
- e) Representar a associação em juízo ou fora dele;
- f) Zelar pelo cumprimento da lei, dos estatutos e das deliberações dos órgãos da associação.

**Artigo 24.º**  
Forma de obrigar a associação

- 1. Para obrigar a associação são necessárias as assinaturas conjuntas de três membros da direcção, ou as assinaturas conjuntas do presidente e do tesoureiro.
- 2. Nos actos de mero expediente bastará a assinatura de um membro da direcção.

**Secção IV**  
DO CONSELHO FISCAL

**Artigo 25.º**  
*Composição do conselho fiscal*

9  
9/10/10  
P

*O conselho fiscal é composto por 3 membros, dos quais um será o presidente.*

#### **Artigo 26.º**

##### **Competências do conselho fiscal**

1. Compete ao conselho fiscal zelar pelo cumprimento da lei e dos estatutos, designadamente:

- a) Exercer a fiscalização sobre a escrituração e documentos da instituição sempre que o julgue conveniente;
- b) Assistir ou fazer-se representar por um dos seus membros às reuniões do órgão executivo, sempre que o julgue conveniente;
- c) Dar parecer sobre o relatório, contas e orçamento e sobre todos os assuntos que a direcção submeta à sua apreciação.

2. O conselho fiscal pode solicitar à direcção elementos que considere necessários ao cumprimento das suas atribuições, bem como propor reuniões extraordinárias para discussão, com qualquer órgão, de determinados assuntos cuja importância o justifique.

### **CAPITULO IV REGIME FINANCEIRO**

#### **Artigo 27.º**

##### **Receitas da associação**

São receitas da associação:

- a) O produto das quotas dos associados;
- b) As participações dos utentes;
- c) Os rendimentos de bens próprios;
- d) As doações, legados e heranças e respectivos rendimentos;
- e) Os subsídios do Estado ou de outras entidades públicas;
- f) Os donativos e produtos de festas ou subscrições;
- g) Outras receitas.

### **CAPITULO V DISPOSIÇÕES DIVERSAS**

10  
10/03/2012

### **Artigo 28.º**

#### **Extinção da associação**

1. No caso de extinção da associação, competirá à assembleia geral deliberar sobre o destino dos seus bens, nos termos da legislação em vigor, bem como eleger uma comissão liquidatária.

2. Os poderes da comissão liquidatária ficam limitados à prática dos actos meramente conservatórios e necessários quer à liquidação do património social, quer à ultimateção dos negócios pendentes.

### **Artigo 29.º**

#### **Casos omissos**

Os casos omissos serão resolvidos pela assembleia geral, de acordo com a legislação em vigor.

#### **Os associados declaram ter sido informados:**

de que devem proceder à entrega da declaração de início de actividade para efeitos fiscais, no prazo legal de 90 dias.

de que o reconhecimento da utilidade pública da Associação e o acesso às formas de apoio e cooperação previstas na lei dependem do seu registo na Direcção-Geral da Segurança Social, nos termos do disposto no Regulamento do Registo das Instituições Particulares de Solidariedade Social do âmbito da acção social no Sistema da Segurança Social, aprovado pela Portaria n.º 139/2007, de 29 de Janeiro.

Aos 29 dias do mês de Março de 2012

*Anexo E*

*Regulamento do Exercício da Atividade  
de Arrumador de Automóveis do  
Município de Leiria*